



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**CURSO DE DOUTORADO**

**ADRIANO SCHLÖSSER**

**Tatuagem: Representações e práticas sociais**

Orientador: Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo  
Coorientadora: Profa. Dra. Andréia Isabel Giacomozzi

Área de Concentração:  
Saúde e Desenvolvimento Psicológico

Linha de Pesquisa:  
Representações e Práticas sociais

Florianópolis,  
2018



ADRIANO SCHLÖSSER

**Tatuagem: Representações e práticas sociais**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo  
Coorientadora: Profa. Dra. Andréia Isabel Giacomozzi

Área de Concentração:  
Saúde e desenvolvimento psicológico  
Linha de Pesquisa:  
Cognição e Representações Sociais

FLORIANÓPOLIS  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schlösser, Adriano  
Tatuagem: representações e práticas sociais /  
Adriano Schlösser ; orientador, Brígido Vizeu  
Camargo, coorientadora, Andréia Isabel Giacomozzi,  
2018.  
206 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. tatuagem. 3. representações  
sociais. 4. práticas sociais. I. Vizeu Camargo,  
Brígido . II. Giacomozzi, Andréia Isabel. III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

*Adriano Schlösser*

**Tatuagem: representações e práticas sociais**

Tese aprovada como requisito parcial á obtenção do grau de Doutor em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 22 de Fevereiro de 2018.

Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes  
(Coordenador – PPGP/UFSC)

Dr. Brigido Vizeu Camargo  
(PPGP/UFSC – Orientador)

Dra. Andréia Isabel Giacomozzi  
(PPGP/UFSC –Coorientadora)

Dr. Mauro Luis Vieira  
(PPGP/UFSC – Examinador Interno)

Dra. Ana Maria Justo  
(PPGP/UFES – Examinadora Externa)

Dr. Alexandre Andrade  
(PPG UDESC – Examinador Externo)

Dr. Adriano Beiras  
(PPGP/UFSC – Examinador Interno Suplente)

Dr. João Wachelke  
(Dr. – Examinador Externo Suplente)



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que plantou tantos sonhos em mim e iluminou minha caminhada.

Ao meu orientador, Prof. Brígido V. Camargo, por todo aprendizado e confiança ao longo de tantos anos no LACCOS. Tenha a certeza de que és um espelho profissional para mim.

À minha coorientadora, Profa. Andréia I. Giacomozzi, pelas contínuas contribuições, suporte e parceria. Você foi muito importante para a concretização dessa etapa.

Aos membros da Banca Examinadora, pela disponibilidade em contribuir com a tese, e pelo exemplo de profissionais em suas respectivas áreas do conhecimento.

À profa. Andrea Barbará Bousfield, que me acolheu no LACCOS e tornou-se uma amiga tão querida e protetora.

À todos os colegas membros do LACCOS, por todas as contribuições, conversas e apoio, fundamentais para minha construção como pesquisador e para a construção desta tese.

À todos os participantes da pesquisa, que se prontificaram a dispor de seu tempo em função da construção do conhecimento científico. De modo muito afetuoso, agradeço ao casal Emerson “Anjo” e Regiane Fernandes, do estúdio Pirata, que tanto apoio deram no recrutamento dos participantes.

À minha família, que sempre apoiou minhas decisões e sonhos: amo vocês!

À Nicole, que entrou em minha vida no fim dessa trajetória, contribuindo com leituras, sugestões e muito afeto, tornando este caminho mais belo.

À todos os meus amigos, que tanto contribuíram para tornar essa jornada mais leve e agradável. Aos amigos que a vida acadêmica e pessoal me presenteou, obrigado por tudo.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, pela oportunidade e confiança a mim oferecidos.

À CAPES, pela concessão da bolsa, que viabilizou a realização do doutorado.

À todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram na realização do meu doutorado.

**MUITO OBRIGADO!**





*“Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da luz, a estação das trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário (...)”(Charles Dickens)*



Schlösser, Adriano (2018). Tatuagem: representações e práticas sociais. Tese de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

## RESUMO

O objetivo desta tese foi investigar as representações e práticas sociais da tatuagem para indivíduos tatuados e não tatuados, de ambos os sexos. Foi feito uso de abordagem multi-método, por meio de três estudos complementares. O estudo 1, de natureza teórica e cunho exploratório, realizou uma revisão sistemática da literatura internacional e nacional em Psicologia sobre tatuagem, no período entre 2000 e 2016. Para os artigos nacionais, foram consultadas SciELO, LILACS e PePSIC, tendo por descritor o termo “tatuagem” OR “arte corporal”. Para as publicações internacionais, foram acrescentadas as bases de dados: PsycNET, PubMed, Scopus e Web of Science, com os termos (tattoo OR bodyart OR tattooing OR tattooist). Ao todo, foram analisados 257 artigos, posteriormente divididos em seis categorias temáticas, sendo 88 deles sobre comportamento de risco, 78 sobre motivações para realização das tatuagens, 15 sobre características de personalidade, 7 sobre arrependimento, 34 investigam tatuagem sobre o olhar da psicologia social e outros 35 foram categorizados na categoria outros. Concluiu-se que a prática da tatuagem, para além da estética, é também parte do comportamento dos indivíduos, atravessado por crenças, pertencimento, cultura dentre tantos outros aspectos psicossociais observados nos artigos analisados. O segundo estudo, de natureza qualitativa, objetivou identificar as representações sociais da tatuagem para indivíduos tatuados. Foram realizadas 36 entrevistas individuais semi-diretivas, com indivíduos tatuados de ambos os sexos, subdivididos em 12 categorias, de acordo com os seguintes critérios: sexo, tamanho da tatuagem e época em que realizou a primeira tatuagem. A análise de dados envolveu Classificação Hierárquica Descendente e nuvem de palavras, realizadas por meio do *software* IraMuTEq, e análise de conteúdo temático-categorial, com o auxílio do *software* Atlas.ti. Os resultados indicam que as representações sociais têm impacto direto na aderência à prática da tatuagem. Por meio da abordagem dimensional das representações sociais, constatou-se que a tatuagem é entendida enquanto forma de externalizar no corpo algum significado importante, com motivos variados. As representações sociais da tatuagem adquirem um papel central na elaboração de maneiras

coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamentos e de comportamentos, considerando que tanto a história de cada participante, quanto suas motivações e relações intra e interpessoais são permeadas por saberes, crenças e valores socialmente adquiridos no contato com diferentes grupos. Outra questão pertinente às representações sociais volta-se a diferenças geracionais. As representações sociais da tatuagem, enquanto prática corporal, variaram de acordo com o ambiente social, a cultura e o momento histórico da sua realização, uma vez que, enquanto indivíduos que se tatuaram até a década de 90 apresentam motivações mais voltadas à quebra de normas sociais e valores de contracultura, os indivíduos tatuados após a década de 90 trazem conteúdos mais voltados à estética, valores individuais e modismo. Também se constatou que as representações e práticas sociais da tatuagem têm representado na sociedade um instrumento de *status* e aceitação social, tendo grande impacto e relevância nas vivências corporais dos participantes. O estudo 3, de natureza quantitativa, enfocou as práticas sociais associadas a tatuagem, para indivíduos tatuados e não tatuados. Participaram 614 indivíduos, divididos entre 306 com tatuagem e 308 sem tatuagem. Foi desenvolvido um questionário *online* autoadministrado, com respostas abertas e fechadas. O questionário apresentou 4 blocos de informações: a) questões sócio-demográficas: idade, estado civil, religião, escolaridade e quantidade de tatuagens; b) práticas sociais: realização de uma ou mais tatuagens em estúdio ou não, visibilidade da tatuagem no corpo, atratividade e preconceito; c) motivações frente à ter ou não ter tatuagem; e d) comportamento de risco: comportamento sexual, uso de álcool e outras drogas, transtornos psicológicos e ideação suicida. Para análise de dados, foi realizada análise estatística descritiva e relacional, com auxílio do programa estatístico SPSS- versão 17.0. Os resultados indicaram quase unanimemente satisfação por possuir tatuagem e desejo de realizar mais, entre o grupo de tatuados, enquanto o grupo de não tatuados expressou em sua maioria a vontade de realizar futuramente. Com relação as práticas sociais, verificou-se que: a maioria dos participantes tatuados realizou suas tatuagens em estúdios; a maioria das tatuagens são passíveis de serem cobertas, de acordo com o local do corpo em que foram realizadas; um percentual significativo dos participantes tatuados afirmou ter sofrido preconceito, principalmente em contextos de trabalhos e/ou familiares; a maioria dos tatuados apontou sentirem-se mais fisicamente atraentes por possuírem tatuagem; e apresentam áreas corporais mais atraentes para ter tatuagem diferente entre os sexos. Acerca das motivações para se tatuar, enquanto as

participantes do sexo feminino tendem a apresentar conteúdos mais voltados a contextos sociais, como lembrança de alguém significativo ou momento, os homens apresentam conteúdos mais individuais, como expressão de identidade e forma de expressão. Entre os não tatuados, as principais motivações envolvem custo financeiro, dor, não achar atraente e/ou não achar que ficaria bem no próprio corpo. Com relação aos comportamentos de risco, houve associações estatisticamente significativas associadas a tatuagem com os seguintes elementos: início de atividade sexual precoce, número maior de parceiros entre participantes do sexo feminino com tatuagem, experiências sexuais, uso de álcool entre mulheres tatuadas, uso de tabaco, maconha e demais drogas ilícitas, diagnóstico psiquiátrico entre mulheres tatuadas, e ideação suicida entre mulheres não tatuadas. Embora com resultados estatisticamente significativos, ressalta-se que os valores apresentados entre tatuados e não tatuados foram muito semelhantes, indicando-se cautela em associar comportamentos desviantes a indivíduos com tatuagens.

**Palavras-chave:**práticas sociais;representações sociais; tatuagem.



Schlösser, Adriano (2018). Tattoo: social representations and practices. PhD Thesis in Psychology, Postgraduation Programme in Psychology. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

### **ABSTRACT**

This thesis aimed at investigating social representations and practices of tattooing among tattooed and non-tattooed males and females. A mixed-method approach was employed consisting of three complementary studies. Study number 1, a desk study of an exploratory nature, involved a systematic national and international literature review in Psychology on the theme of tattooing, covering the period between the years 2000 and 2016. For national articles, SciELO, LILACS and PePSIC databases were consulted, using the descriptor “tatuagem” OR “arte corporal”. For international publications, PsycNET, PubMed, Scopus and Web of Science were also consulted, using the terms (tattoo OR bodyart OR tattooing OR tattooist). Overall, 257 articles were analyzed and later divided in six thematic categories; 88 articles dealt with risk behaviors, 78 with the motivations for getting tattooed, 15 with personality characteristics, 7 with regret, 34 researched tattooing from a social psychology perspective, and 35 articles fell into the "other" category. As a conclusion, tattooing practices were found to be part of individuals' behaviors, beyond mere aesthetics; behaviors that are related to beliefs, belonging, and culture, among many other psychosocial aspects that were observed in the selected articles. The second study, of a qualitative nature, aimed at identifying social representations of tattooing for tattooed individuals. 36 individual in-depth semi-structured interviews were done with tattooed males and females, subdivided into 12 categories according to the following criteria: sex, tattoo size, and time period when tattoo was made. Data analysis involved descendant hierarchical cluster analysis and word cloud using the IramuTEq software, and thematic analysis done with Atlas.ti software. Results indicate that social representations have a direct impact on adherence to tattooing practices. Through a dimensional approach to social representations, it was found that tattooing is understood as a way of externalizing on the body some important meaning, involving different motivations for such. Social representations of tattooing acquire a central role in the process of elaborating collective ways of seeing and living the body, disseminating models of thought and

behavior, taking into consideration that each participant's history, as well as her or his motivations and intra- and interpersonal relations are permeated by different forms of knowledge, beliefs, and values that are acquired socially in the relations with different groups. Another issue related to social representations refers to generational differences. Social representations of tattooing, as a body practice, vary depending on social environment, culture and the time period in which the tattoo was made. Whereas individuals who got tattooed up until the 1990's present motivations more connected to counterculture values and breaking social rules, people who got tattooed after the 1990's refer to factors more associated with aesthetics, individual values, and fashion or trends. It was also found that social representations and practices of tattooing are seen as instruments of status and social acceptance socially, having great impact and relevance for the participants' bodily experiences. Study number 3, of a quantitative nature, focused on social practices associated with tattooing for tattooed and non-tattooed persons. 614 individuals participated in the research, divided in two groups: 306 tattooed persons, and 308 non-tattooed ones. An online questionnaire was developed consisting of open-ended and closed-ended items, presenting four question blocks: a) sociodemographic data: age, marital status, religion, education level, and number of tattoos; b) social practices: having one or more tattoos done at tattoo studios (or not), visibility of tattoo, attractiveness, and prejudice; c) motivations for having or not having a tattoo; and d) risk behaviors: sexual behaviors, use of alcohol and other drugs, psychological disorders, and suicidal ideation. Data analysis involved descriptive and relational statistical analysis through SPSS (17.0 version) software. Results indicate almost unanimous satisfaction with having tattoo(s) and a desire for getting other tattoos, among the tattooed persons; whereas the non-tattooed ones expressed a desire of getting a tattoo in the future. As regards social practices, the majority of participants got tattooed in tattoo parlors; most tattoos could be covered so as not to be visible, depending on where they were placed on the body; a significant percentage of tattooed participants mentioned having suffered discrimination and prejudice, especially in work-related and/or family-related contexts; most tattooed participants affirmed feeling more physically attractive for having a tattoo; and the body areas felt to become more attractive due to having a tattoo differed between the sexes. As regards motivation for getting tattooed, while females tend to express factors more connected to social contexts, such as a memento of a significant other or moment, males voiced more individual factors, such as identity expression and form of



expression. Among the non-tattooed participants, financial costs, fear of pain, not finding tattoos attractive and/or not believing the tattoo would look good on the body were the main reasons for not getting tattooed. As regards risk behaviors, being tattooed correlated with precocious beginning of sexual life, number of partners, psychopathology and alcohol use among tattooed women, sexual experiences, tobacco, marijuana and other illicit drug use, and suicidal ideation among non-tattooed women. Although the results were significant, tattooed and non-tattooed groups presented more similarities than differences, indicating that caution is advised when associating deviant behavior with tattooed individuals.

**Key-words:** social practices; social representations; tattooing.



## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Categorias metodológicas elaboradas para classificação dos estudos.....	58
<b>Tabela 2.</b> Categorias temáticas elaboradas para classificação dos estudos.....	63
<b>Tabela 3.</b> Perguntas norteadoras para o pesquisador na entrevista semi-diretiva.....	73
<b>Tabela 4.</b> Análise temático-categorial das entrevistas em profundidade.....	83
<b>Tabela 5.</b> Distribuição dos participantes considerando sexo e grupo.....	123
<b>Tabela 6.</b> Grau de escolaridade dos participantes, distribuídos por sexo e categoria.....	126
<b>Tabela 7.</b> Quantificação da visibilidade das tatuagens dos participantes, de acordo com o sexo.....	128
<b>Tabela 8.</b> Frequência de áreas do corpo consideradas mais atraentes no sexo masculino, por sexo e categoria.....	130
<b>Tabela 9.</b> Frequência de áreas do corpo consideradas mais atraentes no sexo feminino, por sexo e categoria.....	132

<b>Tabela 10.</b> Diagnóstico psiquiátrico e frequência, de acordo com sexo e grupo dos participantes.....	141
--	-----

### **Lista de Figuras**

<b>Figura 1.</b> Frequência de publicações científicas nacionais e internacionais sobre tatuagem entre 2000 e 2016.....	60
---	----

<b>Figura 2.</b> Nuvem de palavras referente ao corpus Entrevista semi-diretiva.....	76
--	----

<b>Figura 3.</b> Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente relativa ao corpus “Entrevista semi-diretiva” .....	78
---	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>29</b>
2.1. Objetivo Geral.....	29
2.2. Objetivos Específicos.....	29
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>31</b>
3.1. Paradigma das Representações Sociais.....	31
3.1.1. Construção teórica.....	31
3.1.1.1. Definição.....	33
3.1.1.2. Características das RS: formação, funções, dimensões, reconhecimento, abordagens teóricas e método.....	35
3.2. Representações e práticas sociais.....	39
3.3. Corpo e imagem corporal.....	41
3.3.1. Representações sociais, práticas corporais e imagem corporal.....	45
3.4. Tatuagem: definição e histórico.....	48
<b>4. ESTUDO TEÓRICO .....</b>	<b>57</b>
4.1. MÉTODO.....	57
4.1.1. Delineamento.....	57
4.1.2. Coleta de dados.....	57
4.1.3. Análise de dados .....	58
4.2. RESULTADOS.....	59
4.2.1. Categorias temáticas dos estudos.....	63
4.3. DISCUSSÃO.....	67
<b>5. ESTUDO QUALITATIVO.....</b>	<b>71</b>
5.1. MÉTODO.....	71
5.1.1. Delineamento.....	71
5.1.2. Participantes.....	71
5.1.3. Coleta de dados.....	72

5.1.4.	Procedimentos.....	73
5.1.5.	Análise de dados .....	74
5.2.	RESULTADOS.....	74
5.2.1.	Descrição dos participantes .....	74
5.2.2.	Representações sociais da tatuagem.....	75
5.2.2.1.	Análise textual.....	75
5.2.2.2.	Análise temático-categorial.....	82
5.3.	DISCUSSÃO.....	109
<b>6.</b>	<b>ESTUDO QUANTITATIVO.....</b>	<b>123</b>
6.1.	MÉTODO.....	123
6.1.1.	Delineamento.....	123
6.1.2.	Participantes.....	123
6.1.3.	Instrumento.....	123
6.1.4.	Procedimento de coleta de dados.....	124
6.1.5.	Análise de dados .....	124
6.1.6.	Aspectos éticos.....	124
6.2.	RESULTADOS.....	125
6.2.1.	Caracterização da amostra.....	125
6.2.2.	Práticas sociais.....	127
6.2.3.	Motivações para tatuagem.....	133
6.2.4.	Comportamento de risco.....	134
6.3.	DISCUSSÃO.....	142
<b>7.</b>	<b>RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS DA TATUAGEM .....</b>	<b>150</b>
<b>8.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>153</b>
<b>9.</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>159</b>
<b>10.</b>	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>195</b>
10.1.	Apêndice 1.....	195
10.2.	Apêndice 2.....	197
10.3.	Apêndice 3.....	199







## 1. INTRODUÇÃO

Em todas as culturas e sociedades, a interferência no corpo, através das práticas de modificação corporal, constituiu-se como fundamental fonte simbólica, que comunica a experiência social e pertencimento grupal (Kemp, 2005). Esta prática não é recente, uma vez arqueólogos encontraram um corpo humano mumificado de 5.300 anos e datado de 2.500 a.C., chamado de Ötzi (homem do gelo). A múmia apresenta 61 tatuagens em diversas partes do corpo (Pabst *et al.*, 2009; Samadelli, Melis, Miccoli, Vigl, & Zink, 2015). Atualmente, a tatuagem tem sido um dos tipos de modificação corporal mais praticada na maior parte dos países do Ocidente e Oriente (Atkinson, 2002; Gouveia, Medeiros, Mendes, Vione, & Athayde, 2010).

Por modificação corporal, compreende-se o conjunto de práticas relativas a quaisquer alterações e marcações no corpo, que altere permanentemente a aparência (Brooks, Woods, Knight, & Shrier, 2003), ou seja, que não seja removida naturalmente do corpo. Práticas comuns que exemplificam tal fenômeno são: exercícios físicos, aplicação de *piercings* e tatuagens, perfuração e alongamento de lóbulos, cirurgias plásticas ou recursos não invasivos de clínicas estéticas. Também fazem parte deste grupo às práticas consideradas radicais vinculadas a modelos culturais, como as “mulheres girafa” na Tailândia, ou os “pés de chinesas” na China (Gorender, 2008).

A prática de tatuagem pode ser encontrada em diversos segmentos da cultura popular (Carmen, Guitar, & Dillon, 2012). Atores e atrizes de filmes e telenovelas, músicos, atletas e demais celebridades do mundo do entretenimento as exibem, contribuindo assim com sua divulgação e naturalização (Tiggeman & Hopkings, 2011). Diversas séries televisivas têm sido realizadas tendo a prática da tatuagem como foco, tais como os *reality shows* “*Bad Ink*” e “*America’s Worst Tattoos*”, “*Best Ink*”, competição entre tatuadores famosos; “*Miami Ink*” e “*NY Ink*”, programas que seguem a rotina de dois estúdios de tatuagens, em Miami e Nova York; dentre outros.

Nos Estados Unidos, o dia 5 de junho é comemorado como o Dia Nacional da Tatuagem, numa tentativa de valorizar a tatuagem como uma expressão artística. No Arizona-EUA, foi criada a Igreja da Modificação Corporal, com cerca de dois mil seguidores, que tem por doutrina a existência de espiritualidade também no desejo de modificar o corpo humano, ou seja, a tatuagem representa uma forma de elo com o sagrado. Outra função contemporânea da tatuagem diz respeito ao seu

uso como alerta médico, como, por exemplo, indicando o tipo sanguíneo ou a presença de doenças, como diabetes ou epilepsia (Clinical Rounds, 2009).

As diferentes funções da tatuagem citadas anteriormente demonstram a popularidade que essas práticas têm manifestado nos últimos 30 anos (Kluber, 2010; van der Meer, Weijmar, Schultz, & Nijman, 2008). O avanço nas técnicas de tatuagem tem contribuído com sua popularização, com o desenvolvimento de pigmentos, equipamentos mais sofisticados e novos procedimentos de assepsia. A profissionalização de tatuadores também foi importante, melhorando sua aceitação e divulgando-a no cenário popular (Greif, Hewitt, & Armstrong, 1999; Swami & Furnham, 2007).

Operacionalmente, a tatuagem é um procedimento realizado no corpo, que imprime uma marca permanente através de um desenho sob a superfície da pele (Durkin, 2012; King & Vidourek, 2013; Kluger, 2014; Stirn, Oddo, Peregrinova, Philipp, & Hinz, 2011; Valentí, 2009). Ela é realizada por meio de um dispositivo, que injeta um pigmento ou corante permanente através de punções na derme, podendo apenas ser retirada por cirurgia ou *laser* (Tiggemann & Hpkings, 2011).

Etimologicamente, o termo tatuagem provém do taitiano “*ta-tah*” ou “*tah-tah tow*” (Krakow, 1994; Mucciarelli, 1999), e tem por significado “ferida”, “desenho batido” ou “marcar o corpo”. A palavra é uma onomatopeia relacionada ao som do instrumento utilizado para bater num tronco oco, também usado na (Mucciarelli, 1999). O termo inglês *tattoo* foi introduzido pelo capitão inglês James Cook, em 1769, por meio de suas expedições às Ilhas do Pacífico Sul, quando entrou em contato com nativos que realizavam essa prática (Correio Jr, 2004). A palavra foi traduzida para outros idiomas: tatuagem (português), *tatouage* (francês), *tattuaggio* (italiano) e *tätowierung* (alemão) (Braverman, 2006; Mucciarelli, 1999).

Estudos internacionais demográficos e epidemiológicos têm trazido informações importantes a respeito da incidência da prática de tatuagem e de outras modificações corporais sobre a população. Em pesquisa de larga escala realizada na Austrália, 10% dos entrevistados afirmaram ter uma tatuagem, 32% possuíam perfurações nas orelhas e 7% possuía outro tipo de *piercing* (Makkai & McAllister, 2001). Resultados semelhantes foram encontrados em estudos nos EUA, no qual 24% dos participantes afirmaram possuir tatuagem, com distribuição igual em ambos os sexos (Lauman & Derick, 2006). Dados similares foram encontrados em um estudo efetuado na Alemanha (Stirn, Hinz, & Brähler, 2006).

Pesquisas das décadas de 90 e início dos anos 2000 nos EUA apontaram que 10% a 20% dos homens e 10% das mulheres têm tatuagens (Anderson, 1992; Greif, Hewitt, & Armstrong, 1999; Hawkes, Senn, & Thorn, 2004). O Centro de Pesquisas Pew, responsável por estudos sobre atitudes e tendências que influenciam os Estados Unidos e o Mundo, divulgou em 2010 resultados que apontaram que 23% das pessoas entrevistadas possuíam tatuagem (Pew Research Center, 2010). No mesmo ano, pesquisa realizada com a população alemã divulgou que 15% dos participantes afirmaram possuir alguma tatuagem, e 20% possuíam *piercing* (Stieger, Pietschnig, Kastner, Voracek, & Swami, 2010). No Brasil não há um estudo demográfico ou epidemiológico oficial publicado, que aborde o tema tatuagem ou quaisquer práticas de modificação corporal na população brasileira.

Com o crescente interesse em tatuagem e aumento de sua prática, observa-se também uma alteração nas crenças, valores e atitudes acerca desse fenômeno, em comparação com as décadas anteriores a 1980. Neste período, as tatuagens se associavam principalmente a grupos marginalizados, como prisioneiros, prostitutas, exército, grupos *punks*, *hippies*, dentre outros, e significavam uma forma de rompimento às normas sociais (Benson, 2000; Gorender, 2008; Le Breton, 1995; Pérez, 2006; Pierrat, 2000). Atualmente, as tatuagens têm sido associadas à dimensão estética, bem como à busca pela singularidade, individualidade e pertença grupal (Braga, 2009; Dadalte, Mariano, Pedrão, Soares, 2013; Gaspard, Hamon, Da Silva Junior, & Doucet, 2014; Gorender, 2008; Lise, Cataldo Neto, Gauer, Dias, & Pickering, 2010; Moreira, Teixeira, & Nicolau, 2010; Nolasco, 2006; Quint, Breech, Auslander, & Rosenthal, 2005; Tiggemann & Hopkings, 2011; Silva, 2011; Valentí, 2009).

A prática de tatuagem também representa uma questão de saúde pública, pois devido ao crescente aumento dessa indústria, os padrões de segurança e prevenção de doenças têm sido constantemente avaliados. A intensificação da fiscalização está relacionada aos riscos de complicações médicas e de transmissão de doenças como hepatite B e C, vírus HIV e infecções (Betz, 2009; Bouchy et al., 2013; Durkin, 2012; Huynh, Jackson, & Brodell, 2014; Jafari, Copes, Baharlou, Etminan, & Buxton, 2010; Juhas & English III, 2013; Kluger & Kolionen, 2012; Lehman, Huy, Levy, Viet, Mobley, & McCleery, 2010; Mayers & Chiffrieller, 2008). A realização de tatuagens e/ou *piercings* também é apontada como principal causa de complicações relacionadas a

cardiopatias congênitas (Armstrong, DeBoer, & Cetta, 2008; Satchithananda, Walsh, & Schofield, 2001).

Estudos dermatológicos sobre os diversos tipos de pigmentos e possíveis reações alérgicas têm sido realizados na última década (Lee-Wong, Karagic, & Silverberg, 2009; Pritzker, Iyengar, Rohrer, & Arndt, 2015). Também foram apresentadas técnicas de remoção e efeitos de tatuagens de *henna* sobre a saúde (Barea, Andonegui, & Figueroa, 2013; Bentaleb, Zouhair, & Benchikhi, 2008; Burdall, Longworth, & Nyugen, 2014; Ip & Hoddes, 2014; Kim, 2015; Kluger, Raison-Peyron, & Guillot, 2008; Kossida, Rigopoulos, Katsambas, & Anderson, 2012; Mao & DeJoseph, 2012;).

No campo da ciência psicológica, estudos internacionais têm apresentado resultados sobre a relação entre tatuagem e comportamentos de risco, como distúrbios alimentares, uso de álcool e outras drogas, comportamentos sexuais de risco ou abuso sexual na infância, depressão, comportamentos suicidas e suicídio, agressividade, baixa tolerância à frustração e impulsividade, dependência à tatuagem, comportamento criminoso, dentre outros (Braithwaite, Robillard, Woodring, Stephen, & Arriola, 2001; Byard & Charlwood, 2014; Brooks *et al.*, 2003; Deschesnes, Finès, & Demers, 2006; Heywood *et al.*, 2012; Jennings, Fox, & Farrington, 2014; King & Vidourek, 2013; Koch, Roberts, Armstrong, & Owen, 2010; Krasic, Mitic, Kostic, Ilic, & Rankovic, 2011; Solano *et al.*, 2014; Stirn, Oddo, Peregrinova, Philipp, & Hinz, 2011; Preti *et al.*, 2006; Sosin, 2014; Stirn *et al.*, 2012; Yen *et al.*, 2012).

Também existem publicações fazendo relação entre práticas de tatuagem e religião, bem como tatuagem como demonstração de qualidade biológica, a partir da psicologia evolucionista (Carmen, Koziel, Kretschmer, & Pawlowski, 2010; Guitar, & Dillom, 2012; Koch & Roberts, 2012; Kluge, 2012; Scheinfeld, 2007). Pesquisas comparativas entre mulheres tatuadas e não tatuadas, percepções sociais, físicas, e atitudes frente pessoas tatuadas, preditores de intenção de praticar modificação corporal e representação simbólica da tatuagem também puderam ser verificados, denotando a dimensão psicossocial do fenômeno (Cano, 2010; Dickson, Dukes, Smith, & Strapko, 2014; Madfis, & Arford, 2013; Swami & Furnham, 2007; Thompson, 2015).

No tocante às pesquisas nacionais, observa-se uma carência de estudos psicológicos empíricos relacionados a esse fenômeno, quando comparados com estudos internacionais. Há predominância de estudos teóricos e de abordagem qualitativa (Almeida, 2000; Braga, 2009; Dadalte *et al.*, 2013; Gorender, 2008; Siqueira & Queiroz, 2012; Silva,

2011; Macedo *et al.*, 2009; Moreira *et al.*, 2010; Sabino & Luz, 2006). Estudos quantitativos e de caráter psicométrico são escassos no cenário brasileiro, o que indica um campo de pesquisa a ser explorado (Conti *et al.*, 2012; Gouveia, *et al.*, 2010; Medeiros, Gouveia, Pimentel, Soares, & Lima, 2010)

Tendo em vista a relevância que a prática de tatuagem tem na atualidade, percebe-se a necessidade de estudos sobre o tema na população brasileira, devido à lacuna teórica observada. Do ponto de vista psicossocial, o que se tem percebido é uma transformação nos valores, crenças e sentidos relacionados à prática de tatuagem. Há modificações também na forma como estas se inserem nos modelos contemporâneos de conceber o corpo enquanto uma construção do indivíduo em sua relação com o meio.

A prática de tatuagem, enquanto forma de estética, linguagem e individualização, liga-se diretamente nas representações sociais do corpo, que por sua vez apresenta-se como um fenômeno cuja particularidade se dispõe na relação entre social e o individual, pois tanto é objeto de uma experiência pessoal imediata, onde se inscreve a subjetividade, quanto é objeto do pensamento social, conduzido por sistemas prescritivos que se demonstram nas cenas sociais (Jodelet, Ohana, Bessis-Moñino, & Dannenmuller, 1982). Isto o torna um relevante fenômeno de estudo para a psicologia social – incluindo as representações sociais como teoria de sustentação (Jodelet, 1984).

As representações sociais (RS) são compreendidas como o estudo científico do senso comum – uma vez que o senso comum apresenta-se como uma forma de conhecimento específico, não sendo uma forma falha de conhecimento científico (Moscovici, 2003). Ela varia, de acordo com o contexto de relações sociais no qual está inserido (Doise, 1985), dando sentido à realidade dos grupos sociais e influenciando em suas visões de mundo (Jodelet, 2001). A partir destas representações, pode-se acessar a maneira como indivíduos compreendem determinado fenômeno e quais atitudes tomam frente ao mesmo (Rouquette, 1998).

As RS adquirem um papel central na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamentos e de comportamentos. Tendo em vista que a imagem corporal representa na sociedade contemporânea um instrumento de *status* e aceitação social, sendo que as práticas de tatuagem têm tido grande impacto e relevância nas vivências corporais da população (Camargo, Justo, & Alves, 2011).

Outra questão pertinente às representações sociais volta-se a diferenças geracionais. Tendo em vista que práticas corporais variam de acordo com o ambiente social (Andrieu, 2006; Ory, 2006), a cultura e o momento histórico tornam-se fatores importantes para compreender as experiências corporais. O que se verifica é que houve, nas últimas duas ou três gerações, uma mudança de valores morais e consequentemente na relação dos indivíduos com seus corpos, redefinindo regras atribuídas ao corpo (Ory, 2006; Justo, 2011).

Nessa perspectiva considera-se importante a vinculação das representações e práticas corporais associadas a grupos geracionais, uma vez que tendem a compartilhar valores e crenças, diferenciando-os de grupos etários de diferentes períodos. Por grupo geracional, compreende-se como sendo um conjunto de indivíduos de uma sociedade com idades e experiências similares, que nasceram num mesmo período (Durozoi, 1996). De modo geral, vivenciaram acontecimentos semelhantes e tiveram uma experiência histórica que compartilhou valores, crenças e situações peculiares de uma época (Bacon, 1986). Sendo assim, a vinculação de RS a grupos geracionais permite verificar valores distintos, considerando o momento histórico e social a qual foram formados e que influenciou na formação de suas RS.

O corpo media nossas relações com o mundo, e o mundo – com seus padrões, regras, normas e modelos – media a relação entre identidade cultural e o próprio corpo. Nele se agregam características biológicas, psicológicas, individuais e sociais, sendo o corpo construído, utilizado e simbolizado mediante o intercâmbio destas dimensões (Helman, 2009). A relação entre identidade pessoal e pertencimento grupal também é um dos fatores que denotam a relevância deste fenômeno, pois se relacionam diretamente com a concepção de corpo. O corpo, por sua vez, é entendido como resultante de uma construção simbólica e de uma invenção subjetiva de acordo com as percepções e as representações individuais e coletivas (Andrieu, 2006).

Este estudo parte das seguintes hipóteses: a) As RS da tatuagem apresentarão diferenças, de acordo com a época em que foi realizada. Indivíduos que realizaram sua primeira tatuagem antes da década de 90 trarão representações mais voltadas a aspectos ideológicos, quebra de normas sociais e/ou pertencimento grupal, enquanto indivíduos que realizaram sua primeira tatuagem a partir do século XXI fizeram-na com finalidade estética; b) com a maior aderência a práticas da tatuagem pela população, bem como sua conotação com fins estéticos, os comportamentos de risco associados a tatuagem terão menor preponderância na população deste estudo. Para tanto, parte-se do

seguinte problema de pesquisa: *Quais as representações e práticas sociais da tatuagem para indivíduos tatuados e não tatuados, de ambos os sexos?*

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral:**

- Investigar as representações e práticas sociais da tatuagem para indivíduos tatuados e não tatuados, de ambos os sexos.

### **2.2. Objetivos Específicos:**

- Verificar as produções científicas já produzidas sobre tatuagem, no campo da psicologia e áreas de interlocução teórica.
- Identificar as motivações para realização e não realização da tatuagem, para indivíduos tatuados e não tatuados, de ambos os sexos.
- Descrever as RS acerca da tatuagem, em suas dimensões: informacional, atitudinal e de campo, para indivíduos tatuados de ambos os sexos.
- Descrever e comparar as práticas sociais da tatuagem para indivíduos tatuados e não tatuados, de ambos os sexos.





### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1. PARADIGMA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (PRS)

##### 3.1.1 Construção teórica

A gênese conceitual de RS ou coletiva é proveniente da antropologia e sociologia, através de Lévy-Bruhl e Durkheim, servindo de elemento crucial para a construção de uma teoria voltada ao pensamento mítico, religião e da magia. Também influenciou na teoria da linguagem proposta por Saussure, além de estar presente na teoria das representações infantis de Piaget, e na do desenvolvimento cultural, de Vygotsky (Moscovici, 2000).

Contudo, a psicologia social carecia de uma teoria desse conceito e dos fenômenos expressos por ela. A partir dessa constatação, o psicólogo social Serge Moscovici propõe tal teoria, a partir de sua tese de doutorado intitulada “*La psychanalyse: Son image et son public*” (Moscovici, 1961/2012), defendida em 1961. O interesse teórico de Moscovici (Farr, 2000a) situava-se nas representações leigas da ciência, isto é, no limite entre a ciência e o pensamento do senso comum.

Em sua tese orientada por Daniel Lagache (Almeida, Santos, & Trindade, 2011), Moscovici resgata o conceito de “representações coletivas”, desenvolvido ao final do século XIX pelo sociólogo francês Emile Durkheim, que buscava explicar inúmeros fenômenos sociais mediante um conjunto sistemático de elementos, definido o conceito como sendo diferentes formas de saberes e pensamentos coletivamente partilhados (como mitos, opiniões, religiões, crenças, etc.) (Nóbrega, 2003). As representações eram consideradas coletivas à medida que dirigiam os indivíduos a pensarem e agirem de forma homogênea; além de serem estáveis em sua transmissão e reprodução; e também por perdurar por gerações, exercendo também coerção, uma vez que não se permitia questionamento, impondo-se na vida de cada indivíduo (Moscovici, 2001).

O conceito durkheimiano, em sua busca de compreender aspectos permanentes da humanidade, interpretava dicotomicamente o

indivíduo e a sociedade, o coletivo e o individual, considerando demasiadamente estática a dimensão social e negligenciando a possibilidade de mudanças individuais, levando seu conceito ao esquecimento durante décadas (Moscovici, 2001). Diante das lacunas teóricas do conceito de Durkheim, Moscovici o retoma e reformula em sua tese, introduzindo o que se constituiria um novo objeto da psicologia social: o estudo das representações sociais (Jesuino, 2011; Nóbrega, 2003).

Em sua tese de doutorado, Mosovici apresenta as representações sociais (RS), tendo por fenômeno a apropriação do conhecimento psicanalítico por diversos setores franceses que difundiam este conhecimento científico à população, transformando-o num saber popular e prático, de senso comum. Moscovici fez uso de questionários direcionados a amostras de grupos específicos, bem como mediante análise de conteúdo dos meios de comunicação, examinando diferentes elucidações proferidas por diferentes setores da sociedade sobre a psicanálise, até então um novo conhecimento científico e profissional que se difundia na França dos anos 50 (Wachelke & Camargo, 2007).

Sua busca acadêmica não se configurava por modelos tradicionais de saberes da sociedade, mas “pela inovação de um social móvel do mundo moderno” (Nóbrega, 2003, p.55). É nesta lógica que o termo representação altera-se de “coletiva” para “social”, tendo em vista que os contextos de sociedade de Durkheim eram menos complexas, ao passo que as sociedades modernas caracterizam-se por seu pluralismo e velocidade com que ocorrem as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais (Farr, 2000a; Moscovici, 2001).

As RS constituem-se como uma forma sociológica de Psicologia Social, demarcada por diferir-se das formas psicológicas de Psicologia Social, com predomínio norte-americano (Farr, 2000a). Moscovici (2000) visualizou uma Psicologia Social cujo enfoque fosse os fenômenos psicológicos da perspectiva da vida social e cultural, e não uma psicologia cujo intuito seja adicionar uma dimensão social aos fenômenos individuais. É neste aspecto ela torna-se central para a Psicologia Social, pois a conduz a um olhar que apresenta a necessidade de manutenção das relações entre as ciências psicológicas e as ciências sociais. Ainda que o funcionamento psicológico dos indivíduos seja pré-requisito para a origem e funcionamento dos grupos e sociedades, apenas o funcionamento psicológico individual não seria capaz de explicar os níveis das dimensões do social, cultural e grupal (Wagner, 2000).

Moscovici não vê a sociedade como um conjunto de pessoas meramente receptoras de informação e conhecimento, ao contrário, a sociedade pensa por si mesma, em constante produção de significados, com vista em sua historicidade e vivências sociais. O conhecimento resultante disso é materializado na forma de RS, com o objetivo de encontrar soluções às demandas do cotidiano (Moscovici, 2003). Para formalizar essa proposição, Moscovici introduz o termo “sociedade pensante”, retratando um cenário onde as pessoas constroem o conhecimento, apropriam-se dele, transformam e o compartilham, assumindo aspectos de “filosofias” informais que exercem impacto nas relações sociais de modo geral. O conhecimento desenvolvido pela ciência, pela ideologia e que chega até os sujeitos é apenas o alimento para esse pensamento social (Moscovici, 1981; 2003).

### 3.1.1.1. Definição

Acerca de sua definição, o conceito de RS é multifacetado, uma vez que tanto é concebida como um processo social envolvendo discurso e comunicação, no qual objetos sociais e significados são construídos e elaborados, quanto também são compreendidas como estruturas individuais de conhecimentos, símbolos e afetos, espalhados entre as pessoas, em grupos e sociedades (Wagner, 2000). Tais visões permitem maior versatilidade da teoria – atualmente também pensada como um paradigma (Camargo, 2007; 2015; 2016; Sammut, Andreouli, Gaskell, & Valsiner, 2015) dando origem a diversas interpretações e aplicações. Esta multiplicidade de definições polissêmicas também tende a recortar dimensões e aspectos específicos, de acordo com as especificidades de cada investigação (Vala, 2006).

A proposta de construção teórica apresentada por Moscovici (1969) busca fazer uma análise dos processos através dos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre objetos sociais. Neste aspecto, as RS não são construídas unicamente por teorias científicas acerca dos objetos, mas também de fenômenos culturais, ideológicos, das vivências e experiências do cotidiano (Vala, 2006).

Para Jodelet (2001) o PRS apresenta dois aspectos elementares: ela tanto emerge enquanto modalidade de conhecimento prático voltado para a comunicação e compreensão do mundo, quanto emerge como

elaboraões dos indivíduos sobre objetos socialmente significativos. Logo, não pode ser reduzida apenas ao seu conteúdo cognitivo, mas necessita ser associada ao contexto que fora produzida e da sua funcionalidade nas interações sociais.

Embora Moscovici fosse contrário à definiões operacionais do conceito de RS, haja vista a possibilidade de bloquear sua capacidade heurística (Moscovici, 1988b), ele considera as RS como um conjunto de conceitos, afirmaões, explicaões e proposiões produzidos na vida cotidiana, no andamento da comunicação interindividual. Tais conceitos e explicaões formam uma teoria do senso comum, inserida no universo das opiniões e conceitos dados aos fenômenos do cotidiano (Moscovici, 2012). As RS se organizam como uma forma de conhecimento sobre a realidade, que se estrutura nas relações do indivíduo com sua realidade, sendo elas, simultaneamente, geradas e adquiridas (Moscovici, 2001).

Jodelet (2001) complementa a proposião de Moscovici, enfatizando o aspecto pragmático das RS ao conceituá-la como uma forma de conhecimento elaborado e partilhado socialmente, com um objetivo prático, convergindo para a construção de uma realidade comum a um grupo social sobre um determinado objeto. A partir destas representações, pode-se acessar a maneira como indivíduos compreendem determinado fenômeno e quais atitudes tomam frente ao mesmo (Rouquette, 1998).

Outros teóricos de relevância para as RS também trazem conceituaões. Para Wagner (1998), a RS é um conceito mentalmente estruturado (por meio de seus componentes cognitivos, avaliativos, simbólicos e afetivos) sobre determinado objeto social, que passa a ser socialmente partilhado com indivíduos pertencentes a um determinado grupo social. Já Abric (1998), expoente da abordagem estrutural das RS, salienta que as representações sociais buscam esclarecer aspectos importantes da realidade, além de definir a identidade grupal, nortear práticas sociais, explicar ações e tomadas de posição depois que estas são concretizadas, além de classificar eventos sociais, de acordo com determinadas interpretaões grupais.

Segundo Doise, propositos da abordagem societal das RS, estas se constituem como princípios geradores de tomadas de posição ligadas à inserões específicas num conjunto de relações sociais, estabelecendo os processos simbólicos que interferem nestas relações (Doise, 1986). São organizadores das relações simbólicas entre atores sociais (Doise, 1990).

Os fenômenos sociais que permitem a identificação das representações sociais se apresentam no senso comum, em conversações

e saberes populares, bem como nas religiões, nas ciências, nas ideologias e em outras conjunturas (Moscovici, 2000). Os indivíduos não apenas recebem informações e as processam, mas são constroem significados e teorizam a realidade social (Vala, 2006).

Fenômenos perceptivos, opiniões, crença, imagens ou atitudes, que constroem “o tecido atômico das RS” (Nóbrega, 2003, pg. 59) apenas adquirem uma estruturação compreensiva mediante seu entrelaçamento, permitindo a imputação de sentido aos fenômenos psicossociais. Sendo assim, as RS devem ser exploradas associando elementos mentais, afetivos e sociais, incluindo a linguagem, a comunicação e a cognição às relações sociais que afetam as RS, bem como à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas atuam (Jodelet, 2001).

### 3.1.1.2. Características das RS: Formação, funções, dimensões, reconhecimento, abordagens teóricas e método

Dois conceitos que integram os estudos sobre RS necessitam ser definidos, uma vez que definem a própria existência da teoria, sendo eles conceituados como: universo consensual e universo reificado. Suas especificidades são definidas por Moscovici (1981; 2003) da seguinte forma: o universo consensual é constituído pelo conhecimento leigo, onde o mesmo é livremente partilhado por pessoas não especialistas. Já o universo reificado apresenta o conhecimento científico e especializado como modelo correspondente a este tipo de saber, sendo o mesmo constituído por uma hierarquia e um sistema de papéis específicos, em que a qualificação do saber do indivíduo influencia diretamente.

As RS são gestadas na inter-relação dos universos, no qual o conhecimento científico articula-se aos saberes populares e ao senso comum, dando lugar a uma nova forma de saber, de acordo com a reelaboração do saber por parte dos grupos sociais, bem como dos meios que possuem para tal (Moscovici & Hewstone, 1986).

As RS, formadas a partir da comunicação, sustentam-se a partir de dois processos sociocognitivos intrinsecamente ligados: objetificação e ancoragem (Moscovici, 1981). São formas específicas em que as RS instituem mediações, materializando uma construção simbólica de um determinado grupo e possibilitando sua concretude em espaços sociais. Também são processos cognitivos socialmente regulados, possibilitando que um conhecimento estranho seja incorporado a uma rede de categorias já existentes para o indivíduo, viabilizando assim comparar o

novo conhecimento com algo já conhecido, mediante esquemas outrora elaborados (Vala, 2006).

A objetificação busca sintetizar diversos conteúdos estranhos a uma realidade familiar, ganhando forma de imagens e ideias concretas (Moscovici, 1981). Envolve três etapas: inicialmente, as crenças, ideais e informações intrínsecas ao objeto representacional passam por um processo de seleção e descontextualização, visando a formação de um todo consideravelmente coerente, buscando tornar a mensagem breve, precisa, comunicável e útil. Posteriormente, ocorre a esquematização estruturante, no qual se organizam os elementos em um esquema de relações estruturadas.

Por fim, chega-se à naturalização, no qual esquemas figurativos e suas relações passam a constituírem-se em categorias naturais, tornando o abstrato algo material, bem como aspectos da percepção, com equivalência entre realidade e conceito (Vala, 2006; Justo, 2011). Já a ancoragem é refletida como o processo na qual se classificam as informações sobre um dado objeto social em relação a estruturas de saberes já existentes, havendo certa coerência entre ao conhecimento novo e aquilo que já existe (Vala, 1996), dependendo assim de uma memória coletiva (Moscovici, 2003).

Vale ressaltar que a RS não é uma cópia da realidade objetiva ou uma reprodução desta. Segundo Vala (2006), a RS não é um reflexo de um objeto, mas um produto do confronto da atividade mental de um indivíduo e das relações complexas que mantém este objeto. Ela é uma construção coletiva, em que o objeto é recriado e substituído, de acordo com os valores, conceitos e explicações relacionadas a este objeto (Moscovici, 2012). O ato de representar supera as rígidas divisões entre interno e externo, além de tornar o indivíduo um autor ativo em suas construções mentais, podendo-a transformar à medida que vai se desenvolvendo (Jodelet, 2005).

As representações sociais, enquanto fenômeno psicossocial, apresentam quatro funções específicas: 1) *função de saber*, permitindo que atores sociais obtenham novos conhecimentos e os integrem aos seus valores e funcionamento cognitivo, possibilitando que os indivíduos expliquem e compreendam a realidade; (2) *função de orientação*, cuja função situa-se como um guia para ação, mediante comportamentos que podem ou não ser realizados num dado contexto, segundo a orientação das comunicações sociais; (3) *função identitária*, que permite localizar os atores sociais dentro do grupo no qual se inserem, mediante a coesão grupal por intermédio de algum objeto no qual o grupo compartilhe algum significado, resguardando uma imagem

positiva do grupo; e (4) *função justificadora*, possibilitando que os indivíduos justifiquem seus comportamentos e tomadas de decisões para com o grupo, ou reforçarem seus comportamentos de diferenciação social nas relações entre grupos (Abric, 1998).

Possuem outras especificidades: são prescritivas – servindo como guia das relações sociais e ações individuais – e normativas, inserindo objetos em modelos sociais (Abric, 1998; Moscovici, 2003). A construção coletiva das RS é disseminada através da interação social, através das práticas de comunicação do cotidiano.

O aspecto comunicacional presente na TRS merece destaque. Pode suceder tanto em contextos intragrupais quanto intergrupais, onde se produzem as discussões sobre os fenômenos do cotidiano, que posteriormente passam a ser norteadores nos modelos de atitudes e comportamentos dos indivíduos, frente a um objeto social relevante a seu grupo. Para Jodelet (2001) a comunicação de massa é central na difusão de RS, uma vez que é por meio dos veículos de comunicação que os conteúdos difundem-se e chegam aos grupos sociais, fomentando os debates e possíveis recriações de conceitos.

Também é necessário identificar o grupo que as difunde, situando seu conteúdo simbólico com as dimensões temporais e geográficas, e relacionar ao contexto intergrupais (Wagner, 2000). Segundo Vala (2006), para que as representações sejam caracterizadas como sociais a partir de três critérios objetivos: *critério qualitativo* – a representação é social e é compartilhada entre os membros do grupo; *critério genético* – ela é social e é produzida de forma coletiva; e *critério funcional* – é social quando possui uma função social dentro de um contexto, orientando relações, comportamentos, comunicações.

Para Wagner (1998), os critérios para o reconhecimento de uma RS são apresentados em cinco aspectos: 1) *consenso funcional*: a RS visa manter a unidade grupal, além de orientar as interações intragrupais e as autocategorizações; 2) *relevância*: as RS se referem à objetos sociais importantes para os atores sociais pertencentes à um grupo, sendo este implicado nas práticas do grupo; 3) *prática*: a existência de uma representação apenas é possível quando acompanhada por práticas realizadas por uma quantidade razoável de indivíduos num grupo, havendo assim a associação entre comportamento e representação; 4) *holomorfose*: por fazerem parte da identidade social, as RS contêm alusões à pertença em grupos; e 5) *afiliação*: que permite demarcar a realidade sócio-grupal onde determinada representação ocorre.

Moscovici (1981) propõe a concepção dimensional de RS, sendo esta a abordagem central utilizada para direcionar o enfoque desta tese. Nesta perspectiva, os conteúdos de uma representação se organizam em três dimensões: a informacional, a atitudinal e a de campo. A dimensão informacional refere-se tanto à quantidade quanto a qualidade de um determinado conhecimento compartilhado por um grupo social acerca de um objeto. A dimensão atitudinal volta-se à tomada de posição frente à um objeto socialmente relevante para um grupo específico, seja favorável ou não. A dimensão campo refere-se aos conteúdos concretos e limitados das imagens e proposições de um objeto relevante para um grupo.

As RS também possuem abordagens distintas, que enfatizam diferentes aspectos de sua constituição, sendo elas: *Abordagem Dimensional* – proposta por Moscovici (2012), que conceitua as três dimensões constituintes de uma RS (informação, atitude e campo representacional); *Abordagem Dinâmica* – que enfatiza o modo como as RS são formadas, sendo esta utilizada no clássico estudo sobre as representações sociais da loucura, de Jodelet (1989); *Abordagem Societal* – proposta por Willian Doise na escola de Genebra, que estudo os processos de ancoragem; e a *Abordagem Estrutural* – que possui como base a Teoria do Núcleo Central, hipótese proposta por Jean-Claude Abric em 1976, a partir da sua tese de doutorado “*Jeux, conflits et représentations sociales*” (Abric, 2003), e busca proporcionardescrições mais elaboradas das estruturas hipotéticas e explicações do funcionamento das RS (Sá, 1996; Wachelke & Camargo, 2007). Para a concretização desta tese, a abordagem dimensional foi enfatizada, considerando suas especificidades.

Acerca da relação entre RS e método, o conceito de RS não se confunde com um método ou técnica de investigação (Vala, 2006). Duas obras podem ser consideradas referências na orientação metodológica acerca das RS: a proposta metodológica de Doise, Clemence e Lorenzi-Cioldi (1992) acerca da análise de dados no estudo das RS, e a proposta de Abric (1994) para o estudo experimental das RS. Porém, existe uma variedade de delineamentos metodológicos nos estudos de RS, como por exemplo: pesquisas documentais (Camargo, 2003; Moscovici, 1961/1976; Ordaz & Vala, 1998; Schlösser, 2014), experimentais e quase-experimentais (Abric, 2001; Camargo, Barbará & Bertoldo, 2008; Justo, 2011; Moliner, 1994), observacionais (Jodelet, 2005), dentre outros.



### 3.2. REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS

A relação entre representações e práticas sociais é apontada pela literatura como uma relação controversa, complexa e ainda incipiente, considerando a inexistência de um modelo teórico e empírico que englobe o conjunto de circunstâncias sociais, estabelecendo a compreensão desta relação vinculada a situações específicas (Rouquette, 1998; Campos, 2003; Brito, 2014).

Para Trindade (1998a), a relação entre representação e prática social é um dos pressupostos da TRS, sendo as práticas sociais fundamentais na construção das RS. Trindade (1998b) ao realizar um mapeamento da utilização dos conceitos de "práticas sociais", "práticas socioculturais" e "práticas cotidianas", encontrou apenas 4 autores que definiam sua concepção de "práticas sociais". Segundo a autora, esta indefinição do conceito é atribuído a um consenso implícito entre os pesquisadores, no qual todos sabem sua conceituação e configuração das práticas sociais, naturalizando-a e não definindo.

Neste estudo, a posição defendida sobre a definição de práticas sociais a considera como sendo sistemas de ação socialmente estruturados e instituídos em relação com as regras (Jodelet & Moscovici, 1990), com organização encadeada e padronizada (Trindade, 1998b). Tendo em vista a concepção de práticas sociais enquanto sistemas complexos de ações (Abric, 1994), esta pode ser compreendida como sinônimo de comportamento. Comportamento é aqui interpretado enquanto ação observável, realizada por indivíduos em interações sociais ou em contextos particulares (Wachelke, 2007). Para a TRS, comportamento é ação refletida (Wagner, 2003), sendo as RS arranjos comportamentais adquiridos, assim como ocorre com os fenômenos de atitudes, por exemplo (Bergmann, 1998).

As pesquisas ora enfatizam mais os aspectos subjetivos, por analisar que as práticas sociais são atividades com significado na vida dos indivíduos, ora as práticas sociais remetem-se à perspectiva de papel social (Almeida, Araújo, & Trindade, 2000). Ressalta-se que, sendo as ações humanas multivariáveis, a previsão do comportamento por meio das RS não ocorre de forma direta, o que não favoreceria situações específicas (Campos, 2003). As RS atuam como condições da prática social, enquanto as práticas atuam na transformação de representações (Rouquette, 1998).

No entanto, nem sempre há acordo entre representações e práticas sociais. Segundo Abric (1998), a realização de comportamentos

que contrariam uma representação tende a gerar mudanças na estrutura de uma RS. O referido autor ainda reflete que os processos que constroem uma representação incidem através das ações sobre a realidade, podendo este ser a origem de práticas sociais (Abric, 2003).

Segundo Campos (2003), a relação entre representações e práticas sociais desencadeou pesquisas sobre a incidência de uma sobre a outra, realizando-se assim três tipos de estudos: a) RS determinando as práticas sociais; b) Práticas sociais determinando representações; e c) casos em que ambas estão interligadas. Para Moscovici (2012) as RS fazem parte da constituição da ação, modelando o contexto de inserção do comportamento. Vala (2006) faz uma distinção entre comportamentos situacionais e comportamentos representacionais.

Enquanto os comportamentos situacionais seriam melhor explicados pelas características do contexto, diminuindo a importância das RS na previsão de comportamentos, os comportamentos representacionais seriam determinados com maior relevância por fatores pré-situacionais, e em menor proporção pelo contexto imediato. Tal ponderação permite compreender a existência de diversos tipos de comportamentos, sendo apenas uma parcela destes explicados pelas representações sociais aderidas por indivíduos e grupos.

Abric (1994) propõe três hipóteses para explicar a relação entre representações e práticas sociais, definindo-as a partir da natureza contextual a qual os indivíduos e os grupos se encontram. Na primeira hipótese, as representações determinam as práticas sociais em situações onde a carga afetiva é intensa e nas quais a referência afetiva - seja ela explícita ou não - à memória coletiva é necessária visando justificar ou manter a existência, a identidade ou as práticas do grupo.

Na segunda hipótese, as representações adotam, de maneira igual, um papel crucial sobre as práticas nos casos em que o indivíduo possui certa autonomia em relação às restrições da situação ou daquelas resultantes das relações de poder. Já na terceira hipótese, nos casos onde existe forte restrição social ou material, as representações e as práticas sociais são interativas, sendo que a implementação de algumas práticas é suscetível de produzir transformações completas nas representações (Abric, 1994).

Atualmente é considerado com maior ênfase a ideia de interdependência, em que as RS regulam as práticas sociais dos indivíduos, ao mesmo tempo em que emergem da diversidade de práticas sociais. Vale ressaltar a contestação proposta por Wagner (2000) entre a diferenciação de representação e comportamento. Para o referido autor, tal separação é inexistente, uma vez que as práticas são

exemplos do conteúdo representacional, devendo ser explicadas a partir da lógica “representação-ação” e seus reflexos para a realidade social. Rouquette (1998) afirma que não existe uma determinação direta entre representação e prática social, sendo que as representações podem exercer uma coerção variável sobre práticas sociais, gerando uma prática reconstruída por intermédio dos conteúdos de uma representação.

Resumindo, haverá situações onde evidências apontam para a determinação de práticas sociais por conteúdos representacionais, enquanto há casos em que haverá uma interação entre representação e prática que dificultará a compreensão da incidência de outra sobre a outra. Embora ainda controverso, a relação de representações e práticas sociais é fundamental para a compreensão dos significados sociais acerca de diversos objetos sociais para indivíduos e grupos.

As práticas sociais fazem referência a um processo interativo em que determinado indivíduo, objeto e grupo social não podem ser considerados isoladamente, sendo que através destas interações as práticas se materializam, adquirem significados e são re-significadas (Almeida, Santos, & Trindade, 2000). Nesta lógica, tem-se que as RS do corpo e a imagem corporal auxiliam na organização das práticas de modificação corporal – mais especificamente na prática de tatuagem -, e dependendo do conteúdo que a constitui, tanto pode favorecer quando desfavorecer a prática de realizar tatuagem. A partir deste estudo, pretende-se compreender a relação entre R e práticas sociais de tatuagem, uma vez que esse entendimento é pertinente para os comportamentos que se estabelecem entre indivíduos adeptos ou não a esta prática.

### **3.3. CORPO E IMAGEM CORPORAL**

O corpo, do latim *corpus*, constitui-se biologicamente como um organismo natural, abstraído de suas funções psicológicas, apresentando um sistema orgânico constituído por órgãos necessários à existência e manutenção da vida (Durozoi, 1996). Em sua dimensão biológica, o corpo é universal, delimitado sob a pele e caracterizado por sua entidade orgânica (Cavalcanti, 2005).

Porém, a percepção do que seja o corpo, com seus valores, crenças, atitudes e práticas à ele relacionados se localiza em outro pólo de análise: em sua dimensão psicossocial. Segundo Andrieu (2006), o corpo é resultado da interação de sua matéria genética com o ambiente sócio-cultural, do real com o simbólico (Justo, 2011). Nele se incrustam

os hábitos, por meio de códigos, símbolos e linguagens culturais, compartilhados em seu meio social.

Nesta perspectiva, o corpo é simultaneamente social e privado, haja vista que tanto é regido por sistemas prescritivos e normas sociais que ditam valores a serem seguidos, quanto é objeto da experiência individual, onde se inscreve a individualidade de cada pessoa (Jodelet *et al.*, 1982). Para Helman (2009), cada indivíduo possui, simbolicamente, dois corpos: o *Corpo Individual*, formado pelas dimensões biológica e psicológica; e o *Corpo Social*, com seu poder de comunicação, fundamental na vivência em sociedade.

O corpo também se apresenta como mediador tanto do lugar social onde o indivíduo se insere, quanto do conhecimento de si e do outro (Jodelet, 1994). Possibilita a formação de um quadro avaliativo das outras pessoas, retendo a atenção do observador e contribuindo na formação de julgamentos e impressões, através do processo de percepção social.

Para Jodelet (1994), a relação entre o corpo e percepção social provém desde a Antiguidade, através dos ditados populares, provérbios, concepções psicológicas presentes em sua literatura, filosofia, medicina e saberes do cotidiano. Estas formas de conhecimento permaneceram enquanto registros mnemônicos acerca de propriedades físicas, morais, psicológicas e sociais acerca das pessoas, norteando os julgamentos que os indivíduos fazem sobre si e sobre o outro.

O corpo submete-se à influência das mudanças sociais e culturais, de acordo com o período histórico em que os grupos sociais estão inseridos, diversificando os conhecimentos sobre o corpo ao longo do tempo e nos espaços sociais (Ory, 2006; Separavich & Canesqui, 2010). Não obstante, mesmo sendo fortemente demarcada a dimensão social do corpo enquanto construção social e mediadora das relações sociais, o corpo também media o conhecimento acerca de si mesmo, sendo esta uma importante dimensão psicológica a ser considerada. Werner (1957) foi pioneiro ao atribuir importância ao corpo enquanto um construto psicológico. Tal autor aludiu que a percepção corporal oferece estrutura para a construção do eu, bem como a forma como a aquisição da linguagem e as habilidades cognitivas relacionando-se à imagem corporal e às sensações corporais.

Atualmente, uma das facetas de análise do corpo enfocada com predomínio da dimensão psicológica é a imagem corporal. A imagem corporal pode ser conceituada como sendo um construto multidimensional, interpretada como a representação mental de um indivíduo sobre seu corpo (Fisher, 1986; Glaner, Pelegrini, Cordoba, &

Pozzobon, 2013; Gonçalves, Campana, & Tavares, 2012; Secchi, Camargo, & Bertoldo, 2009), bem como a forma pela qual um indivíduo conceitua e experiencia seu corpo, de modo consciente ou não (Helman, 2009). Também pode ser compreendida como a relação entre o corpo de um indivíduo e seus processos cognitivos, tais como as crenças, valores e atitudes individuais (Glaner *et al.*, 2013), bem como afetos e práticas (Glaner *et al.*, 2013).

Tem-se verificado um aumento na insatisfação com a imagem corporal, provenientes de um descontentamento do perfil antropométrico (Glaner *et al.*, 2013; Latzer, Tzischinsky, & Asaiza, 2007; McCabe & Ricchiardelli, 2004). Os problemas derivados desta insatisfação podem iniciar como uma moderada insatisfação com o corpo para uma preocupação extremada, desencadeando numa imagem corporal negativa, sendo este um sentimento intenso de insatisfação com alguns atributos da aparência física do indivíduo (Cash, 2004; Rosen, Orosan, & Reiter, 1995).

Na maioria dos casos, as questões voltadas à imagem corporal não estão associadas à saúde fisiológica, apesar do indivíduo não estar satisfeito com a sua imagem corporal, ou estar satisfeito mesmo com risco de problemas de saúde (Glaner *et al.*, 2013). Esse aumento na insatisfação pode estar associado com os padrões estéticos impostos socialmente, preconizando um corpo forte e definido aos homens, e magro e esbelto para as mulheres (Glaner *et al.*, 2013; Schlösser, 2013). Diversos problemas e distúrbios associados à insatisfação com a imagem corporal podem se desenvolver, tais como depressão (Cortese *et al.*, 2009), baixa autoestima (Assis, Avanci, Silva, Santos, & Oliveira, 2003), e distúrbios alimentares, como anorexia e bulimia, por exemplo (Legnani, Legnani, Pereira, Gasparotto, Vieira, & Campos, 2012; Alves, Vasconcelos, Calvo, & Neves, 2008).

Embora o termo “imagem corporal” possa ser usado como sinônimo de “esquema corporal” (Maturana 2004), sendo a própria noção de corpo também definida como esquema corporal (Amaro, 2010), diversos autores apresentam-nos como construtos diferenciados (Fonseca, Vecchi, & Gama, 2012; Justo, 2011; Paim & Kruehl, 2012), sendo que a presente pesquisa também os diferenciará. Podem-se analisar dois aspectos como formadores da percepção corporal de um indivíduo: o esquema corporal refere-se à concepção neurológica, enquanto a imagem corporal relaciona-se ao psicológico. (Fonseca *et al.*, 2012).

O esquema corporal baseia-se em múltiplas sensações corporais, resultantes das relações espaciais entre segmentos corporais que possibilitam o indivíduo estar consciente do seu corpo no tempo, resultado da interação das aferências somatosensoriais, cinestésicas e proprioceptivas (Barros, 2005; Fonseca *et al.*, 2012). Não se refere somente à visão que se tem do próprio corpo, de sua postura ou posição espacial, mas realiza uma síntese dos múltiplos dados sensoriais (Justo, 2011). Esta representação é plástica, adaptando-se a diferentes configurações e possibilitando a integração de elementos materiais externos ao corpo (Grison & Roselin, 2006).

Já a imagem corporal vai além das dimensões verificadas pelo esquema corporal, correspondendo às formas que o indivíduo experimenta e conceitua seu corpo, de acordo com o esquema mental que faz da figura do corpo humano (Almeida, 2005; Schilder, 1999). Ela ocorre mediante os valores e impressões subjetivas, provenientes das relações sociais e culturais, moldando-se nas experiências individuais (Segheto, Pereira, & Gama, 2010).

Para Thompson (1996), o construto da imagem corporal abrange três componentes. O primeiro refere-se ao componente perceptivo, relacionado com a precisão da percepção do indivíduo sobre sua aparência física, incorporando uma avaliação de seu peso e tamanho corporal; o segundo componente é o subjetivo, focalizando questões da satisfação, níveis de preocupação e ansiedade associadas ao corpo. O terceiro componente é o comportamental, enfatizando as circunstâncias evitadas pelo indivíduo por experimentar descontentamento referente ao seu corpo.

Sendo a imagem corporal a dimensão psicológica da percepção corporal, ela é lábil, sendo influenciada por estados emocionais, conflitos psíquicos, interação, a imagem corporal tem característica de ser lábil e mutante (Freitas, 2004). Ela é incorporada pela percepção, bem como pelas dimensões cognitiva, afetiva e comportamental (Banfield & McCabe 2002), que interagem e influenciam-se mutuamente (Legenbauer, Rühl, & Vocks, 2008).

De acordo com Schilder (1999), o fenômeno da imagem corporal integra em seu conceito três estruturas corporais: a estrutura fisiológica – responsável pelas organizações anatômicas e fisiológicas; estrutura libidinal – conjugando as experiências afetivas vividas nas relações humanas; e estrutura sociológica – enfocada nas relações pessoais e na aprendizagem de valores sociais e culturais. A estrutura sociológica também alude às disposições grupais de valorizar determinadas áreas ou funções corporais, tais como o olhar, roupas e

adornos nos processos de comunicação social, o que denota a relação da imagem corporal com a sociedade.

Em sua dimensão social, a imagem externa do corpo surge como um mediador dos vínculos sociais que o indivíduo estabelece, especialmente em três fatores: (1) com uma proposta instrumental de sucesso das interações sociais; (2) para responder às normas sociais de apresentação; (3) com o intuito de ganhar a afeição dos outros (Jodelet, 1994). O desenvolvimento da imagem corporal é diretamente relacionado à estruturação da identidade dentro de um grupo social (Tavares, 2003).

A ênfase nas questões relativas ao corpo apresentadas por pessoas que fazem parte do círculo social de um indivíduo interferem significativamente na elaboração da imagem corporal deste indivíduo. Isto ocorre uma vez que as sensações e experiências alcançadas em ações e reações às relações sociais colaboram para a estruturação acerca da percepção da imagem corporal (Schilder, 1999).

O corpo objetivo é percebido por meio do corpo subjetivo, sendo esta dinâmica que modifica a imagem corporal, a auto-estima e também a relação com o corpo do outro (Andrieu, 2006). A inter-relação das dimensões – psicológica e social – sobre a imagem corporal pode ser analisada a partir da seguinte perspectiva: tanto a autoimagem quanto a imagem feita sobre outras pessoas, trazem a reflexão sobre o papel exercido pelo corpo (Justo, 2011), sendo que a imagem de si atua como um espelho que socialmente recebe reflexos da imagem que apresenta (Jodelet, 1994). Ela integra três elementos no conceito de si como um sujeito social: a) a imagem que apresentamos aos outros; b) a consciência do julgamento social; c) os sentimentos positivos ou negativos em que resultam.

Para Rodrigues (1979), “o corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece umas das numerosas vias de acesso a estrutura de uma sociedade particular” (pg. 44). Tendo em vista a relevância do corpo enquanto fenômeno psicossocial na contemporaneidade, a TRS busca contribuir com pesquisas nesta área, permitindo o aprofundamento na compreensão de que os valores, crenças, atitudes e práticas constituem um papel crucial na construção de formas coletivas de ver e viver o corpo, propagando padrões de pensamento e de comportamento a ele associados (Jodelet, 1994).

### 3.3.1. RS, práticas corporais e percepção da imagem corporal

De acordo com Saikali, Soubhia, Scalfaro e Cordás(2004), as crenças culturais determinam as normas sociais na relação com o corpo humano, sendo que todas as práticas sociais voltadas ao corpo, como embelezamento, manipulação e mutilação, fazem do corpo um terreno simbólico, dando a ele uma função social. Essa função social visa comunicar informações sobre características individuais, posição social e *status*.

Através das RS que as pessoas possuem de seus corpos, estes passam a aderir a diferentes práticas de modificação corporal (Justo, 2011), que podem ir desde cuidados com a saúde à práticas de embelezamento, como atividades físicas, restrição alimentar, cuidados estéticos, processos cirúrgicos e estratégias de adornar o corpo. Conceitua-se práticas corporais os comportamentos voltados ao corpo, seja por saúde ou estética, podendo ser sustentadas, em níveis diferentes, pelas RS que os indivíduos têm de seus corpos.

Enquanto representante da individualidade e simultaneamente inserido num contexto, o corpo torna-se um objeto de relevante importância para a Psicologia Social, ao estudar o indivíduo na sociedade, bem como suas relações e interações no contexto social no qual se insere (Camargo, Justo, Alves, & Schlösser, 2013). Nos estudos sobre representações sociais do corpo e da percepção da imagem corporal, duas vertentes se verificam: uma individual, pertencente à dimensão psicológica (Schilder, 1999) e outra coletiva, que se manifesta pelas crenças e saberes do senso comum, que norteiam as práticas sociais (Jodelet, 2001; Moscovici, 2012). Esta forma de pensamento manifesta-se através da comunicação, veiculando posicionamentos identitários, valores, normais e pertencências grupais (Flament & Rouquette, 2003).

O estudo seminal sobre RS do corpo, realizado por Jodelet *et al.* (1982), verificou três categorias relacionadas a essas representações. A primeira voltava-se à funcionalidade do corpo, atribuindo importância ao cuidado com a saúde, a juventude e a forma, na busca por prevenir a deterioração física, conservar a aparência estética e manter o equilíbrio mental. A segunda categoria tratava das concepções morais, enfocando a necessidade de não ser descuidado com o corpo, ter disciplina, boa vontade e controle, além de manter dignidade, o respeito por si mesmo e pelo próximo, enfatizando assim as normas sociais. Já a terceira categoria foi composta por indivíduos que consideram importante o prazer, de si e do outro, expressando assim maior hedonismo.



Resultados semelhantes foram verificados em estudo posterior sobre as RS do corpo, onde Jodelet (1984) buscou comparar duas amostras francesas separadas geracionalmente por 15 anos (uma de 1960 e outra de 1975). No primeiro grupo, as representações de corpo voltavam-se à sua dimensão biológica e dualista, trazendo elementos sobre restrições sexuais, físicas e morais. Para o segundo grupo, o corpo foi compreendido enquanto produto social, mais livremente vivenciado a partir de vivências prazerosas e individuais. Verificou-se então uma modificação nas RS do corpo, interpretado pela autora como proveniente do declínio da objetivação do corpo feminino, por meio da difusão das ideias feministas durante os anos 60 e 70.

Em estudo mais recente realizado por Jodelet (1994) verificou-se que grande dos participantes reconheciam uma manipulação da apresentação física com objetivo utilitário visando o sucesso social, sendo também uma estratégia de inserir-se socialmente e haver maior aceitação nas relações sociais. Através deste estudo, a autora estabelece três dimensões principais nas quais aponta a imagem externa do corpo enquanto mediador de laços sociais: a) ao visar sucesso nas interações sociais, dando ao corpo um caráter instrumental; b) ao responder às normas sociais de apresentação; e c) na intenção de receber afeição dos outros.

A mídia apresenta importante papel na formação e divulgação de RS sobre o corpo e percepção da imagem corporal, norteando assim as práticas sociais voltadas a ele. Valores, sentidos, atitudes e práticas são transmitidos e catalisados nas construções de significados, dando sentido às vivências corporais mediante as RS que possuem. Bertolin, Conti e Peres (2010) ao pesquisar os conteúdos da mídia sobre o corpo numa população de 121 jovens, verificaram que 95% dos valores sobre o corpo se relacionavam à influência dos meios de comunicação (TV e revista). Dos estímulos provenientes dos meios de comunicação, foi apontado tanto a influência negativa quanto à aparência magra enquanto perfil de beleza.

Outros estudos também vão ao encontro destas informações. Em seu estudo sobre RS relativas ao corpo na mídia impressa, Goetz, Camargo, Bertoldo e Justo (2008) apontaram que este veículo de comunicação apresenta padrões de beleza que evidenciam o corpo enquanto “produto” a ser consumido, sendo necessário estar dentro de determinados padrões estéticos para obter sucesso. Goetz (2009) vai ao encontro desses resultados em sua tese sobre RS do corpo, mídia e atitudes, concluindo que, na contemporaneidade, a noção de saúde e

beleza se vinculam ao corpo magro, associando práticas de saúde que levam à beleza corporal.

No que tange à dimensão psicológica, duas dimensões são mais evidentes ao conceito de imagem corporal: o conteúdo perceptivo, verificado pelo investimento no corpo, e o conteúdo atitudinal, proveniente da avaliação da imagem corporal. Enquanto o conteúdo perceptivo se manifesta pelo grau de relevância cognitiva e comportamental que o indivíduo possui sobre sua aparência, o conteúdo atitudinal é verificado pela satisfação ou insatisfação com sua aparência, bem como pela capacidade funcional do corpo (Hargreaves & Tiggemann, 2006; Justo, 2011; Monteath & Cabe, 1997).

Secchi, Camargo e Bertoldo (2009) em pesquisa sobre a percepção da imagem corporal e RS do corpo, com população de 278 estudantes de diferentes cursos universitários (Educação Física, Moda e Psicologia), apontou que os participantes sentem-se insatisfeitos com sua aparência, embora apresentem índice de massa corpórea (IMC) considerados normais. Acerca de suas RS, estas são manifestam em três eixos: 1) a importância da expressão corporal e da aparência nas relações pessoais; 2) a saúde corporal e a beleza relacionadas às práticas de exercícios físicos, com ênfase em um porte físicomagro e; 3) a aparência enquanto forma de manifestar as potencialidades do indivíduo em sua vida pessoal e profissional.

Braga, Molina e Figueiredo (2010), em artigo sobre as RS do corpo para adolescentes de classes populares, constatou-se que a percepção de corpo, tanto para o sexo masculino quanto feminino dos participantes, dirigia-se para a noção de proporcionalidade, normalidade e perfeição. O corpo forte e musculoso se manifestava como percepção de imagem corporal padrão para ser considerado bonito para os participantes do sexo masculino, e o cuidado com as roupas, o cabelo, a pele e estar na moda para as participantes do sexo feminino.

### **3.4. TATUAGEM: DEFINIÇÃO E HISTÓRICO**

O fenômeno da tatuagem possui diversos elementos característicos que variam conforme o contexto, como múltiplas definições, interpretações e imagens. Busca-se aqui trazer alguns desses elementos de forma a dar um panorama sobre o pensamento social acerca dessa prática. Além disso, a tatuagem também está envolvida na constituição de paradoxos, tais como o que é bonito ou feio, arte ou vandalismo corporal, individualização ou modismo, cobrir a tatuagem

ou torná-la pública, etc. As tatuagens também podem ser categorizadas por meio de suas estéticas diferenciadas, podendo ser, por exemplo, tatuagens artísticas, marginais, tribais, urbanas, *geeks*, etc. (Netto, 2011).

Operacionalmente, a tatuagem pode ser considerada como todas as técnicas voluntárias de incisão de um pigmento permanente na pele, formando uma imagem, que tem por objetivo comunicar, ornamentar ou expressar algo (Armstrong, 1991; Braga, 2009; Durkin, 2012; Gouveia *et al.*, 2010; King & Vidourek, 2013; Kluger, 2014; Netto, 2011; Stirn, Oddo, Peregrinova, Philipp, & Hinz, 2011; Valentí, 2009). Atualmente, entretanto, é possível realizar procedimentos para remoção de tatuagens, o que torna a definição obsoleta no que diz respeito a seu caráter definitivo. Nesse caso, a permanência refere-se ao fato de não sair da pele naturalmente, mas com equipamentos desenvolvidos especialmente para esta finalidade.

A técnica de tatuagem mais utilizada no ocidente é realizada da seguinte forma: primeiramente há o procedimento de esterilização da zona corporal a ser tatuada, para em seguida iniciar o processo de pigmentação da pele. A agulha é encaixada na máquina elétrica – devidamente esterilizada – que perfura a derme, depositando o pigmento. Após a saída da agulha, a elasticidade da pele prende o pigmento em seu interior. Por fim, é solicitado ao cliente que tenha cuidados específicos, visando a segurança do indivíduo, bem como impedindo que a tatuagem apresente falhas de pigmentação por conta da má cicatrização (Lise, Neto, Gauer, Dias, & Pickering, 2010; Vergara, 2007).

A palavra tatuagem, como se entende atualmente no ocidente, deriva diretamente dos povos *maori*. Ela se popularizou através do diário do capitão britânico James Cook. Cook escreveu relatos sobre sua viagem à Oceania, nos quais faz referência aos *maori* e suas práticas de marcação corporal, o que fez com que a prática de tatuagem remetesse aos costumes desse povo. Ressalta-se que tal prática também se fez presente em outras culturas primitivas provenientes da Oceania e, em muitos casos, os povos se identificavam por suas marcações (Netto, 2011).

O termo tatuagem deriva de práticas de marcação corporal entre os *maori*, representada pela onomatopéia “*tau-tau*” ou “*taw-taw*”, sendo este o som produzido pelos instrumentos de aplicação do pigmento sob a pele. Tais instrumentos assemelham-se a um ancinho, confeccionado com dentes ou ossos de animais em sua ponta. Para o instrumento perfurar a pele, utilizava-se um pedaço de madeira para martelá-lo,

alojando o pigmento sob a pele. O som produzido pelos golpes é “*tatau*”, palavra usada pelos nativos para designar a prática (Marques, 1997).

Embora a terminologia ocidental “tatuagem” tenha sido originada das práticas do povo *maori*, era realizada em diversas partes do mundo. Entretanto, mesmo que tenha sido nomeada de distintas formas em diferentes culturas, todas se referiam à mesma prática. Há casos de tribos nas quais a prática de tatuar-se se diferenciava pelo período de duração. Tribos da América Latina realizavam esse tipo de marcação corporal com pigmentação removível, sendo similar ao que popularmente considera-se tatuagem do tipo *henna* (Netto, 2011; Novak, 2012).

A ancestralidade da prática de tatuagem remonta milênios. Em 1991 foi encontrado em uma geleira alpina, entre a Itália e a Áustria, um corpo humano mumificado de 5.300 anos. Intitulado “homem do gelo” ou Ötzi, apresenta 61 tatuagens em diversas partes do corpo (Pabst *et al.*, 2009; Samadelli *et al.*, 2015). Outras múmias milenares descobertas apresentam desenhos indelévels no corpo, como, por exemplo, a sacerdotisa Amunet. Há aproximadamente quatro mil anos ela viveu no Egito e foi encontrada em Tebas no ano de 1891, exibindo imagens feitas de pontos e linhas. Na América Latina foi encontrada uma múmia peruana, descoberta em 2006, revelando que esta arte também era realizada por povos sul americanos (Marques, 1997; Novak, 2012). No Japão foram encontradas estatuetas que mostram que desenhos na pele eram praticados há pelo menos 2500 anos (Araújo, 2005).

Os significados atribuídos às tatuagens variavam entre culturas. O sentido das tatuagens da múmia Ötzi voltava-se para fins terapêuticos, pois se acreditava que os desenhos possuíam poder curativo. Em contrapartida, as inscrições corporais realizadas no corpo de Amunet do Egito traziam conteúdo religioso, como uma elipse em seu ventre que representava a deusa do amor e fertilidade (Gilbert, 2000). No Brasil, a tribo *kadiwéu* tatuava-se com formas dos animais os quais gostariam de ter alguma característica, como uma onça para obter coragem, por exemplo (Araújo, 2005).

A exclusividade das imagens tatuadas também era levada em consideração e as imagens desenhadas no corpo deveriam ser diferentes das imagens que ornamentavam outros objetos. Um exemplo dessa exclusividade é a prática de tatuagem realizada nas ilhas Marquesas descrita em 1922 por Willowdean C. Handy (Handy, 1922). Em contrapartida, achados arqueológicos do povo *lapita* - habitantes das ilhas na Melanésia há 11 mil anos – indicaram que os desenhos em seus

corpos eram similares aos encontrados em peças de cerâmica produzidas por esta cultura, datados de 1.500 a.C. (Novak, 2012).

As tatuagens eram realizadas em diferentes áreas do corpo conforme a cultura. Enquanto os gregos tatuavam os escravos para demarcar seu pertencimento, durante o Império Romano até o século IV d.C. permitia-se que gladiadores e mineiros tatuassem os pés e as mãos. Mas, por ser realizada por escravos e gladiadores, a tatuagem detinha uma conotação negativa em ambas as culturas. Ressalta-se que a igreja católica proibiu a prática da tatuagem no século XIII d.C, sendo considerada prática pecaminosa e marginal (Gilbert, 2000).

Outros povos também apresentaram especificidades acerca do local onde as tatuagens eram realizadas. Pinturas realizadas pelo ilustrador John White em 1590 demonstravam que nativos norte-americanos exibiam tatuagem em todo corpo, com exceção do rosto e mãos. Da mesma forma, em expedição científica para o sul do oceano pacífico em 1769, o naturalista e botânico Joseph Banks relatou que nativos do Taiti tatuavam o corpo inteiro, exceto a face (Novak, 2012). Em contrapartida, nas ilhas Marquesas, Langsdorff (1813 *apud* Gilbert, 2000) apontou que as tatuagens nos corpos dos habitantes eram mais extensas do que em outras tribos da região, cobrindo as mãos, rosto, pés e dedos.

Outro tópico verificado quanto a diferenças entre culturas no que diz respeito à tatuagem é sua relação com gênero. Um exemplo são os costumes das tribos de Samoa que foram documentados em 1903 pelo antropólogo alemão Augustin Krämer. A prática de tatuagem pelos homens era vista como sinônimo de coragem e força, devido às dores agudas durante a realização da modificação corporal. Homens que não possuíam tatuagem eram recriminados e excluídos socialmente, uma vez que “um corpo sem as marcas da dor superada é um corpo morto” (Novak, 2012, pg. 31). Na tribo *Ianomâmi*, pertencente à região amazônica, os meninos são pintados e perfurados para simbolizar sua coragem, enquanto as meninas da tribo *Waujá*, do Xingu, pintam os seios e a barriga para indicar que já menstruaram e que podem ser consideradas mulheres (Araújo, 2005).

O tema da bravura associada à dor também se faz presente na tribo *Maori*. A forma como realizavam as tatuagens chama-se *moko*, um processo considerado extremamente doloroso no qual o desenho era entalhado na pele com o instrumento que produzia o som “*tau-tau*”. Habitualmente os homens tatuavam seus rostos, nádegas e coxas, enquanto as mulheres tatuavam os lábios e o queixo. No caso dos

homens, a tatuagem era uma prova social de coragem e que também atuava como uma espécie de atrativo às mulheres. Em 1896, o major-general britânico Horatio Robley publicou o livro *Moko, or maori tattooing*, apresentando ilustrações e descrições sobre essa prática de tatuagem (Gilbert, 2000; Novak, 2012). A tatuagem também era um símbolo de coragem e lealdade dos membros da organização criminosa japonesa *yakuza*, que tatuavam grande parte do corpo, deixando intactos apenas a cabeça, as mãos e os pés (Araújo, 2005).

A prática de tatuagem com função decorativa se popularizou durante o século XVII no Japão, após séculos de proibição e negação social. Sua finalidade estética foi documentada nos livros de ficção escritos por Ihara Saikaku em 1682, tal como a obra *The life of an amorous man*. Nela, gueixas, acólitos e padres exibiam tatuagens de linguagem escrita, sendo elas juras de amor eterno com o nome da pessoa amada juntamente com o *kanji* vida (Novak, 2012). No século XVIII, os japoneses passaram a tatuar desenhos extensos e detalhados, e as figuras mais tatuadas foram os dragões, tigres, flores e carpas. Essa moda teve início por conta de uma novela chinesa que se popularizou no Japão, intitulada *Suikoden*, na qual diversos protagonistas exibiam tatuagens dessa natureza (Araújo, 2005).

A ocidentalização das tatuagens iniciou com o retorno de muitos navegadores da Oceania durante o século XVII, ostentando tatuagens *maori*. Em muitos casos, traziam-se nativos à Europa, visando satisfazer a curiosidade da sociedade europeia, como no caso citado por Marques (1997, p.40) “Príncipe Jeoly foi um dos primeiros tatuados a pôr os pés na Europa do século XVII – e a render dinheiro com sua pele exótica”. Nos séculos seguintes, foi iniciado um processo de ressignificação dos temas tribais através da introdução de temas ocidentais, como brasões, conteúdos religiosos, âncoras de navios, etc. (Marques, 1997; Netto, 2011).

As tatuagens passaram a apresentar figuras com referência aos valores considerados importantes socialmente à partir do século XVIII. Foram encontrados instrumentos e ilustrações do tatuador C. H. Fellowes datados de 1865, cujas tatuagens faziam referências a questões patrióticas, como: águias, navios, guerra, brasões e referências à bandeira norte-americana. Isto se deve ao período histórico vivido pelos estadunidenses na época de Fellowes, marcado pela Guerra Civil Americana e Hispano-Americana.

O início da profissionalização dos tatuadores no século XIX e o contato com a obra de James Cook levou à popularização da tatuagem nos portos britânicos. Nesse período, não apenas marinheiros se tatuam,

mas a realeza passa a manifestar interesse pela tatuagem, a exemplo do rei Eduardo VII. O monarca inglês tatuou uma cruz no braço em 1862, motivado por sua visita à Terra Santa, e posteriormente tatuou uma âncora e um dragão. Seu primogênito George também fez uma tatuagem com um artista local em viagem ao Japão: um dragão azul e vermelho no braço (Araújo, 2005).

De acordo com Le Breton (2004), no século XVIII um indígena totalmente tatuado, chamado de Giolo, foi levado à Inglaterra pelo navegador britânico William Dampier após o mesmo ser comprado por um mercador. Dampier desenvolveu uma estratégia para explicar os motivos das tatuagens de Giolo. O índio teria sido tatuado à força antes de ser vendido como escravo, sendo esta ficção imitada posteriormente para tornar os espetáculos mais emocionantes.

Diversos indivíduos tatuados, como marinheiros e exploradores, passam a forjar histórias sobre suas tatuagens, tais como serem capturados por tribos e obrigados a realizarem a marcação corporal. Verifica-se nesses casos a associação entre tatuagem e imagens de barbárie e selvageria, reforçando estereótipos de violência e inferioridade racial sobre os povos considerados primitivos. Esse pensamento se refletia nos espetáculos de *freak show* no século XIX, nos quais os atores interpretavam de maneira exagerada os estereótipos associados aos primitivos tatuados, agindo com ferocidade (Gilbert, 2000; Marques, 1997; Netto, 2011).

No século XIX, a prática de tatuagem entre detentos europeus era bastante comum. Nos espaços prisionais a tatuagem servia como forma de estabelecer hierarquias, manifestar pertencimento à grupos, relatar informações pessoais e até mesmo externalizar ideais (Le Breton, 2002; Pierrat, 2000). As imagens tatuadas traziam figuras menos abstratas e menores, e possuíam maior relação com identidades. Nessa época era comum tatuarem-se ex-marinheiros, militares, artistas, prostitutas, nobres europeus e cidadãos de classe baixa (Netto, 2011).

É nesse contexto que as imagens voltadas à tatuagem passaram a evocar conteúdos pejorativos de ilegalidade e maior preconceito, sendo dito que “tatuagem não é coisa de gente honesta”. Tais estereótipos ainda são reproduzidos atualmente na vida social. O aspecto visual da tatuagem busca trazer aspectos importantes da trajetória de vida do indivíduo (Le Breton, 2004; Netto, 2011; Novak, 2012).

Mediante a invenção da máquina de tatuar nos Estados Unidos em 1891, por Samuel O'Reilly, os desenhos de tatuagem e tipos de pigmentação se ampliaram. Cresceram também o número de adeptos

dessa prática e houve a padronização de tatuagens, por meio dos catálogos de desenhos (Araújo, 2005; Novak, 2012). O uso dos dermatógrafos (máquinas de tatuagem) permitiu a construção de tatuagens mais detalhadas e precisas, com traços simétricos e pigmentações homogêneas e vivas.

No século XX, os estigmas associados à prática de tatuagem mantiveram-se arraigados no pensamento social, começando a modificar-se a partir da segunda metade do século. Com as revoluções culturais, a prática de tatuagens passou a ser realizada pelos jovens como forma de transgressão e embate às normas sociais vigentes. Isso se constituiu como um dos dispositivos pelos quais os estereótipos associados à tatuagem mantiveram-se negativamente, associando indivíduos tatuados com o uso de droga e rebeldia, entre outros (Netto, 2011; Novak, 2012).

A tatuagem como recurso para estabelecer uma identidade coletiva e designar pertencimento grupal, buscava manifestar seu descontentamento com as normas e leis, e demonstravam seus ideais de mundo. Grupos surgidos na segunda metade do século XX, entre as décadas de 60 e 80, como *punks*, roqueiros e *rappers*, passaram a usar tatuagem como forma de diferenciar seus grupos. Também buscavam anunciar uma nova forma de individualização, demarcando formas de liberdade através da tatuagem, como liberdade do corpo, política e social (Ramos, 2001).

A partir da década de 80, a tatuagem ganha uma nova conotação: enquadramento estético. Atualmente, a prática de tatuar-se também se associa a “estar na moda”. Os instrumentos de madeira, agulhas, pedras, dentes de animais e pigmentos naturais cederam lugar às máquinas tecnológicas, melhorando a forma como os desenhos são realizados e promovendo à otimização do tempo gasto para a execução da tatuagem. Questões voltadas aos cuidados de saúde, maior número de técnicas, pigmentações e maior profissionalização também demonstram o salto qualitativo dado pelas práticas de tatuagem (Le Breton, 1995). Também vem sendo desenvolvidas tecnologias a *laser* para a remoção de tatuagens, o que pode representar um novo estágio das práticas culturais e sociais da tatuagem (Burdall, Longworth, & Nyugen, 2014; Kossida, Rigopoulos, Katsambas, & Anderson, 2012; Mao & DeJoseph, 2012).

No Brasil, o processo de modernização das práticas de tatuagem foi mais lenta, devido à dificuldade de acessibilidade às técnicas e aparelhos. O avanço nesse campo deveu-se à vinda de tatuadores estrangeiros, trazendo as novas tecnologias para seu uso profissional.



Um dos expoentes dessa prática em território brasileiro foi o imigrante dinamarquês intitulado Tattoo Lucky, proveniente de uma família de artistas tatuadores que veio ao Brasil em 1959 (Bicca, Breuning, Almeida Jr., Duquia, & Souza, 2013), e hoje é considerado como "mito de origem" da tatuagem contemporânea no Brasil (Marques 1997).

Até a década de 90 as máquinas de tatuar elétricas eram escassas no país, e artistas amadores faziam experimentos com vitrolas, aparelhos de barbear e autoramas em suas práticas de tatuagem. Estas eram realizadas em locais improvisados, uma vez que ainda não havia espaço físico e social para seu trabalho. A partir dos anos 90, começaram a se profissionalizar tatuadores e começaram a ser estabelecidos estúdios de tatuagem, com materiais e instrumentação moderna, o que melhorou a qualidade artística e os procedimentos de higiene e esterilização (Bicca *et al.*, 2013; Pérez, 2006).

As transformações na natureza e finalidade das práticas da tatuagem sugerem mudanças nos valores e propósitos da vida social (Turner, 1999). Se outrora a tatuagem significava uma forma de pertencimento a grupos, atualmente essa não é sua principal característica. Indica novas exigências sociais e pressões normativas que se manifestam na forma de anseios pessoais de afirmar-se como pessoa, manifestar sua identidade individual e diferenciar-se dos demais (Ferreira, 2011).

A tatuagem se transformou numa mercadoria, entrando assim na economia mundial como um bem de consumo cuja aquisição pela população é crescente (Eckert & Leitão, 2004). Existe um vasto mercado voltado a práticas de tatuagem, com profissionais especializados e inúmeros estúdios. Estes, contam com equipamentos sofisticados, tintas antialérgicas, tintas que brilham no escuro, tintas com maior facilidade de remoção e maior variedade de tonalidades, bem como tatuagens removíveis (*henna*), etc. Estabelecimentos começaram a ser fiscalizados e foram emitidas leis e normas visando reduzir a incidência de doenças, e proporcionar maior segurança aos adeptos (Armstrong, DeBoer, & Cetta, 2008; Bouchy *et al.*, 2013; Huynh, Jackson, & Brodell, 2014; Ip & Hoddes, 2014; Juhas & English III, 2013; Kim, 2015; Pritzker, Iyengar, Rohrer, & Arndt, 2015).

A popularização das práticas de tatuagem também perpassou o campo médico, com as tatuagens a serviço da estética. As chamadas "tatuagens médicas" buscam corrigir as imperfeições nas camadas dérmicas da pele, tais como tatuagem do estroma corneano (ceratopigmentação), realizada para cobrir colobomas, cílios e tatuagens

cosméticas como estratégia de maquiagem permanente, endoscopia gastrointestinal, camuflagem do nariz, dentre outras (Berger, Perez, Pazos, De Biase, & Gomes, 2009; Kluger, 2014; Kluger & Aldasouqi, 2013; Stemmer & Shurshalina, 2014). Nesse mesmo aspecto, alguns indivíduos têm realizado tatuagens trazendo informações sobre temas pertinentes à sua saúde, como: tipo sanguíneo ou se é portador de alguma doença específica, como diabetes, por exemplo.

No século XXI, a prática de tatuagem tem sido uma importante manifestação estética, ganhando maior visibilidade pela influência que vem exercendo na moda e enquanto modismo. O corpo tatuado tem servido como mídia, comunicando informações diversas sobre o indivíduo, principalmente como forma de externalização da individualidade. São cada vez mais frequentes corpos tatuados em distintos setores sociais, sem restrições de idade, gênero ou classe social (Lise *et al.*, 2010; Pérez, 2006). Essa nova forma de construir o corpo traz a tona paradigmas sociais que podem refletir diferentes modos de relacionar-se individualmente com o corpo, e o que se concebe socialmente como padrão de beleza ou pertencimento grupal. Ou seja, as práticas de modificação corporal integram atualmente uma mesma tendência cultural (Kemp, 2005).

A tatuagem vai além do desenho e da marcação, comunicando também atributos internos do indivíduo, como características de personalidade consideradas centrais, bem como um elo de ligação entre o passado e o presente (Côrrea, 1999). Contudo, ainda carrega o estigma de marginalidade, com valores, atitudes e práticas de rejeição ao uso de tatuagens, indicando o “caráter” de seu portador (Netto, 2011). Diversos indivíduos tatuados colocaram sua marcação corporal em locais estrategicamente posicionados para serem ocultas, visando minimizar ou evitar o estigma ainda presente.

A tatuagem contemporânea constitui-se como uma prática corporal estética cada vez mais presente na sociedade. Tal importância tem tornado-se alvo de estudos científicos, como no campo antropológico, sociológico, criminológico e em diversas áreas da saúde (Abonizio, 2011; Armstrong, DeBoer, & Cetta, 2008; Bicca, Duquia, Breunig, Souza, & Almeida, 2013; Braithwaite, Robillard, Woodring, Stephen, & Arriola, 2001; Brooks, Woods, Knight, & Shrier, 2003; Caroni, & Grossman, 2012; Ferreira, 2011; 2010; 2008; 2007; Osório, 2006; Pérez, 2006; Sabino, & Luz, 2006; Satchithananda, Walsh, & Schofield, 2001; Shebani, Miles, Simmons, & De Giovanni, 2007; Vail, 1999). Devido a relevância do tema em sua dimensão psicológica, estudos nacionais e internacionais têm sido realizados sob diferentes

perspectivas, visando compreender e analisar a relação da tatuagem com diversas esferas psicossociais.



## 4. ESTUDO TEÓRICO

### 4.1. MÉTODO

#### 4.1.1. Delineamento

Realizou-se uma exploratória, por meio de uma revisão sistemática da literatura brasileira e estrangeira em Psicologia sobre tatuagem. Para os artigos brasileiros, foram utilizadas as seguintes fontes de consultas as bases de dados: SciELO, LILACS e PePSIC, tendo por descritor o termo “tatuagem” OR “arte corporal”. Para as publicações internacionais, foram acrescentadas as bases de dados: PsycNET, PubMed, Scopus e Web of Science, por meio dos termos (*tattoo* OR *bodyart* OR *tattooing* OR *tattooist*). Para todas as publicações, o período foi restringido de 2000 a 2016. Tal linha temporal foi selecionada devido à quantidade de material já produzido sobre o tema ao longo de décadas.

#### 4.1.2. Coleta de dados

Inicialmente, buscou-se visualizar os resumos das publicações e excluir artigos duplicados, para um posterior acesso aos trabalhos completos, sendo os mesmos lidos e analisados de acordo com os critérios de inclusão/exclusão. Incluiu-se: a) artigos científicos publicados nacional e internacionalmente, na íntegra, com os limites cronológicos já apresentados, tendo por temática central o fenômeno tatuagem; e b) publicações em que o estudo da tatuagem apresentasse associação com fenômenos psicológicos, independentemente da formação dos autores. Este critério foi estipulado devido a produção de inúmeros trabalhos sobre tatuagem associados a fenômenos psicológicos, que não foram produzidos por psicólogos, mas com relevância para a compreensão do fenômeno sob uma perspectiva psicológica. Os critérios de exclusão foram: a) artigos não indexados, teses, dissertações, monografias, resenhas, livros e capítulos de livros.

Para tornar mais abrangente o conjunto de artigos considerados empregaram-se dois procedimentos: contato via *e-mail* para pesquisadores com estudos publicados na área, cujo material não estivesse acessível de forma completa para os pesquisadores do presente estudo; e por busca complementar nas referências dos estudos selecionados. Estratégias deste tipo em estudos sistemáticos têm sido

empregadas por pesquisadores, buscando aumentar a precisão e abrangência dos dados (Costa & Zoltowski, 2014; Sacco, Couto, & Koller, 2016).

#### 4.1.3. Análise de dados

Posteriormente, a análise do material mantido foi dividida em quatro fases, seguindo a orientação proposta por Lakatos e Marconi (2003): a) apreciação crítica do material; b) decomposição dos elementos essenciais; c) agrupamento e classificação; d) análise final. Levaram-se em consideração as metodologias utilizadas (estudo empírico, teórico, psicométrico ou estudo de caso). A base teórica utilizada e as temáticas encontradas, posteriormente foram analisadas de modo qualitativo. A Tabela 1 fornece as definições das categorias metodológicas apresentadas nos trabalhos, de acordo com os critérios já apresentados.

Tabela 1

#### *Categorias Metodológicas Elaboradas para Classificação dos Estudos*

Categorias

Metodológicas

Estudos Empíricos	Contém artigos com coleta de dados em grupos específicos, por meio de aplicação de questionários, escalas, observações ou entrevistas. Delineamentos de natureza descritiva, exploratória, correlacional, experimental e quase-experimental, de abordagens quantitativas, qualitativas ou mistas.
Estudos Teóricos	Publicações de revisões sistemáticas, apresentando revisão de literatura que exponha os procedimentos metodológicos, e revisões não-sistemáticas, que não fornecem a descrição dos procedimentos metodológicos. Também entram nessa categoria os estudos de natureza histórica, conceitual ou teórica, com ou sem método apresentado.

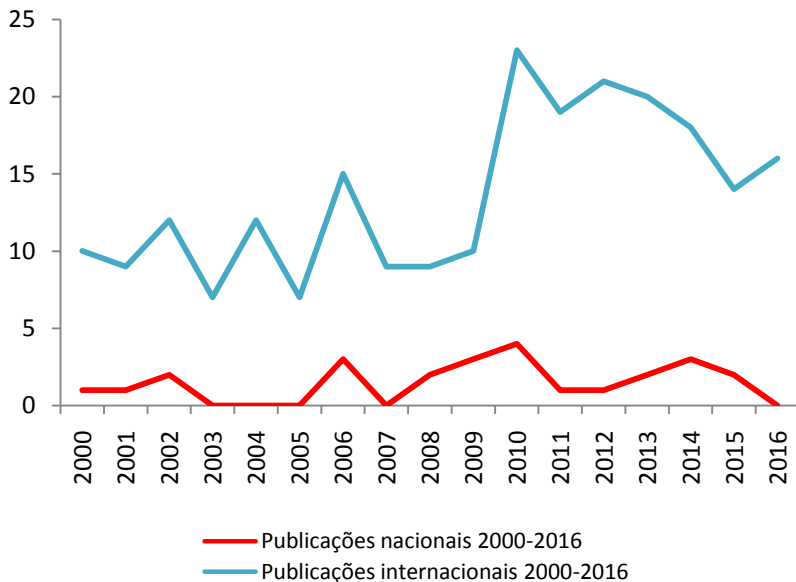
Estudos de Caso	Estudos de episódios clínicos ou idiossincráticos, de caráter descritivo, ideográfico, prospectivo ou retrospectivo.
	<i>continua</i>
Estudos Psicométricos	Produções científicas de validação, desenvolvimento e/ou aplicação de instrumentos de mensuração voltados a temáticas cujo fenômeno esteja envolvido com práticas de tatuagem.

## 4.2. RESULTADOS

Nas bases de busca para publicações estrangeiras, inicialmente foram selecionados um total de 9.418 artigos (PubMed: 4.086; SCOPUS: 4.809; Web of Science: 311; PsycNet: 212). Após a realização da primeira triagem, por meio da leitura dos resumos das publicações, foram selecionadas 500 publicações, com exclusão de 150 artigos duplicados, totalizando 350 restantes. Desses, 139 não atenderam aos critérios de inclusão e exclusão, restando 211 artigos para análise principal. Ressalta-se que as estratégias complementares incluíram 20 trabalhos. Ao final, foram analisadas 231 publicações (Tabela 2), passando pelos critérios propostos por Lakatos e Marconi (2003). Ressalta-se que 71 artigos foram publicados por pelo menos um dos autores com formação em psicologia (graduação ou pós-graduação *strictu sensu*), e 15 publicados no campo da psiquiatria. As demais pertencem a outras áreas do conhecimento, tais como: sociologia, antropologia, enfermagem, saúde pública e dermatologia, mas que dialogam com fenômenos psicológicos, por isso foram mantidas na coleta de dados.

Devido a quantidade de publicações na área, os critérios de busca iniciaram a partir do ano 2000, mas ressalta-se que foram publicados artigos sobre o tema em anos anteriores (Anderson, 1992; Armstrong& Gabriel, 1993, Armstrong, 1994; Greif *et al.*, 1999; Menandro, 1995; Mucciarelli, 1999). Pode-se verificar, de acordo com a Figura 1, que a quantidade de publicações segue um padrão linear ao longo dos anos, atingindo seu número máximo em 2010, com 23 publicações sobre o tema. Das 231 publicações analisadas, 217 foram

publicadas em inglês, 9 em espanhol, 3 em francês e 2 em português de Portugal.



*Figura 1.* Frequência de publicações científicas nacionais e internacionais sobre tatuagem entre 2000 e 2016.

Com relação a busca nas bases de publicações brasileiras, foram encontradas inicialmente 130 publicações (SciELO: 43; LILACS: 79; PePSIC: 8). Na primeira triagem foram selecionadas 100 publicações, sendo posteriormente excluídos 10 artigos duplicados e 40 que não atenderam aos critérios pré-estabelecidos. Dos 50 artigos selecionados, 26 artigos atenderam aos critérios selecionados, sendo 13 deles escritos por profissionais da psicologia (com graduação ou pós-graduação *stricto sensu*). A partir da busca nas bases de dados, o artigo mais antigo encontrado sobre tatuagem no campo psicológico publicado no Brasil datou de 1995. Contudo, o mesmo não está disponível online e não fez parte das análises, por não respeitar os critérios de inclusão. O segundo estudo datou de 2000, iniciando o período de buscas estipulado.



De acordo com a Figura 1, entre 2003 e 2005 verificou-se a ausência de estudos sobre o tema. A partir de 2006, houve um aumento incipiente na quantidade de publicações sobre tatuagem no campo psicológico, chegando a 4 trabalhos em 2010. Contudo, as publicações sobre este tema não apresentam constância ao longo dos anos.

Ao todo, dentre as publicações nacionais e internacionais foram analisados, do ponto de vista teórico e metodológico, 257 artigos. Os resultados dos estudos selecionados serão apresentados de forma descritiva, segundo o ano de publicação, as características metodológicas e as temáticas.

Com relação à natureza dos artigos, 61 são teóricos (16 deles produzidos no Brasil), 187 são empíricos (9 deles nacionais), e 8 são estudos de casos. Dos artigos empíricos, 137 utilizaram método quantitativo, sendo 6 deles com viés experimental, 49 utilizando o método qualitativo (6 brasileiros), 5 o método misto e 2 estudos psicométricos de construção de escala (sendo 1 deles produzido por pesquisadores brasileiros).

Acerca dos instrumentos utilizados nas pesquisas empíricas, os estudos qualitativos tiveram predominância de entrevistas em 44 publicações, seguidos de 3 estudos envolvendo avaliação de fotografias, 2 grupos focais e 1 pesquisa etnográfica. Nos estudos quantitativos, todas as publicações apresentaram corte transversal. Houve um maior uso de questionários e escalas por meio de *surveys*, contabilizando 114 publicações, sendo 4 delas de modo *online* e 2 casos por telefone.

Ressalta-se que, em algumas publicações, os *surveys* foram aplicados juntamente com outros instrumentos de coleta de dados, de acordo com o foco da pesquisa, tais como uso de bafômetro (Gueguen, 2012b), exame físico (Lee *et al.*, 2012), medição corporal (Kozziel, Kretschmer & Pawlowski, 2010), e coleta de sangue (Hellard, Aitken, & Hocking, 2007). Na sequência, 11 estudos fizeram avaliação de fotografias, sendo quatro deles experimentais, seguido de: 2 análises de casos fictícios (1 deles experimental), 2 análises de prontuário e autópsia, 1 experimento de campo, e 1 estudo envolvendo entrevistas clínicas.

Os *surveys* empregados nas pesquisas foram produzidos especificamente para seus respectivos estudos, utilizando em alguns casos escalas validadas ou adaptadas de outras publicações, fazendo uso de medidas explícitas (como escalas e questionários de atitude, por ex.). Os estudos que utilizaram instrumentos de medida foram: Armstrong Tattoo – AT (Armstrong, Masten, & Martin, 2000), o Armstrong Team

Tattoo Survey - ATTAS (Armstrong, Owen, Roberts, & Koch, 2002), o Armstrong Tattoo Survey - ATS (Deschesnes, Finès, & Demers, 2006) e o Martin Stigma Against Tattoos Survey – MTTAS (Dickon, Dukes, Smith, & Strapko, 2014; Martin & Dula, 2010) Foi encontrado apenas um estudo de construção e validação de instrumento internacional, o MTTAS (Martin & Dula, 2010), sendo que o restante apenas relatava a validade psicométrica, sem apresentar os estudos.

A escala produzida no Brasil, intitulada Escala de Atitudes frente à tatuagem - EAFT-D (Medeiros *et al.*, 2010), também apresenta seu estudo de construção e validação, bem como a aplicação do mesmo na pesquisa de Gouveia *et al.* (2010) sobre correlatos valorativos de atitudes frente à tatuagem. Resumidamente, os instrumentos AT e ATS foram instrumentos desenvolvidos para levantamento de dados sobre a presença de tatuagens e outras perfurações corporais. Já o ATTAS, o MTTAS e o EAFT-D são escalas de atitudes frente à tatuagem. O ATTAS e o MTTAS são escalas do tipo Likert, e o EAFT-D de escala de diferencial semântico.

Com relação aos participantes dos estudos, 29 foram realizados com adolescentes, 22 com estudantes universitários, e o restante com população adulta em geral. Acerca do sexo dos participantes, 13 foram do sexo masculino, 8 do sexo feminino e o restante com participantes de ambos os sexos. Ressalta-se que do total de artigos, 56 publicações focavam exclusivamente indivíduos tatuados, 5 artigos com indivíduos não tatuados, e 124 publicações com indivíduos tatuados e não tatuados.

Acerca dos estudos teóricos, 38 deles foram revisões não sistemáticas. Não foi encontrado estudo que tenha realizado revisão sistemática sobre tatuagem. Na sequência, 18 estudos trataram do fenômeno da tatuagem sob alguma corrente teórica (sendo 13 deles produzidos no Brasil), 2 estudos realizaram análise documental, 2 estudos de caso por meio de prontuários, e 1 realizou análise de filme.

A abordagem psicanalítica teve maior número de produções de natureza teórica, contando com 14 artigos, sendo 10 deles produzidos por pesquisadores brasileiros (Costa 2002; Estellon, 2004; Gorender, 2008; Karacaoglan, 2012; Macedo *et al.*, 2009; Macedo *et al.*, 2014; Macedo & Paravadini, 2015; Meilman, 2015; Moreira *et al.*, 2010; Pinho & Rosa, 2014; Siqueira & Queiroz, 2012; Scalozub, 2007; Silva, 2011; Souza, 2001; Stein, 2011). Os temas apresentados foram: dor, transferência, corpo, singularidade, significados da tatuagem e manifestação identitária.

As demais correntes teóricas são: 3 estudos de psicologia evolucionista, analisando a tatuagem enquanto sinal de qualidade

biológica e forma contemporânea de perpetuação de genes, por meio da atratividade (Carmen, Guitar, & Dillon, 2012; Koziel & Sitek, 2013; Koziel, Kretschmer, & Pawlowski, 2010); 2 produções voltadas à psicologia histórico-cultural, enfocando corpo e tatuagem como espaço discursivo (Torak & Rojas, 2013) e a construção da opção de se tatuar enquanto processo constituinte da identidade (Almeida, 2000); 1 estudo de logoterapia, associando tatuagem à possíveis vácuos existenciais (Liu, Lau, & Elliott, 2010); 1 estudo de fenomenologia (Nolasco, 2006), que analisa as modificações e marcações corporais como um modo de subjetivação contemporâneo; e 1 produção do psicodrama (Merengué, 2009), que discute o conceito de conserva cultural através da tatuagem.

#### 4.2.1. Categorias temáticas dos estudos

Em se tratando das temáticas propostas nos artigos selecionados, a Tabela 2 apresenta as categorias estabelecidas a partir das análises das publicações. As 257 publicações deram origem a 6 categorias gerais, que incorporam assuntos variados.

Tabela 2

*Categorias Temáticas Elaboradas para Classificação dos Estudos*

Categorias Temáticas	
Comportamentos de risco (88 artigos)	Estudos cujo foco se refere à associação da prática da tatuagem com comportamentos de risco variados, tais como: gravidez na adolescência; comportamento agressivo, impulsividade; comportamento criminoso; psicopatologias associadas; homicídio; tentativa de suicídio ou suicídio; histórico de abuso (físico, psicológico, sexual); problemas psicossociais (problemas familiares, falta de vínculo, desemprego); complicações médicas derivadas da tatuagem; falta de segurança na realização das tatuagens (HIV, Hepatite B e C e outras respostas alérgicas ou infecciosas); tatuagem em prisão; atividades ilegais; afiliação à gangues; vício em

---

jogos; ausência escolar; uso de tabaco, álcool e outras drogas; e comportamento sexual.

*continua*

- Motivações  
(78 artigos)
- Produções científicas que trabalham acerca das motivações para a realização de tatuagem. Os temas são: conflitos familiares; curiosidade; impulsividade; tatuagens para tirar marcas físicas; auto-expressão; alerta médico; pertencimento grupal e laços sociais (influência de amigos, familiares e grupos de referência); identidade cultural; reconhecimento social; atratividade; auto-estima; insatisfação com aparência física; status social; conexão com o eu; manifestação de masculinidade e feminilidade; ato de comunicação; moda e consumo; arte corporal; regulação de estados afetivos, renascimento; ferramenta de proteção e prática religiosa; logotipo corporativo; resistência e rebelião; dor e ritualização; e história de vida.
- Características de  
Personalidade  
(15 artigos)
- Artigos que possuam a temática da tatuagem associada à características de personalidade de indivíduos tatuados e/ou não tatuados: auto-estima; auto-eficácia; busca de sensações; impulsividade; atratividade; credibilidade; abertura à experiência; psicopatias subclínicas e baixa auto-estima; desejabilidades sociais; necessidade de singularidade; extroversão; investimento de aparência distinta, unicidade auto-atribuída; e extroversão.

Arrependimento (07 artigos)	Estudos que contenham a remoção ou arrependimento de ter tatuagem como enfoque.
Psicologia social (34 artigos)	Grupo de produções científicas em que a tatuagem é analisada sob alguma teoria da psicologia social. Exemplos: estereótipos, preconceito e estigma frente indivíduos tatuados; atitudes, crenças e práticas; percepção social de indivíduos tatuados e não tatuados; atração interpessoal e formação de impressões frente indivíduos com tatuagens; Tomada de decisão para fazer tatuagem, percepção de controle e crenças em saúde para fazer tatuagem. <i>continua</i>
Outros (35 artigos)	Produções que tiveram ocorrência em baixa quantidade e não puderam ser enquadrados em outras categorias. Exemplos: indiferença ou não intenção de tatuar-se; representação midiática das práticas de modificação corporal; tipos de tatuagem em enfermeiros; mitos e verdades sobre a prática de tatuagem e <i>piercing</i> ; aconselhamento para tatuagem; informações para profissionais da saúde; regulamentação da prática de tatuagem; conhecimento e consentimento dos pais; terminologia da tatuagem; história cultural da tatuagem; gênero; recrutamento e seleção de tatuadores.

---

Conforme se verifica na Tabela 2, a categoria “comportamento de risco” possui a maior quantidade de publicações. Os estudos associam, por meio dos resultados de pesquisas empíricas quantitativas, os comportamentos de indivíduos tatuados a uma série de situações de risco, conforme apontado na Tabela 2. Verifica-se que, desses estudos, 9 deles o fazem por meios de estudos comparativos entre tatuados e não tatuados (Drews, Allison, & Probst, 2000; Guéguen, 2012b; King & Vidourek, 2013; Koch, Roberts, Armstrong, & Owen, 2005b; Pozgain, Barkić, Filaković, & Koić, 2004; Swami *et al.*, 2015; Swami *et al.*, 2016; Thompson, 2015; Zrno, Frencl, Degmecic, & Pozgain, 2015).

Além dos riscos psicossociais, estudos estrangeiros também apresentam resultados sobre complicações médicas derivadas da tatuagem, bem como a falta de segurança dessa prática, podendo desencadear respostas alérgicas ou infecciosas de diferentes naturezas (Bonnycastle, 2011; Brown, Perlmutter, & McDermott, 2000; Boncompagni *et al.*, 2005; Cegolon *et al.*, 2010; Gallè *et al.*, 2012; Hellard, Aitken, & Hocking, 2007; Kluger, 2015a; Kluger, 2016b; Majori *et al.*, 2013; Manuel & Retzlaff, 2002; Mayers & Chiffreller, 2008; Mayers, Judelson, Moriarty, & Rundell, 2002; Nicoletti, 2004; Peña-Orellana, Hernández-Viver, Caraballo-Correa, & Albizu-García, 2011; Quaranta *et al.*, 2011; Strang *et al.*, 2000; Vanston & Scott, 2008).

A segunda categoria com maior número de publicações foi a de “motivações” para realização da tatuagem. Dos 78 artigos apresentados, 15 deles associaram-na como busca por singularidade/diferenciação/expressão da individualidade (Antoszewski, Sitek, Fijałkowska, Kasielska, & Kruk-Jeromin, 2010; Atik & Yildirim, 2014; Aubin, 2000; Chakraborty, 2013; Cifuentes, 2011; Karacaoglan, 2012; Lande, Bahroo, & Soumoff, 2013; Le Breton, 2016; Maclachlan, Harrison, & Wood, 2011; Millner&Eichold, 2001; Owen, Armstrong, Koch, & Roberts, 2013; Pérez-Fonseca, 2009; Ruvio, 2008; Stirn, 2004; Tiggemann & Hopkins, 2011; Tiggemann & Golder, 2006).

Na sequência, as motivações com maior número de produções foram: 8 sobre moda e consumo (Czupy, Pongó, Mihálffy, & Susánzky, 2016; Kjeldgaard & Bengtsson, 2005; Kosut, 2006; Kuczkowski, 2004; Park, 2016; Paterson & Schroeder, 2010; Sierra, Jillapalli, & Badrinarayanan, 2013; Thakur & Verma, 2016); 7 sobre atratividade/autoestima/insatisfação com aparência física (Antoszewski, Sitek, Fijałkowska, Kasielska, & Kruk-Jeromin, 2010; Carmen, Guitar, & Dillon, 2012; Cegolon *et al.*, 2010; Clerici & Meggiolaro, 2011; Koziel & Sitek, 2013; Koziel, Kretschmer, & Pawlowski, 2010; Pajor, Broniarczyk-Dyła, & Świtalska, 2015); 7 sobre pertencimento grupal/identidade cultural/reconhecimento social e status (Armstrong, Owen, Roberts, & Koch, 2002; Roberts, Koch, Armstrong, & Owen, 2006; Ferreira, 2014; Hiramoto, 2014; Jeffreys, 2000; Park, 2016; Pritchard, 2000); 6 como obra de arte da pele (Barker & Barker, 2002; Bourgain, 2001; Johncock, 2012; Kierstein & Kjelskau, 2015; Kosut, 2014; Schildkrout, 2004); e 4 como ferramenta de proteção e devoção e/ou prática religiosa (Koch & Roberts, 2012; Lemma, 2014; Rivardo & Keelan, 2010; Scheinfeld, 2007). As demais categorias apresentam três ou menos publicações.

Encontraram-se 34 estudos realizados sob a perspectiva da Psicologia Social. Nestes, a tatuagem enquanto objeto de estudo foi analisada por meio de diversas teorias, como: atitudes, comportamento, formação de impressões, atração interpessoal, percepção social, estigma, estereótipos e preconceito, atitudes e práticas, crenças, tomada de decisão e percepção de controle. Do total de publicações, 13 delas enfocaram a tatuagem associada a estigma, estereótipo e preconceito (Baumann, Timming, & Gollan, 2016; Buress & Clark, 2010; Dean, 2010; Degelman & Price, 2002; Dickson, Dukes, Smith, & Strapko, 2014; Durkin & Houghton, 2000; Funk & Todorov, 2013; Larsen, Patterson, & Markham, 2014; Martin & Dula, 2010; Pfeifer, 2012; Karl, Hall, & Peluchette, 2013; Swami & Furnham, 2007; Westerfield, Stafford, Speroni, & Daniel, 2012). Na sequência, cinco publicações enfocaram a percepção social de indivíduos tatuados (Dukes & Stein, 2014; Musambira, Raymond, & Hastings, 2016; Resenhoeft, Villa, & Wiseman, 2008; Wiseman, 2010b; Wohlrab, Fink, Kappeler, & Brewer, 2009a). Os demais estudos associando a tatuagem possuem menos de 3 publicações.

A categoria “Características de Personalidade” apresenta ligação com comportamento de risco. Os estudos, em sua maioria, associam a personalidade de indivíduos tatuados à busca de sensações e impulsividade (Kertzman, Kagan, Vainder, Lapidus, & Weizman, 2013; Roberti, Storch, & Bravata, 2004; Stirn, Hinz, & Brähler, 2006; Stirn, Brähler, & Hinz, 2006; Wohlrab, Fink, Kappeler, & Brewer, G., 2009a), abertura à experiência, psicopatia subclínica e baixa auto-estima (Nathanson, Paulhus, & Williams, 2006), auto-eficácia (Pravettoni & Miglioretti, 2004), credibilidade (Seiter & Hatch, 2005), extroversão (Swami *et al.* 2012) e unicidade auto-atribuída (Swami, 2011).

Na categoria “Arrependimento”, os estudos enfocam a remoção da tatuagem ou arrependimento de tê-la. Os estudos apontam as seguintes motivações: tatuagens malfeitas ou defomações ao longo do tempo, perda do significado da tatuagem, por motivos variados, motivações relacionadas a trabalho, constrangimento familiar ou social, má interpretação da imagem tatuada e estigma (Armstrong, Roberts, Koch, Saunders, 2008; Desai & Smith, 2011; Aslam & Owen, 2013; Atik & Yildirim, 2014; Madfis & Arford, 2013; Owen, & Anderson, 2008; Wiseman, 2010a; Thakur & Verma, 2016). Outro fator a ser considerado foi apresentado por Aslam e Owen (2013), que indicou a correlação entre idade de realização de tatuagem e arrependimento, havendo correlação estatisticamente significativa de aumento da

probabilidade de arrependimento em indivíduos que se tatuaram na adolescência.

### 4.3. DISCUSSÃO

Tendo em vista a relevância e impacto que as práticas da tatuagem apresentam na contemporaneidade, tanto do ponto de vista individual quanto de práticas sociais, e levando em conta a produção internacional sobre o tema, a quantidade de publicações nacionais sobre tatuagem ainda é incipiente, sob o enfoque psicológico e de áreas afins. Do total de publicações internacionais encontrados sobre tatuagem associada a algum aspecto psicossocial, os artigos produzidos por profissionais com formação em psicologia correspondem a 30% das publicações, atingindo 37% quando somados à psiquiatria.

No Brasil, as publicações com essas especificidades alcançam 56%, embora com quantidade de artigos substancialmente inferior ao total de contribuições internacionais. De acordo com a frequência de publicações nacionais, não é possível identificar uma tendência de crescimento de publicações futuras sobre o tema. Em contrapartida, os estudos estrangeiros mantêm uma estabilidade nas publicações, inferindo-se assim uma constante produção científica.

Constata-se, de acordo com a Figura 1, um maior interesse sobre o tema no cenário internacional, indicando sua popularidade nas últimas décadas (Kluger, 2010; van der Meer, Weijmar, Schultz, & Nijman, 2008). Tal afirmação complementa-se também por publicações estrangeiras realizadas entre as décadas de 70 e 90, trazendo assim problematizações sobre o tema nas últimas décadas e interesse da comunidade científica sobre a temática (Agris, 1977; Armstrong, 1991; 1994; Armstrong & Gabriel, 1993; Raspa & Cusack, 1990; Sanders, 1988; Taylor, 1970). No entanto, ressalta-se que as produções no idioma inglês não se limitam a um país, uma vez que produções de dezenas de países publicam no idioma inglês, o que aumenta o nível de produção.

O crescente interesse nas pesquisas sobre tatuagem também traz novas perspectivas, como no caso da associação entre tatuagem e comportamento de risco. Enquanto diversos estudos associam a prática da tatuagem a comportamentos de risco, tais como comportamento agressivo, criminoso, suicida, sexualmente promíscuo, uso de substâncias psicoativas e psicopatologias associadas (Braithwaite *et al.*, 2001; Busaniche *et al.*, 2006; Carroll & Anderson, 2002; Green *et al.*, 2002; Guéguen, 2012b; Krasic *et al.*, 2011; Manuel & Retzlaff, 2002; Stirn & Hinz, 2008), publicações recentes tem discutido tais



sustentações, com base em novos resultados, apontando a não associação da tatuagem com psicopatologias associadas ou comportamento de risco (Giles-Gorniak *et al.*, 2016; Pajoret *al.*, 2015; Swami *et al.*, 2016).

A hipótese lançada para tal alteração nos valores, atitudes e práticas acerca da associação entre tatuagem e comportamento de risco pode ser proveniente das motivações para o indivíduo se tatuar. Ainda se verifica a associação da tatuagem a grupos marginalizados ou rompimento às normas sociais (Gorender, 2008; Pérez, 2006; Pierrat, 2000), contudo novas motivações se agregam, tais como a estética, busca por singularidade, individualidade e pertença grupal (Braga, 2009; Czupy *et al.*, 2016; Gaspard, Hamon, Da Silva Junior, & Doucet, 2014; Koziel & Sitek, 2013; Moreira *et al.*, 2010; Owen *et al.*, 2013; Pajor *et al.*, 2015; Park, 2016; Thakur & Verma, 2016), diminuindo assim a associação entre a tatuagem e elementos considerados como risco.

No contexto brasileiro, há basicamente uma ausência de estudos sobre comportamentos de risco associados à tatuagem. Para além da dimensão psicológica, estudos epidemiológicos proporcionam dados sobre as práticas de segurança na realização de tatuagem. Publicações sobre complicações médicas derivadas da tatuagem, que podem desencadear em respostas alérgicas, infecciosas ou mesmo o desenvolvimento de HIV e Hepatite B e C, são de vital importância para a saúde pública, possibilitando também o fornecimento de materiais informativos sobre o tema (Armstrong, 2001; Caraballo-Correa, & Albizu-García, 2011; Cegolon *et al.*, 2010; Kluger, 2015a,b; Majori *et al.*, 2013; Montgomery & Parks, 2001).

Merece destaque também as novas tendências e funções para prática da tatuagem, relativa às motivações. Conforme se verificou nas categorias temáticas, existem inúmeros motivos para um indivíduo optar por tatuar-se. Contudo, na última década surgiram novas tendências, como tatuagens de alerta médico e logotipo corporativo. Atualmente, indivíduos tatuam imagens que alertem sobre condições médicas potencialmente perigosas, que exigiriam atenção especial durante emergências, como: tipo sanguíneo, alergia a algum medicamento específico e/ou doenças específicas que exijam maior atenção (Colbert & Brenann, 2016; Kluger & Aldasouqi, 2013). No campo da saúde, a tatuagem também tem sido usada para cobrir deformidades físicas ou marcas físicas provocadas por cicatrizes de cirurgias ou acidentes, sendo chamadas de “tatuagens médicas” (Firmin, *et al.*, 2012; Kluger, 2016a).

No caso de logotipos corporativos, os estudos apontam que indivíduos que tatuam marcas e/ou logotipos corporativos o fazem, em sua maioria, devido à fidelidade e auto-identificação com a marca, devido à sua filosofia ou estilo de vida que esta representa. Também apresentam esta modalidade como forma de mercantilização cultural inscrita no corpo, inscrevendo no corpo e na individualidade valores prezados pela organização (Orend & Gagné, 2009; Weidner *et al.*, 2016).

Com relação aos estudos brasileiros, destaca-se a importância de que sejam acompanhados de maior rigor metodológico. As publicações nacionais selecionadas são, em sua maioria, de natureza conceitual e histórica, não havendo qualquer estudo anterior de revisão sistemática. Em contrapartida, 77% das publicações estrangeiras possuem predominância de estudos empíricos, e dentro desse quadro 75% de natureza quantitativa, seguido de 24% de natureza qualitativa (Czupy *et al.* 2016; Giles-Gorniak *et al.*, 2016; Musambira *et al.*, 2016; Swami *et al.*, 2016). A falta de estudos empíricos no cenário nacional e o predomínio de estudos de natureza teórica podem trazer risco às suas sustentações, haja vista a limitada amostra nacional de pesquisas empíricas com a população brasileira. A carência de publicações brasileiras sobre o tema ainda não permitiram a realização de estudos que associem a tatuagem a variáveis, como traços de personalidade, por exemplo, prática comum nos estudos estrangeiros (Kertzman *et al.*, 2013; Pajor, Broniarczyk-Dyła, & Świtalska, 2015; Swami, 2012; Swami *et al.* 2012; Tate & Shelton, 2008).

Vale ressaltar um dado pertinente acerca da construção de instrumento de medida sobre tatuagem. O único instrumento psicométrico desenvolvido por um pesquisador da área de Psicologia é o Martin Stigma Against Tattoos Survey – MTTAS (Martin & Dula, 2010). Todos os demais instrumentos – AT, ATTAS, ATS – foram encabeçados pela pesquisadora Myrna Armstrong e colaboradores, sendo a mesma da área de enfermagem, e não foram encontrados os estudos de validação, mesmo havendo contato direto do pesquisador com a autora citada (Armstrong *et al.*, 2000; Armstrong *et al.*, 2002; Deschesnes *et al.*, 2006). No Brasil, Medeiros e cols. (2010), desenvolveram a escala de diferencial semântico EAFT-D - Escala de Atitudes frente à tatuagem. A mesma foi utilizada uma única vez, no único estudo quantitativo produzido por pesquisadores da área da psicologia no Brasil (Gouveia *et al.*, 2010).

## **5. ESTUDO QUALITATIVO**

### **5.1. MÉTODO**

#### **5.1.1. Delineamento**

Esta pesquisa configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva e corte transversal, visando trazer maior profundidade e riqueza nas informações obtidas (Sampieri *et al.*, 2006). O delineamento foi do tipo “estudo de casos” (Gray, 2012), por meio de entrevistas semi-diretivas, cuja proposta tem por finalidade explorar tipologias de visões de mundo por meio das semelhanças e diferenças entre os participantes. As entrevistas proporcionaram material verbal que forneceu ao pesquisador informações acerca do universo dos participantes, por meio dos aspectos simbólicos e concretos presentes em seu cotidiano (Jodelet, 2003).

#### **5.1.2. Participantes**

Participaram 36 indivíduos, divididos igualmente por sexo, com idade entre 18 e 75 anos [ $M = 43,68$ ;  $DP = 16,38$ ]. As médias de idade foram: para o sexo feminino foi 41,11 [ $DP = 16,13$ ], e para o masculino 46,16 [ $DP = 16,23$ ]. As entrevistas foram realizadas individualmente, em local e horário pré-agendado.

Com a finalização das entrevistas, suas transcrições foram divididas em 12 categorias definidas *à priori*, contando com três participantes em cada: Categoria 1 e 2: Participantes do sexo masculino, com idade entre 18 e 39 anos, com tatuagem pequena e grande; Categoria 3 e 4: participantes do sexo masculino, com idade acima de 40 anos, que realizaram a 1ª tatuagem a partir dos anos 2000, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s); Categoria 5 e 6: participantes do sexo masculino, com idade acima de 40 anos, que tenham realizado a 1ª tatuagem até os anos 90, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s). Os participantes do sexo feminino seguiram a mesma divisão, totalizando assim 12 categorias.

O critério estabelecido para definir o número de participantes foi de saturação dos dados, que considera que em pesquisas que focalizam o conteúdo temático este começa a repetir entre a vigésima e a trigésima entrevista (Ghiglione & Matalon, 1997). Os participantes foram acessados por meio da indicação de pessoas do convívio social do pesquisador, por meio da técnica bola de neve (*snowball*), em que alguns participantes indicam novos participantes para contribuir na pesquisa (Becker, 1993). Como critérios de inclusão, levou-se em consideração: 1) ter uma ou mais tatuagens, e 2) ter idade mínima de 18 anos. Como critérios de exclusão, não puderam participar indivíduos menores de 18 anos, bem como participantes com algum agravamento de saúde que compromettesse a compreensão da entrevista. A variável sexo foi controlada, uma vez que as respostas poderiam conter diferenciações não negligenciáveis, de acordo com o sexo do participante.

### 5.1.3. Coleta dos dados

Foi utilizada a entrevista individual semi-diretiva, tendo como técnica complementar a entrevista episódica, tendo em vista que este tipo de entrevista permite o acesso a conhecimentos por meio de experiências e circunstâncias específicas de vida (Flick, 2008). Tal técnica consiste na indicação de temas por parte do entrevistador, que apenas intervém na entrevista de modo a incitar o entrevistado a se comunicar, fazendo uso de técnicas pouco diretivas, tais como:

expressões breves de interesse pela fala do entrevistado (como sinais afirmativos; olhar dirigido à pessoa; verbalizações breves, como “hã, hã”, “entendo”, “uhum?”; inclinação corporal; utilização de silêncios; repetição das últimas palavras do entrevistado; sínteses parciais por parte do pesquisador do que o entrevistado acabou de dizer; pedido de informações complementares com intuito de demonstrar interesse; solicitação de perguntas pontuais somente quando necessário; e repetições de questões quando não houve compreensão do tema por parte do pesquisado) (Ghiglione e Matalon, 1997). Deste modo, buscou-se realizar uma investigação sem que o pesquisador conheça de forma antecipada o grau de informações dos entrevistados sobre os temas a serem trabalhados.

Ao final da entrevista, os participantes responderam às questões de caracterização da amostra (Idade, Profissão, Escolaridade, Religião, Idade de realização da primeira tatuagem). A Tabela 3 apresenta as questões norteadoras, que objetivaram delimitar pontos específicos a serem verificadas nas entrevistas.

Tabela 3.

*Perguntas norteadoras para o pesquisador na entrevista semi-diretiva*

**Perguntas norteadoras para a Entrevista**

1. O que você pensava sobre tatuagem antes de realizar?
2. O que te motivou a realizar a primeira tatuagem e as demais?
3. Qual o significado que ela(s) possui(em)?
4. Por que optou pelo local do corpo?
5. Houve arrependimento?
6. Já sentiu alguma forma de preconceito ou discriminação por possuir tatuagem(ns)?

7. A percepção que você tem do seu corpo e de si mesmo mudou após ter feito tatuagem?
  8. Seus comportamentos mudaram após ter feito tatuagem?
- 

#### 5.1.4. Procedimentos

Inicialmente, foram realizadas 4 entrevistas piloto, seguidas da análise da narrativa e das intervenções do pesquisador, visando aprimorar o domínio das técnicas de entrevista. O contato com os participantes deu-se através de ligações telefônicas, contato via *email* e/ou contato pessoal. Os participantes foram convidados a participar da pesquisa e, caso houve aceite, as entrevistas foram agendadas. As mesmas ocorreram no Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS, localizado dentro na Universidade Federal de Santa Catarina. Na indisponibilidade de deslocamento dos participantes, foram escolhidos locais de melhor acesso, levando em consideração o rigor do sigilo das informações. Ao final da entrevista, o pesquisador promoveu uma dessensibilização do participante, mediante perguntas sobre a satisfação do entrevistado com o conteúdo trabalhado e se gostaria de expressar mais alguma opinião que não tenha proferido. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

O projeto obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, sob protocolo n. 1.353.995, e todas as diretrizes éticas foram seguidas, seguindo as normas da Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais. Antes do início da pesquisa, foi solicitada aos participantes a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).

#### 5.1.5. Análise de dados

Os dados voltados à caracterização dos participantes foram analisados por meio de estatística descritiva (média, desvio padrão, distribuição de frequências), com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS- versão 17.0). Com relação ao conteúdo das entrevistas, estas foram analisadas por duas técnicas diferentes de análise de dados. As entrevistas transcritas foram submetidas a análises textuais do tipo Classificação Hierárquica

Descendente (CHD) e nuvem de palavras (Ratinaud & Marchand, 2012), realizadas por meio do *software* IRaMuTEq. Visando maior aprofundamento dos dados, foi realizada, com o mesmo material, uma análise de conteúdo temático-categorial com o auxílio do *software* Atlas.ti (Muhr, 2004) sendo propostas categorias a partir dos dados, posteriormente organizados em eixos temáticos.

Também se realizou a análise da frequência das unidades de registro, considerando que uma unidade de registro aumenta sua importância de acordo com a frequência de sua aparição indicando assim seu nível de significância (Bardin, 2011). A técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011) possibilita a leitura e interpretação de conteúdos, deixando apreender diversificados fenômenos da vida social apresentados pela linguagem cultural e suas significações dos indivíduos envolvidos na pesquisa.

## 5.2. RESULTADOS

### 5.2.1. Descrição dos participantes

Com relação aos dados sociodemográficos, a média de idade dos participantes variou entre os grupos, com média de idade superior do sexo masculino. Enquanto os grupos masculinos 1 e 2 apresentaram média de idade de 27,6 [ $DP = 5,37$ ], os grupos femininos 7 e 8 apresentam média de idade de 19,3 [ $DP = 0,74$ ]. Estas diferenças entre idades também se verificaram entre os grupos masculinos 3-4 [ $M = 65$ ;  $DP = 6,53$ ] e femininos 9 e 10 [ $M = 53,16$ ;  $DP = 4,52$ ], e entre os grupos 5 e 6 [ $M = 45,83$ ;  $DP = 5,37$ ] e 11-12 [ $M = 50,83$ ;  $DP = 6,77$ ].

Com relação a idade de realização da primeira tatuagem, os grupos do sexo feminino apresentaram média menor comparada aos grupos do sexo masculino. Os grupos masculinos 1 e 2 apresentaram média de idade de 27,5 [ $DP = 6,27$ ], superior aos grupos femininos 7 e 8 [ $M = 16,8$ ;  $DP = 1,78$ ]. O mesmo ocorre entre os grupos masculinos 3-4 [ $M = 53$ ;  $DP = 4,90$ ] e femininos 9 e 10 [ $M = 43,3$ ;  $DP = 3,2$ ], e entre os grupos 5 e 6 [ $M = 21,1$ ;  $DP = 9,6$ ] e 11 e 12 [ $M = 20,5$ ;  $DP = 5,60$ ].

Das informações obtidas sobre o estado civil, 9 homens declaram-se casados, 5 divorciados e 4 solteiros, enquanto o sexo feminino apresentou 7 solteiras, 5 casadas, 5 divorciadas e 1 viúva. Acerca da religião, o maior número apresentado foi de ateus, segundo o sexo masculino, contabilizando 11 participantes, seguidos de

3 católicos, 2 sem religião específica, 1 evangélico e 1 espírita. Para o sexo feminino, 8 afirmaram ser da religião espírita, seguida de 4 católicas, 4 sem religião específica, 1 ateia e 1 agnóstica. Com relação a formação escolar do sexo masculino, 1 possui pós graduação, 10 possuem ensino superior completo, 2 superior incompleto, 3 ensino médio completo e 1 fundamental completo. Para o sexo feminino, 1 declarou possuir pós graduação, 6 graduação completa, 8 graduação em andamento e 3 médio completo.

## 5.2. 2. Representações sociais da tatuagem

### 5.2.1.1. Análise textual

As entrevistas foram transcritas, tendo seu material textual reunido em um *corpus* intitulado “Entrevistas em Profundidade” e, posteriormente, submetido a análise textual. O *corpus* foi composto por 36 entrevistas, com indivíduos tatuados de ambos os sexos e com as especificidades de cada grupo, totalizando 3 participantes por grupo. As 36 entrevistas tornaram-se 1.914 segmentos de texto (ST), retendo-se 1.818 ST (95% do total) para a realização da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), com o auxílio do *software* IRaMuTeQ. Após a lematização, identificaram-se 4.860 formas distintas que ocorreram 67.595 vezes, com frequência média de 13,90. A Figura 2 apresenta a nuvem de palavras, proveniente do *corpus* textual analisado, permitindo verificar, através da imagem, os principais elementos citados, levando em



consideração que a centralidade e tamanho das palavras são proporcionais à frequência apresentada no *corpus*.

Figura 2. Nuvem de palavras referente ao corpus Entrevista Semi-diretiva.



De acordo com a Figura 2, verifica-se que o *corpus* analisado possui a palavra “ter” com maior frequência no vocabulário ( $n = 1.428$ ), seguida de “fazer” ( $n = 1.424$ ), “ir” ( $n = 963$ ), “ser” ( $n = 810$ ), “minha” ( $n = 641$ ), “achar” ( $n = 605$ ), “meu” ( $n = 452$ ) e “querer” ( $n = 373$ ). Verifica-se que as palavras mais citadas “ter” e “fazer” são abordadas enquanto manifestações de posse da tatuagem, de algo pessoal. Ao longo das entrevistas, pode-se verificar esta forma de legitimação da prática da tatuagem, enquanto símbolo que, embora possua motivações diversificadas, tem um propósito em comum: externalizar algo pessoal e materializá-lo no próprio corpo.

Por sua vez, o *corpus* também foi submetido a uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), realizada por meio do *software* IRaMuTeQ. A CHD dividiu o *corpus* em três classes, apresentadas no dendrograma da Figura 4, trazendo o vocabulário mais significativo dos segmentos de texto (ST) de cada classe, o número de STna classe que contem aquela palavrae o valor da associação (do qui-quadrado).

Na primeira partição o *corpus* textual dividiu-se em dois *sub-corpora*, em que a classe 3, intitulada “história pessoal”, diferenciou-se das classes 1 e 2. Estas abordaram, respectivamente, o valor pessoal sobre a tatuagem e o impacto dela(s) em sua vida. Por fim, a segunda partição diferenciou as classes 1 e 2 entre si.

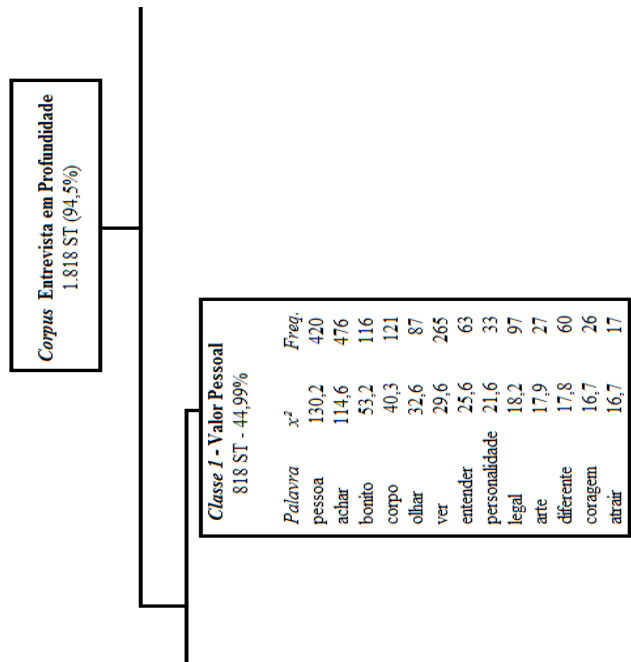


Figura 3. Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente relativa ao corpus “Entrevista Semi-diretiva”.

A classe 3, intitulada “História Pessoal”, representa 42,3% dos segmentos de texto classificados. Esta classe pode ser considerada a que possui os segmentos de texto que apresentam a formação das informações dos participantes a respeito da tatuagem, ou seja, sua gênese informacional sobre as RS da tatuagem, trazendo as primeiras informações e influências dos participantes a respeito da tatuagem, e como foram formulando seus saberes, valores, crenças e atitudes:

*“(...)Eu sou do Rio Grande do Sul, e lá é muito radical essa educação, então uma pessoa com tatuagem na minha adolescência era considerado um pederasta, e minha família sempre passava isso em nossa educação” (P2, Grupo 3).*

*“Quando eu era pequena, mais criancinha, eu achava que era uma coisa de marginal, o meu pai sempre falava que eram tudo coisa de favela. Ai ta, ai eu fiquei com isso na minha cabeça e tinha esse preconceito” (P13, Grupo 7).*

Esta classe também engloba em seu vocabulário o processo de alteração dessas representações. As relações com indivíduos tatuados ou entusiastas da tatuagem, presentes em vocábulos como “tatuador”, “amigo”, “primo” e “filho”, foi o motivo mais citado para as alterações representacionais e decisão em realizar uma tatuagem:

*“Na época eu tinha um namorado que tinha tatuagem, achava massa, achava um máximo, e eu queria uma tatuagem também, começou daí, e eu gostei também” (P29, Grupo 11).*

*“tenho uma prima que se tatuou aos quinze anos, uma borboleta no pé, e hoje ela tem vinte” (P16, Grupo 7).*

*“meu filho tatuado diz que eu mudei muito desde que me tatuei, estou mais tranquilo (P27, Grupo 4).*

A classe 3 também apresentou os contextos de realização das tatuagens. Os vocábulos “tatuar”, “ano” e “descobrir”, pertencem a

segmentos de texto que identificou situações vivenciadas que desencadearam a decisão de tatuar-se:

*“(...) tive uma reviravolta na minha vida, prestes a me aposentar, filhos criados, me separei e a vida tomou uma nova perspectiva, estava voltando a viver, e pensei em me tatuar” (P35, Grupo 4).*

*“foi uma coisa de rebelde, porque minha mãe não queria deixar, eu fiz escondido pra ela não descobrir, e contei um ano depois. Eu fiz porque gostava do significado e também porque terminei um relacionamento, e achei importante tatuar” (P17, Grupo 7).*

As classes 1 e 2 englobam, conjuntamente, 57,5% dos ST. Embora ambas abordem a influência da tatuagem, a classe 1, maior classe do *corpus* com 44,99% dos ST, enfoca propriamente a influência na vida intrapessoal dos participantes, trazendo suas motivações pessoais e autopercepções em ser “tatuado(a)”, e por conseqüência, maior visibilidade da dimensão campo das RS da tatuagem, tatuando imagens que externalizem algum traço de personalidade, sentimento ou vivência. Os elementos “personalidade”, “arte”, “coragem” e “diferente” exemplificam esta manifestação:

*“resolvi fazer um tigre no antebraço, e essa sim tem um significado muito forte pra mim. Eu acho o tigre um animal que me passa força, coragem. E eu gostei demais dessa tatuagem, a ponto de que tem momentos que estou em alguma situação difícil, e eu olhar pra ela, e ela me passa força, inspiração” (P10, Grupo 6);*

*“Tenho uma fênix no tornozelo, porque depois que comecei a correr fiquei seis meses parada por causa de uma lesão, e a fênix foi na ideia de renascer e voltar a correr” (P26, Grupo 12).*

Além disso, é considerado importante a tatuagem ser esteticamente bonita. Isto está presente em elementos como “corpo”, “bonito”, “legal”, e associa-se à atração física, favorecendo a dimensão da estética corporal, conforme se verifica através dos vocábulos “atrair”,

“olhar” e “ver”. Ressalta-se que a beleza é enfocada não apenas na sua relação com o corpo, mas aquela do próprio desenho:

*“Mas hoje eu faço em locais onde acho bonito, porque eu acho que a tatuagem é algo extremamente estético, deixa o corpo belo”* (P30, Grupo 12).

*“eu me acho melhor com tatuagem porque os aspectos que eu te falei, que eu gosto de tatuagem pela estética, pela arte dela e também pela beleza”* (P15, Grupo 8).

Por sua vez, a classe 2, menor classe, com 12, 71% dos ST, enfoca o impacto da tatuagem nas relações interpessoais. Nesta classe, a dimensão atitudinal tem maior prevalência, apresentando a influência social, manifestando-se através de relatos de momentos de vidas que desencadearam na realização da tatuagem, e as conseqüências da tatuagem no auto conceito e até mesmo nos comportamentos dos participantes. Elementos como “momento”, “vida”, “mudar”, “fase”, “influência” e “grupo” clarificam esta dimensão:

*“a tatuagem foi um momento que marcou um momento da minha vida. Não foi ela em si que me mudou, mas ela fez parte da mudança, e teve influência depois, porque mudou como eu me vejo e até como me comporto, porque me sinto mais livre”* (P3, Grupo 3).

*“Sinto que eu mudei a partir do momento que fui me tatuando, você vai abrindo sua mente, aprendendo coisas novas, respeitando mais as pessoas”* (P18, Grupo 10).

Nesta classe, a tatuagem também se apresenta tanto como facilitadora do contato interpessoal quanto seu oposto. Verifica-se as atitudes diante de indivíduos tatuados tende a ser positiva, favorecendo o contato interpessoal, embora atitudes negativas possam ser manifestadas ante os mesmos:

*“Sobre meus comportamentos, talvez tenha melhorado um pouco minha autoestima, as pessoas vem mais falar comigo” (P33, Grupo 2).*

*“Sobre minha relação com meu comportamento, eu diria que para mim não mudou (...) mas as pessoas sentem isso, uma questão de atitude própria que se intensifica quando vêem minhas tatuagens. As pessoas ficam olhando, e quando falo algo mais ríspido já associam com tatuagem” (P19, Grupo 10).*

*“(...) posso dizer que em determinados contextos, se eu percebo que uma pessoa tem tatuagem, eu acho que é meio automático, eu vejo que essa pessoa talvez seja mais aberta” (P31, Grupo 1).*

*“(...)primeiro que eu acho que mostra a personalidade da pessoa, assim como a roupa e outras coisas assim, atitude, se a pessoa é mais rock, se a pessoa já é mais hippie, fala da tribo que ela pertence (...)” (P15, Grupo 7).*

#### 5.2.2.2. Análise temático-categorial

Com objetivo de melhor explorar os dados obtidos nas entrevistas, foi realizada uma análise temático-categorial, com auxílio do software Atlas.ti, obtendo-se quatro grandes categorias temáticas do conteúdo das entrevistas, indicadas a seguir: motivações, individualidade, preconceito e arrependimento. A Tabela 4 apresenta as categorias estabelecidas *a posteriori*, com suas respectivas unidades temáticas de registro e frequência de citações entre os grupos.

Tabela 4.

*Análise temático-categorial das entrevistas em profundidade.*

Categorias	Unidades de Registro	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Geral
		1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	11 e 12	
Motivações	Auto-expressão	05	03	06	02	03	04	23
	Influência de outros	02	02	02	05	03	06	21
	Homenagem	00	02	00	03	04	04	13
	Pertencimento grupal	02	02	02	00	01	06	13
	Estética	02	00	03	03	00	04	12
	Arte corporal	01	01	00	03	01	02	08
	Exibir para os outros	01	01	02	02	00	01	07
	Diferenciação	01	01	00	00	01	03	06
	Vício	01	01	00	01	01	01	05
	Proteção	00	00	01	01	02	00	04
	Rebeldia	01	01	01	01	00	00	04
	Impulsividade	00	00	03	01	00	00	04
	Manifestação de masculinidade	02	00	01	00	00	00	03
	Moda	00	01	00	00	00	02	03
	Manifestação de feminilidade	00	00	00	00	01	01	02
	Status social	00	00	02	00	00	00	02
	Identificação	00	01	00	00	00	00	01
	<b>Total</b>							
	Motivações	19	15	23	21	17	28	125

*continua*

Categorias	Unidades de Registro	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Geral
		1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	11 e 12	
Aspectos individuais	Autopercepção pós-tatuagem	05	04	04	03	06	03	25
	Tatuar-se mais	05	02	03	05	04	04	23
	Comportamentos pós-tatuagem	03	04	01	03	03	02	16
	Atração	04	00	02	04	04	02	16
	Medo- dor	03	02	04	04	01	01	15
	Momento de vida	01	06	00	01	04	03	15
	Mídia	03	03	06	00	02	01	15
	Saúde	01	00	06	00	01	04	12
	Conscientização	01	04	02	00	01	01	09
	Religião	04	03	00	00	00	02	09
	Relações sociais	04	00	01	03	00	00	08
<b>Total</b>		<b>40</b>	<b>33</b>	<b>32</b>	<b>27</b>	<b>31</b>	<b>29</b>	<b>193</b>
<b>Aspectos individuais</b>								
Preconceito	Trabalho	06	06	05	06	06	06	35
	Sociedade	04	01	06	04	06	05	26
	Familiares	02	05	02	05	06	03	23
	Entre tatuados	02	01	05	01	01	00	10
	Nunca sofi	01	02	00	03	01	01	08
	<b>Total</b>		<b>15</b>	<b>15</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>15</b>
<b>Preconceito</b>								

*continua*



	Local do corpo	00	00	01	01	01	01	04
	Malfeita	01	00	01	00	01	00	02
Arrependimento	Mudança de significado	00	00	01	00	00	00	01
	Nunca me arrependi	05	06	03	05	05	05	29
	Medo de se arrepender antes de fazer uma tatuagem.	00	01	02	01	01	00	05
	<b>Total</b>	<b>06</b>	<b>07</b>	<b>08</b>	<b>06</b>	<b>08</b>	<b>06</b>	<b>41</b>
	<b>Arrependimento</b>							

### *Categoria 01: Motivações*

A primeira categoria, intitulada “Motivações”, apresenta as principais motivações dos participantes em realizar suas tatuagens. Através das entrevistas, verificou-se que, para diversos participantes, não existe uma motivação única na prática de tatuagem, principalmente entre indivíduos com mais de uma tatuagem. Verificou-se que uma única tatuagem pode ter mais de uma motivação, assim como múltiplas tatuagens podem ter motivações diferenciadas, conforme se manifestaram nos excertos a seguir:

*“Pra mim, minha tatuagem é uma identificação, uma obra de arte na minha pele, uma forma de expressar quem eu sou” (P2, Grupo 4).*

*“(...)a minha terceira foi uma bonequinha que corre, que me dei de presente quando completei minha primeira maratona, tenho uma fênix no tornozelo, com a idéia de renascer e voltar a correr, e algumas não tem significado particular (P26, Grupo 10).*

A tatuagem, enquanto forma de auto-expressão, apresentou maior número de ocorrências, com leve predominância do sexo masculino. Esta forma de auto-expressão se manifesta enquanto forma de externalizar alguma característica do participante, como personalidade, emoções, valores ou história de vida:

*“Pra mim, tatuagem é uma forma de externar (...) você quer externar e compartilhar com os outros, pras outras pessoas verem e identificarem de certa forma (...)” (P1, Grupo 2).*

*“Pra mim, a tatuagem é tua forma de expressar o que se acredita. Tem coisas que eu acredito tanto nelas que eu tento passar pra mim. (P8, Grupo 9).*

A permanência da tatuagem também se mostra uma problemática. Devido ao fato da tatuagem ser a escolha de uma arte que ficará permanente no corpo, alguns participantes apontam buscar uma característica pessoal que também considerem permanente:

*(...) acho legal porque eu estou gravando algo que tem a ver com a minha personalidade e eu sei que não vai mudar, porque é isso que é meu signo.” (P.17, Grupo 7).*

*“A minha terceira foi uma escrita em persa dizendo “isto também passará”, (...) e é uma daquelas frases que eu pensei que eu nunca posso esquecer, pois terão momentos em que eu vou precisar ler (...)” (P12, Grupo 8).*

Ter sido influenciado por outra(s) pessoa(s) foi a segunda motivação mais citada, com predominância do sexo feminino. A principal influência verificada nas entrevistas foi por um (a) parceiro (a) amoroso, seguindo da influência de grupos de amigos:

*“As minhas duas primeiras foi por influência da minha namorada na época, ela tinha várias, mas foi de forma indireta, porque ela fazia, eu achava o máximo, e quando eu decidi fazer ela adorou”. (P9, Grupo 3).*

*“Essas do meu pulso eu só tomei coragem por causa do meu namorado, senão não teria feito, porque eu também tenho muito medo da dor né” (P16, Grupo 7).*

Outra característica do sexo feminino foi a motivação derivada de homenagear alguém. Desta forma de homenagem, o vínculo familiar foi o mais citado, conforme se manifesta nos trechos destacados:

*“Eu escolhi a frase e o desenho em função dos meus filhos. É uma frase que diz o que eu sinto em relação à eles (...)”* (P22, Grupo 8).

*“(...) e na nuca eu fiz uma em homenagem à minha mãe, porque o nome dela é vidinha, e daí eu escrevi Vida e um coração.* (P19, Grupo8).

A ideia da tatuagem enquanto arte corporal também teve ligeira predominância do sexo feminino. Esta associação se manifesta de formas diversificadas, como: associação da tatuagem por um gosto proveniente desde à infância, por meio de desenhos:

*“No meu caso foi assim, o fato de ver muito desenho quando era criança, de gostar de desenhar, eu via a galera com tatuagem, com aquelas tatuagens de chiclete, tudo isso foi influenciando na minha infância”* (P8, Grupo 6).

*“eu desde os sete anos gosto de desenhar, então a questão da arte sempre esteve comigo, e eu sempre gostei da arte da pele”* (P11, Grupo 7).

O desenho em si enquanto expressão de arte: *“Agora também tem tatuagens que é mais pela arte, não tem um significado, pode ser apenas pela arte sabe, pelo design”*(P17, Grupo 7), *“E eu fiz porque eu gosto mesmo, acho bonito, acho artístico”* (P36, Grupo 12); ou mesmo o corpo enquanto tela de arte:

*“(...) eu sempre gostei do conceito de tatuagem como arte que você faz no corpo (...) então não deixa de ser uma forma de expressão artística, você está de certa forma criando no seu corpo alguma forma de arte (...)”* (P12, Grupo 7).

As motivações para realizar uma tatuagem por pertencimento grupal, estética, exibir aos outros e diferenciação estiveram presentes de modo igualitário entre os grupos. O pertencimento grupal nas tatuagens esteve associado aos seguintes grupos:

## 1) pertencimento familiar-

*“Então essa minha tatuagem simboliza a minha família, a força que existe a família pra mim. Você passa por dificuldades na sua vida, você vê o apoio que sua família te dá e aquilo eu achei que tinha que marcar em mim (...)” (P1, Grupo 1).*

*grupos profissionais:“(...) é o símbolo do meu grupo tático à qual eu faço parte. Por eu ser da polícia e ter um grupo especial, pra você conseguir fazer parte desse grupo você faz um curso que é bem sofrido, dolorido, você aprende muito, é algo que te marca e te registra né” (P1, Grupo 1).*

## 2) pertencimento à grupos esportivos/recreativos-

*“e lá eu vi muita gente tatuada com o símbolo do Iron, e aquilo me chamou a atenção, pois conseguia identificar essas pessoas, e achei muito legal, pois está se criando uma nova tribo, de tatuagens esportivas, e pensei que queria fazer parte desta tribo” (P2, Grupo 3).*

*“(...) eu queria fazer algo a ver com motociclismo, porque eu estava entrando nessa de andar com a galera, aí eu fui pesquisar, e gostei de um desenho, que é um motociclista com asas, e eu achei legal” (P34, Grupo 4).*

e 3) pertencimento à grupos de amizade- *“Ano passado fiz uma nova tatuagem com outras três amigas, uma rosa dos ventos com uma flor de lótus, em sinal da nossa amizade (...)” (P19, Grupo 10).*

A motivação estética, embora pouco citada, apresentou diferentes interpretações de acordo com as gerações de participantes. Alguns participantes das gerações mais novas relataram tatuar-se, em algumas citações, apenas pela conotação estética do desenho:

*“Aí eu decidi fazer a segunda, que é uma das poucas que para mim é apenas estética, não*

*significa nada para mim, só uma ideia que eu tive e eu achei que ficaria legal (P12, Grupo 2).  
“A última eu fiz recentemente, em que ele fez o desenho, eu achei bonito e fiz, e ele fez de graça” (P14, Grupo 7).*

Já alguns participantes que tatuaram-se antes da década de 90 não associaram tatuagem com estética, mas como sinal de respeito e status:

*“E outra coisa que a tatuagem nada tinha a ver com estética, realmente fazia parte da contracultura, de você ser diferente (...) não era nem bem visto” (P7, Grupo 6).*

*“quando eu fiz a minha primeira, eu fiz de empolgação, porque eu via os caras com tatuagem, contavam a maior vantagem, você chegava em algum lugar, a malandragem via que você tinha tatuagem e respeitavam” (P6, Grupo 6).*

Observou-se a gradativa alteração do estereótipo da tatuagem. Embora parte da contracultura, uma vez que as tatuagens não eram de qualidade e consequentemente associadas a grupos marginais, com o desenvolvimento das tatuagens artísticas, a questão estética passou a se manifestar em alguns grupos, o que influenciava em sua prática e disseminação:

*“(...) e quando cheguei lá o pessoal começou a achar lindo as tatuagens, porque as que se faziam na época eram umas borradas de cadeia, e essa, pra época, era linda, e as pessoas admiraram, toda colorida. Então eu não queria mais fazer, mas quando eu cheguei em casa e as pessoas começaram a elogiar muito, aí eu queria mais (...)” (P6, Grupo 6).*

A questão valorativa também se manifestou nos discursos sobre estética e tatuagem. Enquanto alguns participantes apontaram uma valoração negativa de tatuagens apenas com finalidade estética: *“A tatuagem vai além da estética quando é atribuída à ela um significado” (P21, Grupo 11), “Uma pessoa que se tatua apenas pra ficar bonita não*

*entende o que é tatuagem”* (P22, Grupo 11), outras fizeram uma associação positiva direta:

*“Eu fiz a tatuagem porque ia ficar bonito em mim (...).quando eu fiz estava ligada à estética. Não foi significando nada da minha vida, e sim porque ia ficar bonito”* (P31, Grupo 8).

*“Pra mim tatuagem é totalmente ligada à estética, parece que dá um aspecto diferente na gente. Tanto é que quando eu fiz a tatuagem, mesmo sendo pequena, muitos já começaram a falar que eu estava diferente (...)”* (P33, Grupo 1).

A necessidade de exibir a tatuagem aos outros se apresentou como motivação secundária, intrínsecamente relacionada à dimensão estética e como forma de auto-expressão. Ela possuiu importância tanto na localização da tatuagem no corpo quanto como um dos objetivos para possuir uma tatuagem: *“Eu fiz no antebraço porque eu gosto de exibir minhas tatuagens”* (P5, Grupo 6); *“E eu fiz pra todo mundo ver, porque eu vou fazer uma escondida? Se eu vou fazer é para aparecer”*.(P13, Grupo 6); *“Eu optei por fazer nesse lugar já na primeira tatuagem meio que para mostrar mesmo. É que tem um lance de respeito né, respeito e medo ao mesmo tempo”*(P11, Grupo 7), *“(...) eu sinto em algum lugar que aparece minha tatuagem, eu sinto que as pessoas olham, só não sei se para apreciar ou criticar, mas isso não me importa, eu gosto que estão olhando.* (P21, Grupo 11).

### *Categoria 02: Aspectos Individuais*

A categoria “Aspectos Individuais” foi formulada diante dos temas que envolvem questões pessoais e identitárias dos participantes, associadas a prática da tatuagem em sua vida. Desses temas, a área do corpo foi a mais citada, seja por sexo ou por grupos. De acordo com as falas dos participantes, existe uma preocupação com a área do corpo a ser realizada a tatuagem, por motivos variados.

Os motivos apresentados foram:

#### 1) moda ou estética-

*“Eu escolhi o local da minha tatuagem por estética, fiquei perguntando pra muita gente onde*

*ficava mais legal, e que no braço ficaria legal.”*  
(P6, Grupo7).

*“(…) cada tatuagem que eu fiz, na época que eu fiz era por moda, na lombar era moda que todo mundo fazia (...) depois no pé perto do calcanhar, também era uma época que todo mundo fazia ali (...) então quando eu fui fazer quis fazer lá porque era uma fase que todo mundo estava se tatuando mais naquela região”* (P29, Grupo 11).

## 2) preocupação em esconder-

*“Eu pensei nas minhas tatuagens pelo fato de poder esconder, tanto que eu queria fazer em outros lugares (...)”* (P23, Grupo 7).

*“Na verdade eu queria em um lugar visível mas não grande demais, que eu pudesse esconder”.*  
(P17, Grupo 7).

## 3) preocupação em exibir-

*“Eu fiz no antebraço porque eu gosto de exibir minhas tatuagens”* (P13, Grupo 6).

*“A minha primeira tatuagem já foi num lugar bem visível, na parte posterior do antebraço, e foi pra mostrar, mas não no sentido de fazer uma tatuagem porque eu quero que todos vejam, mas sim eu me recusar fazer uma tatuagem escondida”* (P12, Grupo 2).

Outros motivos foram: 1) área corporal associada ao tamanho da tatuagem ou harmonização-

*“Seleciono os lugares da tatuagem em meu corpo com relação a harmonização com meu corpo e o tamanho. Como eu não tenho problema em mostrar, não tem problema onde será”* (P25, G12).

*“Pra mim a tatuagem tem muito a ver com o local, porque depende do desenho fica bom em um lugar e não no outro”* (P33, Grupo 11).

2) preocupação em guardar para si- *“Existe até um cuidado na hora de selecionar os locais, minhas tatuagens estão escondidas e eu gosto assim, porque eu faço pra mim, e não pra mostrar pras pessoas”* (P16, Grupo 5); 3) área do corpo associada com algum significado- *“Inclusive fiz na panturrilha porque a panturrilha é a marca de todo corredor, você identifica um corredor pela panturrilha”* (P10, Grupo 3); *“Fiz na panturrilha pois as penas são as grandes armas no jiu-jitsu”* (P32, Grupo 1); *Tatuei essa na parte interna do braço pois é o símbolo da minha força tática e onde todos tatuam”* (P1 Grupo1);4) dor-*“eu já escolhi nesse contexto, num lugar que dói menos, porque no tornozelo é mais durinho assim, e também porque se precisasse esconder ta ali”* (P28, Grupo 12); *“Eu escolhi a parte detrás do braço primeiro porque procurei os locais que doíam menos,então isso é muito forte, o medo da dor”* (P31, Grupo 1);e 5) poder ou não enxergar apropriadamente- *“E eu fiz em um lugar que eu consigo ver o tempo todo, porque eu gosto e acho bonito. Eu escolhi fazer no punho justamente para poder ver”*. (P29, Grupo 11), *“Fiz com setenta anos, e nem lembro que tenho, porque fiz nas costas e ai não enjoa também”* (P27, Grupo 8).

Para alguns participantes, a área do corpo é um dos fatores que pode influenciar em preconceitos. Quanto mais visível, maior a possibilidade de enfrentar situações de discriminação ou preconceito:

*“(...) até aí não te olham muito diferente né, porque depende da área do corpo que você faz, depende como você faz, essa tatuagem não está muito à mostra, não é uma tatuagem que me marca assim pras outras pessoas. Com o tempo, fui fazendo as minhas outras tatuagens, daí sim elas começaram a ficar mais aparentes e algumas pessoas te olham sim com outros olhos”* (P1, Grupo 2).

*“Acho que tamanho é uma referência com relação ao que as pessoas vão pensar sobre a tatuagem, porque se eu tivesse uma que fechasse meu antebraço inteiro eu acho que seria agressivo, pras pessoas olharem, principalmente para a minha família”* (P23, G7).



Com relação à visibilidade das tatuagens, estes locais também foram apontados como espaços a serem tatuados quando houver uma maior certeza do que se quer:

*“Eu gosto de tatuagens nas costas, na panturrilha, e como são lugares visíveis e eu gosto desses lugares eu quero guardar pra ter certeza absoluta do que eu quero. Então os lugares visíveis eu quero guardar pra quando tiver certeza absoluta”* (P17, Grupo 7).

A visibilidade da tatuagem também pode ser um fator associado à mudanças na autopercepção e comportamento:

*“Sobre meu corpo eu acredito que se eu tivesse feito uma tatuagem no ombro teria mudado, porque eu não gosto dos meus braços, eu não gosto de expor eles, então se eu tivesse uma tatuagem ali seria mais livre”* (P26, Grupo 9).

*“Se minha autopercepção mudou por eu ter tatuagem, quando eu fiz as duas últimas sim, no bíceps e no antebraço. Como as outras eram fáceis de esconder, elas não tiveram muita influência. Agora essa minha do antebraço muita pessoa olha, e eu sinto que eu represento algo diferente pra essas pessoas, e no meu conceito me agrega valor. Assim como eu vejo nos outros a força, eu imagino que os outros vejam em mim (...)”* (P9, Grupo 5).

Adentrando nos elementos temáticos “autopercepção” e “mudança de comportamento” após a realização da tatuagem, verificou-se a partir dos relatos que os participantes não apontaram mudanças de comportamento em função da tatuagem, mas que ela foi consequência de situações de vida: *“Eu percebi que mudei antes de fazer a tatuagem, ela foi uma consequência. Mudei antes de fazer a tatuagem, e ela foi o resultado dessa mudança, ela marcou uma mudança”* (P22 Grupo 9), *“Meus comportamentos mudaram mas não pela tatuagem em si, ela foi consequência de toda mudança que eu vivenciei, porque eu aprendi a me libertar de todas as amarras sociais que tinha antes”* (P24, Grupo9), *“Acho que ajuda a se identificar, se enxergar de modo diferente, mas não sei se apenas em função dela, talvez ela não seja a causa, mas a*

*consequência*. (P14, Grupo 7). Em outros casos, não foram relatadas mudanças comportamentais:

*“meus comportamentos não mudaram, eu acho que o que mudou foi meu modo de ver a vida, me sentir mais livre, e também homenagear as pessoas que eu amo e são importantes para mim”* (P36, Grupo 9).

*“Não sinto que mudou nada em minha personalidade depois de ter feito tatuagem, porque para mim foi puramente satisfação pessoal”* (P5, Grupo 5).

*“não comecei a usar drogas. É que minha mãe diz muito né: já que eu comecei a fazer tatuagem agora sou rebelde”* (P16, Grupo 8).

Os casos em que foi relatada a percepção de mudança de comportamento em função da tatuagem ocorreu nas entrevistas de indivíduos com tatuagens grandes, com grande visibilidade:

*“Quando eu fiz a tatuagem me vi diferente, e meus comportamentos mudaram também. Me senti mais confiante, mais aberto à novas experiências, aberto pra vida, pra viver”* (P11, Grupo 4).

*“(...) talvez tenha melhorado um pouco minha autoestima, as pessoas vem mais falar comigo, quando eu olho pra ela me sinto melhor, que alguém virá falar comigo, e eu gosto disso, antes eu não sentia, como se fosse um objeto em branco que não chama atenção das pessoas”* (P33, Grupo 2).

*“meus comportamentos mudaram mas não foi por causa da tatuagem, mas porque a maneira como eu lido com minhas relações sociais mudou, porque a partir do momento em que eu coloquei minha personalidade exposta, começou a mudar o acesso que eu tinha a certas pessoas”* (P23, Grupo 2).

O fato do tamanho da tatuagem ser um influenciador em mudanças comportamentais foi apresentado por participantes com tatuagens menores: “(...) *não acho que mudou muito, por serem pequenas, mas talvez quando eu fizer uma maior talvez mude. E também nem sempre vejo minhas tatuagens, então talvez quando eu fizer uma grande eu mude*” (P17, Grupo 7).

A autopercepção foi apontada pela maioria dos participantes como alterada, a partir da realização da tatuagem. Segundo eles, ela altera positivamente a visão de si mesmos, considerando-se mais atraentes e/ou com algum atributo de personalidade manifesta considerada importante:

*“A tatuagem me mudou e melhorou, no sentido de me olhar no espelho e achar bonito. A primeira coisa que eu olho quando me vejo no espelho são minhas tatuagens, e sempre gostaria de colocar mais alguma* (P21, Grupo 10).

*“Sinto que eu mudei a partir do momento que fui me tatuando, você vai abrindo sua mente, aprendendo coisas novas, respeitando mais as pessoas. Também acho que mudou a forma como eu me vejo, porque você acaba se achando mais bonita (...)* (P18, Grupo 8).

*“Me sinto com tatuagem mais corajosa sabe, sem me preocupar tanto com arrependimentos, pois tudo acontece na vida com um motivo sabe”* (P13, Grupo 7).

A perspectiva da posse individual do corpo como justificativa para realizar tatuagens também se manifestou em alguns trechos. Esta posse de si foi utilizada como argumento em situações de embate de opiniões: “*A pele é minha, o corpo é meu, eu faço o que eu quiser (...)* (P13, Grupo7); “*É meu corpo, a decisão é minha. E eu sei que as pessoas olham, então deixa olhar e julgar.* (P21, Grupo 10), “*Tem pessoas que vieram me indagar porque eu fiz tatuagem, e eu penso o seguinte: meu corpo, minhas regras*” (P14, Grupo 8).

Outro fator trazido foi a percepção de si através do outro. Observa-se nas transcrições que a tatuagem atua como mediadora nas relações sociais, apresentando-se como um símbolo que carrega características do indivíduo, sem que o mesmo necessariamente as

manifeste em seus comportamentos: *“Os outros me vêem diferente, mais ousada talvez, minhas amigas aqui da faculdade dizem que eu sou muito ousada, que eu fiz escondida, mas eu não me acho ousada”* (P16, Grupo7); *“Mas pra mim não mudou (...) mas pras pessoas parece que mudou sim, que criei mais atitude, mais agressivo (...)”* (P33, Grupo2).

Quanto ao fato de querer tatuar-se mais, a maioria dos participantes relatou querer fazer novas tatuagens: *“Ai depois dessa eu já estava planejando as próximas, ai fiquei pensando”* (P13, Grupo 7), *“Eu gosto muito e farei mais”* (P21, Grupo 10), *“Eu também já pretendo fazer mais tatuagens, e a próxima é a de um cachorro que eu tive que morreu, que me apeguei muito”* (P5, Grupo 7). Em relação aos que falaram não querer mais tatuagem, o motivo não é o arrependimento, mas já estar satisfeito com as que possuem: *“Não pretendo fazer mais, porque já realizei o que eu queria, que é ter uma tatuagem, então já está bom”* (P4, Grupo 3); *“ (...) fiz exatamente o que eu gostaria de fazer, o que é importante pra mim, e não faria mais”* (P35, Grupo 3).

O “vício” em realizar novas tatuagens foi apresentado por alguns participantes: *“Eu não sei por que fiz tantas, dizem que vicia. Eu acho que quem faz uma consegue ficar só com uma, mas quando faz a segunda parece que você perde aquela coisa de doer ou ser pra sempre”* (P12, Grupo 2); *“ (...) quando você faz a primeira quer fazer mais, é um vício”* (P26, Grupo 10), assim como a vontade de ter o corpo todo tatuado: *“E vou fazer mais, vou encher o corpo, fechar o corpo inteiro”* (P11, Grupo 8, ), *“Hoje tatuagem faz parte da minha vida, eu quero ter o corpo todo tatuado, e eventualmente vai acontecer, porque é como eu me vejo”* (P12, Grupo2).

Alguns participantes apontaram duas questões que os impedem de fazer novas tatuagens, embora exista a vontade. A primeira, presente em todos os grupos, costuma ser a questão financeira, devido ao valor das tatuagens: *“(...)eu só parei agora de fazer por dinheiro, porque vou fazer mais. (P23, Grupo 1); “Eu gostaria de fazer novas tatuagens, mas o meu ponto é o dinheiro. Ter dinheiro pra fazer e num estúdio legal, porque tatuagem não é uma coisa que você chega e diz faz qualquer coisa e pede pra baixar o preço”* (P28, Grupo 12). A segunda é a necessidade de ter maior certeza do que tatuar, sendo este discurso presente nos participantes mais jovens, do sexo feminino: *“Eu pretendo realizar mais tatuagens, mas não agora, pretendo esperar mais um pouco, porque eu acho que já fiz demais pra minha idade, três tatuagens já é bastante”* (P16, Grupo 7).

A questão da atração também foi evidenciada entre os grupos. Os temas derivados da atração se apresentaram variados, encaminhando-

se desde a atração pessoal: *“As minhas duas tatuagens tiveram conotação estética e eu me sinto mais bonita com tatuagem”* (P14, Grupo 7) e interpessoal *“a única coisa diferente que mudou na minha vida por ter várias tatuagens agora são mais mulheres atraídas por mim, eu fico mais atraente com tatuagens”* (P12, Grupo2), à explicações detalhadas de como essa atração é avaliada.

Nas entrevistas, um dos pontos ressaltados pelos participantes foia estética da tatuagem na atração. O enfoque, nesse caso, é a beleza da própria tatuagem:

*“Mas sobre a questão da beleza eu acho muito importante, porque eu avalio muito a qualidade dos desenhos. Então tem tatuagens que eu acho os desenhos muito bonitos, e eu acho que isso tem alguma relação com a estética”* (P31, Grupo 1).

bem como a área do corpo onde está a tatuagem: *“Eu acho bonito um homem com o braço todo tatuado ou os dois braços, talvez o peito, mas quando é demais eu não acho bonito, acho feio, mas eu respeito”* (P17, Grupo 7), *“(…) eu acho muito bonito mulheres com tatuagens abaixo dos seios ou acima dos seios, acho muito bonita. Tatuagem nas costas não muito grande, na coxa, enfim, eu gosto muito”* (P31, Grupo 1).

Com relação ao medo de tatuar-se, alguns participantes apresentaram três elementos: o medo da doenças, do arrependimento e da dor. Com relação ao medo de doenças, foi verificado em entrevistas de participantes mais velhos que tatuaram-se atualmente, trazendo assim antigos estereótipos associados à tatuagem: *“Eu sou do tempo da década de oitenta, onde começou aquele processo de aparecimento de HIV, então sempre tinha medo”* (P2, Grupo 3), *“Ai eu pensava que não poderia doar mais sangue”* (P34, Grupo 4). O medo de arrependimento foi apresentado antecedendo a realização da tatuagem, devido a ideia de permanência desta no corpo: *“(…) e eu fiquei desenhando muito tempo, não conseguia me decidir, ficava com medo de tatuar, pensava que nunca mais eu poderia tirar”* (P23, Grupo 1).

O medo da dor foi um dos principais motivos que os participantes relataram relutar em tatuar-se, havendo assim uma busca por locais que doam menos: *“Eu não tenho coragem de fazer mais porque pra mim é dor”* (P31, Grupo 1), *“Eu escolhi minha primeira tatuagem pra ser na nuca porque eu tinha muito medo da dor e me disseram que não doía muito”* (P21, Grupo 10). Participantes que fizeram tatuagens antes da década de 90 relataram que, na época, fazer

tatuagem doía mais, devido à utilização de agulhas, sendo esta dor associada desde então à resistência e força:

*“só que quando eu fiz essa eu pensei em nunca mais fazer, porque naquela época doía demais, o cara colocava a agulha fundo e doía muito, por isso era um símbolo de resistência mesmo, e era assim pra durar toda a vida”* (P6, Grupo 6).

*“(...) doía demais, sangrava tanto que parecia que a gente estava fazendo uma cirurgia, e depois de um tempo a agulha vai ficando cega, então imagina isso na pele, ferindo realmente a pele, a cicatrização era horrível, parecia açougue”* (P7, Grupo 6).

A associação da tatuagem à dor e respeito manteve-se para participantes mais jovens, com tatuagens grandes: *“Pra mim é uma questão tipo, agüentar a dor. Se você agüentaaquela tortura que não é muito legal, você agüentaria muito mais coisa, então vejo como uma superação (...)”* (P11, Grupo 8).

A tatuagem relacionada ao momento de vida foi um dos temas apresentados principalmente nos grupos de indivíduos tatuados a partir dos 40 anos de idade, de ambos os sexos. Observou-se em suas falas que a tatuagem serve para demarcar uma nova condição de vida:

*“Quando eu me separei, fiz minha primeira tatuagem seis meses depois”* (P21, Grupo 10).

*“a partir da minha separação, passei a ler muito para tentar descobrir quem eu realmente era. Eu fui criada para servir os outros, mas na verdade precisava descobrir quem eu sou, e a partir dali comecei a mudar um monte de coisas, inclusive pensar em tatuagem”* (P30, Grupo 9).

*“Quando cheguei aos cinqüenta, me aposentei, e a gente faz uma avaliação da vida, o que deu certo, o que não deu, e isso da tatuagem começou a me chamar atenção, eu quis fazer uma experiência nova na minha vida, marcar algo importante”* (P9, Grupo 9).

Para os jovens, a tatuagem enquanto momento de vida foi apresentada enquanto uma forma de memorizar momentos significativos. As memórias passam a ser materializadas no corpo, como forma de externalizar sofrimentos ou manter sentimentos: *“E com as minhas tatuagens eu lido com as minhas cicatrizes também, tipo cada cicatriz que eu tenho vira um catalisador de memória pra mim (...) e isso é muito legal na nossa pele, porque ela marca a nossa história”* (P23 Grupo 2), *“eu decidi tatuar uma frase que representava esse momento da minha vida, que é a frase de Sócrates que eu tatuei em grego, que é justamente o que eu sentia naquele momento”* (P2, Grupo 2).

A mídia apresentou-se como influenciadora nas práticas de tatuagem, principalmente nos grupos do sexo masculino. Para o grupo de tatuados com tatuagens antigas, verifica-se que, a partir da década de 80, a mídia passa a ter impacto na procura por estilos de tatuagens, iniciando assim o processo que desvinculando de antigos estereótipos:

*“Na época tinha uma novela que havia um personagem chamado Nando, de uma novela de 1983 chamada Guerra dos Sexos que tinha tatuado no peito um sol com uma gaivota, e aí a turma chegava e foi o que mais tatuamos. Os homens chegavam, e pra dizer que não queriam igual, primeiro pediam um sol, e no final pediam pra colocar a gaivota”* (P14, Grupo 6).

*“Inclusive foi ele que tatuou o cara que deu origem a música menino do rio, da Baby Consuelo de 1980, que depois virou febre dos rapazes quererem uma tatuagem de dragão no braço, em função dessa música”*. (P14, Grupo 6).

Outra associação midiática da tatuagem deu-se através de bandas de rock. Neste caso os artistas apresentavam-se com um visual considerado na época como *underground*, sendo posteriormente reproduzido pelos adeptos deste estilo: *“E como eu era do mundo da música, da arte, eu queria ter tatuagem, porque olhava meus ídolos e queria ter tatuagens iguais, porque me identificava com eles”* (P19, Grupo 10), *“(...) isso entra muito com uma estética do rock, quando na minha adolescência eu vi, mas mesmo na adolescência e como jovem adulto nunca tinha tido coragem pra fazer”* (P34, Grupo 4).

Na atualidade, a mídia passou a apresentar, gradativamente, personalidades que possuíam tatuagem, passando a servir de referencial para as novas gerações: *“Já via algumas pessoas na televisão tendo tatuagem, e começou a popularizar, mas havia uma distância muito grande entre essas pessoas e a minha vida”* (P3, Grupo 3), *“Teve uma BBB famosa que tinha uma fênix nas costas, e muitos amigos meus fizeram uma fênix igual. Outra foi o “The Rock”, parece um carimbo”* (P7, Grupo 5). A questão da marginalidade também é apresentada pela mídia, influenciando na associação da tatuagem com comportamento de risco:

*“eu acho que desde pequeno a gente imagina que a tatuagem está atrelada à um grupo social, de pessoas mais marginalizadas. Em filme quem é todo tatuado geralmente era o vilão, então eu acho que tinha muito esse lado”* (P21, Grupo 2).

Ainda para os grupos de tatuados antes da década de 90, tanto do sexo masculino quanto o feminino, a temática dos cuidados em saúde se problematizou. Embora alguns participantes jovens não fizeram tatuagens em estúdios, com o rigor de assepsia necessária, foram apenas duas entrevistas. No caso dos indivíduos tatuados antes da década de 90, essa prática era comum:

*“quando eu fiz a minha primeira, em 1970, eu fiz de empolgação (...) e nessa de adolescente ingênuo o cara me desenhou uma rosa na mão, mal feita, feita com agulha mesmo (...)”* (P6 Grupo 6).

*“a minha primeira foi com dezessete anos, a naja que eu fiz com agulha, e depois eu achei um cara, ele só usava uma agulha pra todo mundo, não existia descartável, e naquela época ainda não se falava em AIDS, ele colocava numa solução de hipoclorito, e tacava em nós, e doía demais (...) e depois de um tempo a agulha vai ficando cega, a cicatrização era horrível, parecia açougue.”* (P7 Grupo 6).

O grupo masculino que se tatuou a partir dos 40 anos trouxe com maior ênfase a questão da “conscientização” para a prática da tatuagem. Para tais participantes, a tatuagem atualmente tem se tornado um modismo, que pode levar ao arrependimento, sendo necessário



refletir antes de tomar a decisão de marcar a pele, devido ao caráter permanente: *“As pessoas mais jovens tem se tatuado muito, e eu acho que toda pessoa, pra se tatuar, precisa de uma conscientização, pois é uma coisa pra vida toda, então precisa ter um significado (...)”* (P2 Grupo 3); *“Não sei se os mais novos hoje em dia pensam assim, se não é só pra se mostrar, pra fazer parte de grupos de amizade, porque me parece que não estão preocupados com o futuro, com o que os outros pensam”* (P3, Grupo 3), *“Hoje acho que o grande problema é o modismo, a influência das pessoas, que pode levar ao arrependimento por falta de convicção”* (P30, Grupo 12).

O aspecto religioso foi mais citado entre os grupos do sexo masculino, que se tatuaram após a década de 90. A religião se apresentou nas entrevistas como um fator proibitivo à prática da tatuagem: *“Eu sou evangélico, e na Bíblia diz que não podemos nos tatuar (...) então tudo que você faz contra seu corpo é ruim”* (P4, Grupo 3), *“minha mãe até disse que não era coisa de Deus, que Ele fez um corpo limpo e não era pra sujar(P25, Grupo 11); “Lembro de chegar em casa e falar a respeito, e meu pai ficar bravo com aquilo, que não era coisa de Deus, que a Bíblia dizia que era proibido”* (P35, Grupo 9).

Outro fator presente nas entrevistas, com ênfase nos participantes dos grupos de tatuados jovens, é a influência da tatuagem nas relações sociais. Verificou-se que a tatuagem atua como um facilitador social nas relações interpessoais, servindo de meio para estabelecer vínculos:

*“Esse negócio de você entender o porquê a pessoa tatuou aquilo, deixa eu ver seu desenho, o que significa pra você, você começa a conhecer mais as pessoas. De repente você não tem tanto convívio, e se ela te dá a oportunidade de você conversar sobre a tatuagem”* (P1 Grupo 2).

*“essa tatuagem serve como filtro, porque eu consigo na hora achar uma pessoa que tem um repertório parecido com o meu, ou alguém que eu vou conseguir trocar uma ideia numa boa (P23 Grupo 2).*

*Categoria 3: Preconceito*

A terceira categoria, intitulada “Preconceito”, trouxe consigo os elementos temáticos apresentados durante as entrevistas, relacionados a manifestações de preconceito e/ou discriminação que os participantes declararam ter sofrido. A unidade de registro com maior número de citações foi o preconceito proveniente do trabalho.

Apenas um participante relatou não ter tido preocupações em fazer uma tatuagem visível e ser alvo de manifestações preconceituosas, sendo. Os demais participantes apontaram vários cuidados, tanto na decisão de tatuarem-se quanto no local onde a tatuagem estava exposta: *“Eu pensei nas minhas tatuagens pelo fato de poder esconder (...) se fossem mais expostas eu me prejudicaria, como em uma entrevista de emprego”* (P16, Grupo 7); *“Essa questão do emprego é importante também porque muita gente em locais que não aparenta muito justamente por essa questão de emprego”* (P15, Grupo 7), *“(...) eu já não era mais jovem, e tinha receio de isso atrapalhar meu trabalho”* (P3, Grupo 4). Mesmo realizando tatuagens mais visíveis, alguns participantes relataram cuidados em manifestá-la, com receio de sofrer algum preconceito:

*“Quando eu fiz no antebraço achei que meus chefes achariam estranho, e ficava meio que tapando, mas depois resolvi mostrar mesmo, ninguém nunca comentou nada”* (P10, Grupo 6).

*“Mas eu me preocupei quando fiz, por causa do trabalho, porque por exemplo eu tenho um paciente que é contra tatuagem, ele tem esquizofrenia e acha que pessoas com tatuagem são malignas. No atendimento com ele na primeira vez fiz atendimento escondendo tatuagem”* (P33, Grupo 2).

Também se verificou que um dos quesitos levantados por alguns participantes, que os faz realizarem tatuagens mais expostas é o fator de estabilidade profissional e/ou financeira: *“Depois de ter passado em um concurso, estar estável, constituído família, meio que você dá um chute no balde, e se alguém te diz que não gostou, não importa”* (P34, Grupo 4), *“E como me aposentei agora, ainda trabalho mas já sou aposentado, eu quis fazer uma experiência nova na minha vida”* (P35, Grupo 3), *“E também na minha profissão é tranquilo, sou médica da família, o que me coloca muito próxima aos pacientes, não tem essa relação doutor”* (P24, Grupo 9).

O preconceito proveniente da sociedade foi o segundo mais apresentado, sendo citado principalmente pelos participantes com tatuagens grandes/visíveis de ambos os sexos, pelos participantes de ambos os sexos que fizeram tatuagem antes da década de 90, e também por mulheres, em todos os subgrupos. Neste caso, os participantes associam-na com os ainda presentes estereótipos de marginalidade: *“Antigamente as pessoas falavam que tatuagem era coisa de marginal, de bandido, que pessoa séria não se tatuava, que era imoral (...)”* (P5, Grupo 6), *“Na época ter tatuagem não era bem visto, era inclusive preso, porque te associavam com bandido, já que ninguém tinha, senão bandido. A polícia perguntava se a gente tinha tatuagem, cercavam a gente, perguntavam se a gente tinha tatuagem e separavam nós”* (P6, Grupo 6).

Estes estereótipos passam a circular em contextos sociais diversificados, influenciando manifestações preconceituosas e/discriminatórias em diversos ambientes, tais como no trabalho:

*“Eu trabalhava com massoterapia, e algumas pessoas, quando iam fazer contato comigo e me olhavam, ficavam com um pé atrás, pensando que eu era alguma louca tatuada, e a reação delas era me olhar de forma estranha (...) mas uma ou duas verbalizaram que não gostavam das tatuagens, perguntavam o porquê eu fazia aquilo com meu corpo, que tinham gostado da massagem mas que não voltaria por eu ter tatuagem”* (P26, Grupo 12).

*“Uma única vez sofri preconceito, que foi com uma enfermeira altamente preconceituosa, que me denunciou ao conselho regional de medicina falando sobre minha tatuagem (...)”* (P24, Grupo 9).

Nos contextos interpessoais:

*“ (...) no primeiro dia que eu fui chega eu de barba e tatuagem, o cara não quis deixar eu entrar, perguntando mil coisas sobre mim, tive que mostrar carteirinha, atestado de matrícula, não posso dizer que foi só pela tatuagem, mas talvez pela soma do produto”* (P23, Grupo 2).

*“Eu sofri uma vez discriminação com um homem, na época em que eu trabalhava de caixa em um supermercado, e ele não passou no meu caixa por eu ser tatuada, e também discriminação de uma menina, que chegou no caixa me criticando muito, dizendo que uma menina tatuada era muito feio” (P20, Grupo 8).*

e relacionamentos afetivos:

*“Uma vez conheci uma pessoa, e ela se afastou de mim depois de descobrir que eu tinha tatuagem. Estávamos nos relacionando, estava tudo bem, e quando a pessoa descobriu, se afastou de mim, e falou que achava horrível tatuagem (...)” (P21, Grupo 10).*

Dentre tais contextos sociais, o contexto familiar apresentou-se como um espaço tanto de gênese de construções de representações estereotipadas sobre a tatuagem, quanto de manifestações discriminatórias e preconceituosas: *“O meu preconceito foi insuflado na minha cabeça através do preconceito aprendido na minha família, e que apenas agora, com a minha idade e opção de escolha, eu vi que não tinha nada de preconceito (P2, Grupo 3), “mas meu pai sempre foi muito rígido, ele falava: “se fizer tatuagem não vai ser mais minha filha e tal” (P11, Grupo 8), “quando eu era pequena, eu achava que nunca ia fazer, porque minha mãe falava muito isso, ela colocava na minha cabeça de que tatuagem não era uma coisa legal, uma coisa suja” (P17, Grupo 7). Alguns participantes, inclusive, relatam que a única manifestação de preconceito ocorreu no contexto familiar: “Mas nunca notei preconceito por ter tatuagem, da família sim, da minha mãe. Foi um processo difícil, pra minha mãe era feio (...)” (P12, Grupo 7), “Se eu já sofri preconceito, foi pela minha família. Que acha que eu saí do presídio, eles falam isso: nossa, que tatuagem de presidiário. Acontece. Meus tios falam, meus tios mais velhos por parte da minha mãe” (P16, Grupo 7).*

Foi possível verificar que pessoas muito tatuadas ou com maior visibilidade são vistas de forma mais negativa:

*“agora eu trabalhando no hospital, e percebo que quando eu ando todo mundo fica olhando, porque*

*eu ando com calça branca, tênis branco, toda com crachá, toda bonitinha, aí as pessoas olham meu braço e eu vejo comentando como se eu estivesse errada sabe, como se fosse coisa de marginal, não estão botando fé sabe, não querer ser atendida por mim” (P13, Grupo 8).*

*“Embora hoje o preconceito seja menor, pessoas muito tatuadas são vistas de forma ainda negativa, e quem as tem quer tentar ir contra um modelo de vida social” (P18, Grupo 9).*

Alguns participantes associam a possível ausência de preconceito social proveniente do tamanho de sua(s) tatuagem (ns) ou não visibilidade: *“Talvez eu também não tenha sofrido preconceito porque minhas tatuagens são mais delicadas e menores, mas não sei. Talvez se fosse antigamente influenciaria” (P30, Grupo 11), “Na minha infância, quando eu era criança a tatuagem não era bem vista, era coisa de marginal. (...) quem tinha tatuagem tinha escondido, porque poderiam esconder” (P9, Grupo 5).* Em alguns casos, os participantes percebem uma diferenciação velada, através de olhares, por exemplo: *“Sobre preconceito, eu nunca sofri preconceito, mas notava olhares diferentes (...)” (P27, Grupo 12), “(...) você nota quando uma pessoa te olha meio diferente, entendeu. Você sente porque eu tenho muitas tatuagens grandes” (P1, Grupo 2).*

As manifestações de preconceito também puderam ser verificadas em entrevistas de indivíduos com tatuagens grandes, com maior visibilidade. Nesses casos, foi possível identificar preconceito intragrupo, nesse caso entre tatuados. Em suas falas, observou-se que tatuagens consideradas “na moda”, ou feitas apenas com finalidade estética são recriminadas ou mal vistas entre os integrantes neste grupos:

*“Mas hoje em dia eu vejo essa modinha de tatuagem, e eu acho uma estupidez, porque se hoje em dia os jovens sequer sabem votar, imagina fazer tatuagem, e tudo aquilo que se faz por moda pode causar arrependimento (...)” (P7, Grupo 6).*

*“dependendo do que a pessoa tatuou, ou onde ela tatuou. Tem muita gente que eu olho e vejo com tatuagem e eu tenho certeza absoluta de que é uma pessoa estúpida, pelo desenho ou frase, porque tem gente que tatua o que qualquer um*

*tatua, algo que não tem a ver com ela” (P12, Grupo 2).*

*“eu acho um absurdo pegar o desenho pronto de uma revista, que você não sabe de onde veio, quem fez, eu não consigo entender porque uma pessoa quer marcar algo em si que não veio de si mesma. É que nem marcar gado” (P23, Grupo 2).*

Locais específicos do corpo também não são bem vistas entre alguns participantes. Nos casos verificados, se percebeu o acesso à estereótipos de marginalidade: *“mas tem lugares que eu não faria, no rosto nunca, entendeu. Nem igual esses malucos que fazem em áreas íntimas” (P1, Grupo 2); “Mas a tatuagem também pode ser um modo de se agredir. Por exemplo, tatuagem no rosto eu acho uma agressão, porque muda sua fisionomia, perde sua identificação” (P6, Grupo 6); “Obviamente tenho meus preconceitos, por exemplo tatuagem na cara eu acho muito estranho e não me passa boa impressão” (P9, Grupo 5).*

Foram poucos os casos em que participantes alegaram não terem sofrido nenhum tipo de preconceito. Os casos verificados foram em contextos de apoio familiar, principalmente de famílias com tatuagens, e de tatuagens pequenas ou pouco visíveis:

*“Eu fiz a minha primeira tatuagem quando eu fiz quinze anos, eu já estava pedindo pra fazer tatuagem pra minha mãe fazia bastante tempo, e aí eu fiz um cavalo marinho pequeno no tornozelo, e ela me apoiou assim, ela foi junto, fez questão de ver a arte do tatuador” (P17, Grupo 7).*

*“O primeiro contato que eu tive com tatuagem foi quando eu tinha uns quatro ou cinco anos, quando meu irmão fez uma tatuagem minúscula no braço, e acho que foi esse o primeiro contato. Nós somos em cinco irmãos, e todos eles sempre se interessaram por tatuagem, então sempre vi como algo bom, legal” (P18, Grupo 8).*

O número de citações de situações preconceituosas em contextos familiares e sociais no grupo feminino merece destaque. Em suas falas, pode-se identificar que há uma associação entre estereótipos de

feminilidade e tatuagem que se antagonizam, gerando assim manifestações de discriminação e preconceito:

*“As pessoas que eu tive à minha volta achavam que tatuagem era coisa de prostituta, então isso foi um ponto muito importante” (P22, Grupo 9).*

*“Mas eu senti preconceito das pessoas. Principalmente pra arrumar emprego né, porque as pessoas olham muito mais só a tatuagem (...). Eu percebo, a pessoa fica olhando não pra você, mas pra tatuagem, fica olhando com uma cara meio estranha, com um olhar de reprovação” (P11, Grupo 8).*

*“Já sofri preconceito pela questão de ser mulher e ter tatuagem. Sinto que as pessoas olham de forma diferente, mas você passa a evitar esses olhares” (P18, Grupo 9).*

#### *Categoria 4: Arrependimento*

Na categoria 4, buscou-se identificar se houve algum arrependimento na realização de uma ou mais tatuagens entre os entrevistados. Dos 36 participantes, 29 alegaram não terem se arrependido de terem realizado sua(s) tatuagem(ns). Dos casos em que houve, os motivos foram: mudança de significado:

*“A primeira tatuagem que eu fiz eu tinha dezesseis anos. Eu fiz na mão, não sabia o que era tatuagem, achava legal ver, mas aí eu fiz essa tatuagem e menos de um dia depois, e causou arrependimento, por causa do significado dela” (P6, Grupo 6);*

qualidade da tatuagem: *“Eu cobri duas tatuagens, a cruz porque ela não ficou tão legal, e do dragão foi porque também não ficou boa” (P8, Grupo 6);* e local do corpo: *“me arrependi porque era visível demais, e eu amadureci com o tempo e não faria denovo ali, e indico não fazerem” (P8, Grupo 6).*

Mesmo não apresentando arrependimento, alguns participantes não descartam a hipótese de arrependimento futuro:

*“Eu acredito que num futuro eu possa vir a me arrepender de ter feito num lugar tão visível, mas sempre achei que a tatuagem deve englobar isso, tem que saber que pode se arrepender e lidar com o fato de que ela é passível de arrependimento no futuro” (P14, Grupo 8).*

Também apontam motivos que podem levar à um possível arrependimento:

*“A tatuagem em si, para mim, tem que ser algo que você faça para você mesmo. O dia que você for fazer uma tatuagem pra demonstrar ou exibir pra alguém, você corre o risco de mais tarde se arrepender” (P7, Grupo 3).*

*“Quando eu vou fazer, faço com significado, algo que tenha uma representação pra mim, e quando é assim dificilmente você vai se arrepender de ter feito, porque ela se torna muito importante pra você” (P8, Grupo 6).*

Na questão de trabalho, apenas um participante relatou não ter tido preocupações em fazer uma tatuagem visível e ser alvo de manifestações preconceituosas. Os demais participantes apontaram vários cuidados, tanto na decisão de tatuarem-se quanto no local onde a tatuagem estava exposta: *“Eu pensei nas minhas tatuagens pelo fato de poder esconder (...) se fossem mais expostas eu me prejudicaria, como em uma entrevista de emprego” (P16, Grupo 7); “Essa questão do emprego é importante também porque muita gente em locais que não aparenta muito justamente por essa questão de emprego” (P15, Grupo 7), “(...) eu já não era mais jovem, e tinha receio de isso atrapalhar meu trabalho” (P3, Grupo 4).* Mesmo realizando tatuagens mais visíveis, alguns participantes relataram cuidados em manifestá-la, com receio de sofrer algum preconceito:



*“Quando eu fiz no antebraço achei que meus chefes achariam estranho, e ficava meio que tapando, mas depois resolvi mostrar mesmo, ninguém nunca comentou nada” (P10, Grupo 6).*

*“Mas eu me preocupei quando fiz, por causa do trabalho, porque por exemplo eu tenho um paciente que é contra tatuagem, ele tem esquizofrenia e acha que pessoas com tatuagem são malignas. No atendimento com ele na primeira vez fiz atendimento escondendo tatuagem” (P33, Grupo 2).*

### 5.3. DISCUSSÃO

Considerando que as RS buscam viabilizar o entendimento dos processos de construção coletiva sobre um referido objeto social através da troca de informações e produção coletiva de saberes provenientes dos grupos sociais (Moscovici, 2012), é possível analisar o processo de produção das RS da tatuagem a partir da análise das entrevistas, levando em conta a perspectiva de representação enquanto produto e processo (Trindade, Santos, & Almeida, 2011). O paradigma das representações sociais (PRS) é usado neste estudo visando explicar os processos requeridos para a construção dos conhecimentos acerca da tatuagem, ou seja, como foram construídas e o que constroem.

Ressalta-se que os grupos de tatuados presente neste estudo são entendidos enquanto categoria social, uma vez que não possuem organização interna estabelecida, funções determinadas e grupo explicitamente presente (Carvalho, 2002; Souza Filho, 1996). Contudo, possuem dimensão concreta através de seu reconhecimento social, sendo que, por meio desse reconhecimento por outros grupos, passam a ganhar uma identidade social: a de indivíduos tatuados.

Partindo da perspectiva dimensional das RS, verifica-se o processo de construção das RS da tatuagem dos participantes. Verifica-se que ela surge de um produto já construído, ou seja, de RS da tatuagem já consolidadas pelas categorias sociais nos quais os entrevistados fazem parte - família, trabalho, relações interpessoais, etc. A primeira dimensão verificada destina-se à dimensão informação, onde

apresentam seus saberes iniciais acerca do objeto social “tatuagem”. Conforme se identificou de forma quase unânime, as primeiras informações que os participantes tiveram a respeito da tatuagem, proveniente de seus grupos de pertencimento – principalmente grupo familiar - foram RS baseadas em estereótipos outrora associados aos indivíduos que se tatuavam: presidiários, prostitutas, bandidos, marginais, “drogados”, dentre outros.

O contexto de formação destas RS estereotipadas teve origem no processo de ocidentalização da tatuagem, sendo comum, durante o séc. XIX, a prática da tatuagem entre detentos, ex-marinheiros, militares, artistas, prostitutas e cidadãos de classe baixa (Netto, 2011), evocando conteúdos pejorativos de ilegalidade e, conseqüentemente, de maior maior preconceito. Tais estereótipos ainda são reproduzidos atualmente na vida social, sendo verificados tanto em entrevistas de pessoas que se tatuaram entre as décadas de 70 a 90, quanto quem se tatuou à partir dos anos 2000, indicando o quanto estes elementos representacionais são hegemônicos e transculturais, uma vez que podem ser encontradas em outros contextos sociais (Byard & Charlwood, 2014; Jennings *et al.*, 2014; King & Vidourek, 2013).

A dimensão informacional se reflete na segunda dimensão verificada na formação das RS da tatuagem, a dimensão campo. Tendo em vista a importância das imagens na construção e manutenção de RS (De Rosa & Farr, 2001), sendo ela o componente imagético na estrutura da representação (Moscovici, 2012), a produção de sentidos visuais associada à tatuagem deu-se através de imagens transgressoras, onde o tatuado é visto enquanto sujeito que infringe as normas sociais, estando ele a margem da sociedade e considerado um indivíduo com comportamentos desviantes.

Considerando que todas as dimensões se influenciam de modo recíproco, a dimensão campo associada à transgressão, bem como a dimensão informacional tiveram influência na dimensão atitudinal, tanto para os grupos de pertencimento dos participantes, quanto na decisão de tatuar-se dos participantes que se tatuaram nas décadas de 70 e 80. Nos grupos de pertencimento primários (como o contexto familiar e contexto policial), verifica-se uma atitude desfavorável em relação à tatuagem, em que a dimensão afetiva, associada às informações, poderia prever orientações comportamentais (Fishbein & Ajzen, 1975), neste caso, práticas discriminatórias. Isso pode ser verificado em trechos, como prisões pelo fato de possuir tatuagem, na década de 70. Nas décadas seguintes, mesmo com a vinculação de novas informações, ainda se identificou as RS estereotipadas, sendo justificado devido à

força da dimensão imagética da RS, que possui maior influência do que um conceito ou informação, embora não o substitua (Carvalho, 2002).

A imagem transgressora também foi associada a posicionamentos favoráveis para possuir tatuagem, em que a busca por uma tatuagem baseava-se num movimento de contracultura, visando transgredir normas e/ou associar-se a imagens, como coragem, *status*, ou modificação de valores sociais. A contracultura foi um movimento social, com início na década de 60, que buscou combater o modelo de racionalidade da vida social proposto pela ditadura militar.

Os questionamentos propostos pela contracultura incidiam nas práticas do cotidiano, enfatizando a subjetividade à racionalidade, a construção de comunidades alternativas e a aproximação com o socialmente considerado “marginal” e “louco” (Coelho, 2005). Tais formas de dissidência passaram, portanto, a ser reprimidas, tanto através de prisões quanto por internamentos manicomiais.

Para os participantes que se tatuaram entre as décadas de 60 e 90, a atribuição de sentido em tatuar-se como forma de estar à margem da sociedade, assumindo na pele uma prática social estereotipada negativamente, evidencia-se como forma de tornar o não familiar em familiar (Moscovici, 1988). As ideias sobre transgressão e rebeldia às normas sociais, bem como demonstração de força e resistência se objetificam sob a forma de símbolos gravados na pele, através da tatuagem.

Tornar concreto o que é abstrato, elemento fundamental do processo de objetivação (Trindade *et al.*, 2011), ocorre dentro do contexto da tatuagem na medida em que a tatuagem passa a tornar concretizar os valores propostos pela contracultura, demarcando também uma categoria social – a de tatuados –, em oposição aos modelos sociais tradicionais regidos sob a ditadura militar, sob o viés da subserviência. No momento em que os participantes privilegiam informações que lhes sejam pertinentes à respeito da tatuagem – como *status* intragrupo ou rebeldia – em detrimento de outras – como marginalidade ou prostituição –, percebe-se uma dissociação dos conteúdos originais e associação à conhecimentos pessoais e de seus grupos, ajustando os novos saberes e modificando a estrutura original, característica essa associada ao processo de objetivação (Moscovici, 1976).

A partir disso, os participantes ancoram a tatuagem à desenhos já familiares em seu contexto, que tenham alguma associação aos valores que almejam expressar, ou com associação aos antigos

estereótipos de tatuados, como: serpente, âncora, caveiras, facas, flores, cruzes, dentre outras desse gênero. O processo de ancoragem ocorre mediante a incorporação de novos elementos referentes a um objeto, em um sistema de categorias já familiar, possibilitando aos indivíduos conectar o objeto representacional em seu sistema de valores pessoais (Trindade *et al.*, 2011).

A noção de transgressão de normas – sociais ou familiares – também se apresenta enquanto uma especificidade funcional das RS da tatuagem, isto é, contribuía na formação e orientação de condutas e nas comunicações sociais, sendo este um importante critério de verificação da existência de uma RS (Moscovici, 1976). Embora a proposta da tatuagem associada à transgressão diminua ao longo das décadas seguintes – conforme se manifesta ao longo das entrevistas –, dando lugar a novos elementos constituintes, permanece o impacto das RS da tatuagem na organização das condutas e na comunicação entre os indivíduos (Jesuino, 2011; Moscovici, 1976).

O processo de transformação de elementos representacionais da tatuagem associados à marginalidade e transgressão possui dois marcos significativos, que podem ter tido influência sobre a opinião da população: a modernização das práticas da tatuagem, e o impacto da mídia associando a tatuagem à estética. As entrevistas com participantes tatuados entre as décadas de 60 e 70 trazem informações sobre a associação feita pela polícia e população entre tatuagem e marginalidade, uma vez que presidiários realizavam tatuagens nas prisões, visando marcar seus delitos, estabelecer hierarquias e pertencimento grupal, ou como prova de resistência, devido à dor imposta, sem qualquer conotação estética envolvida (Le Breton, 2002; Pierrat, 2000).

Com a vinda de artistas tatuadores do exterior – como o dinamarquês Lucky Tattoo em 1959, conhecido como o 1º tatuador artístico do Brasil – e o processo de modernização das práticas de tatuagem através de locais apropriados, catálogos de desenhos, técnicas de arte detalhadas e traços simétricos, máquinas elétricas e pigmentações específicas, a tatuagem vai gradativamente assumindo uma conotação estética (Araújo, 2005; Bicca *et al.* 2013; Marques, 1997; Novak, 2012). Por meio da conotação estética dos desenhos das tatuagens, cresce o número de simpatizantes, embora ainda as RS estereotipadas acerca da tatuagem estivessem num grau superior à própria arte, ou seja, ainda que desenho pudesse ser esteticamente bonito, ao indivíduo tatuado ainda cabiam os estereótipos de marginalidade.

Um segundo momento no processo de transformação das RS da tatuagem para os participantes, relaciona-se diretamente com os veículos de comunicação midiática brasileiros. Conforme citado em entrevistas, houveram duas situações em que a tatuagem passou a ser evidenciada em rede nacional enquanto adereço estético. A primeira ocorreu em 1980, através da música de Baby Consuelo e Caetano Veloso intitulada “Menino do Rio”, a qual descreve uma figura masculina que possuía um dragão tatuado no braço, dentre outras características pessoais. Segundo citado nas entrevistas, esta foi a primeira forma de modismo por tatuagem no país, quando muitos homens passaram a buscar a tatuagem de dragão no braço. Esta música, sucesso na década de 80, foi baseada em José Artur Machado, um jovem que, na década de 70 foi símbolo de beleza masculina: bronzado, surfista, lutador de jiu-jitsu e modelo.

Já a segunda ocorreu em 1983, com a novela intitulada “Guerra dos Sexos”, em que apresenta o personagem Nando, interpretado pelo ator Mário Gomes, um dos galãs da novela, que apresenta uma tatuagem de ilha no peito. Segundo relatos nas entrevistas, esta tatuagem também se tornou “febre nacional”, podendo ser considerado o primeiro momento em que a tatuagem foi associada à estética corporal em rede nacional, proliferando assim à imagem da tatuagem associada a um corpo belo.

Ante a propagação desse novo modelo associado à tatuagem, as atitudes, opiniões e estereótipos passam por um processo de transformação e reconfiguração. Nesse quesito, a propagação em larga escala de novos objetos de representação passam a utilizar os canais de mídia de grande difusão (Clémence, Green, & Coirvouisier, 2011). Por sua vez, a estrutura das mensagens emitidas pelos veículos de comunicação elaboram novos modelos sociais e tomadas de decisão, por meio tanto do vínculo entre emissor e receptor quanto do comportamento em foco (Moscovici, 1976).

Para os indivíduos que não aderiram à prática da tatuagem derivada dos processos de objetivação e ancoragem associando tatuagem à transgressão, a dimensão estética torna-se uma nova forma de ancoragem que, aliada à maior quantidade de indivíduos aderindo à prática da tatuagem, passa a servir como justificativa de guia à decisão por tatuar-se, objetivando a tatuagem enquanto modelo estético e ancorando-a em categorias onde o corpo esteticamente belo seja relevante.

Esta nova identidade cultural da tatuagem, proveniente da difusão do elemento concreto materializado na imagem de “corpo belo”

trouxe uma mentalidade grupal diferente. No momento em que as novas informações entram no pensamento cotidiano e tornam-se homólogas dentro da realidade vivenciada pelos grupos e categorias sociais, estas passam a adquirir significado concreto ou simbólico, aumentando as chances de serem sustentadas, desenvolvidas e reproduzidas nos espaços sociais, por meio das conversas e demais trocas (Clémence *et al.* 2011).

Para Jodelet (1989) a ancoragem oferece às RS os conteúdos específicos da identidade cultural e mentalidade grupal, conectando assim a ancoragem à gênese social da representação e de seu referido objeto (Jodelet, 2001). Uma vez mais, a compreensão dos processos de objetivação e ancoragem torna-se basilar no entendimento da formação – processo – e no que forma – produto - sobre as RS da tatuagem (Trindade *et al.*, 2011). Este processo de alteração de elementos nos valores e atitudes frente à tatuagem também manifesta o caráter essencialmente dinâmico das RS, construída na interação face a face, dentro dos grupos sociais (Moscovici, 1988).

A partir da década de 80, a tatuagem passa a ganhar um enquadramento estético. Gradativamente, os veículos de comunicação de massa passam a apresentar personalidades famosas em diversos segmentos da cultura popular, tendo a tatuagem como adorno. Nacional e internacionalmente, atores e atrizes de filmes e telenovelas, músicos, atletas e demais celebridades do mundo do entretenimento passam a exibir esta arte, contribuindo assim com sua divulgação e naturalização (Carmen *et al.*, 2012; Tiggeman & Hopkings, 2011). E a partir da década de 90, a profissionalização de tatuadores aumenta, elevando o número de estúdios e havendo maior disponibilidade de materiais e instrumentação moderna, melhorando a qualidade da arte e os procedimentos de higiene e esterilização (Bicca *et al.*, 2013; Pérez, 2006), o que pode ter representado um novo estágio das práticas culturais e sociais da tatuagem.

Conforme se verifica entre os entrevistados que realizaram tatuagem a partir do séc. XXI, houve uma transformação na natureza e finalidade no ato de se tatuar, sugerindo assim mudanças nos valores e propósitos da vida social (Turner, 1999). As motivações subjacentes a tatuar-se se multiplicaram, indo desde formas de auto-expressão por meio de imagens – tais como: expressar uma opinião ou valor, uma característica de personalidade, um atributo significativo ou uma lembrança de vida – até forma de diferenciação, homenagens, grupos de pertencimento, manifestação de arte e outros atributos considerados importantes para serem tatuados na pele.

Embora o estudo não tenha realizado uma análise semiótica das imagens apresentadas nas tatuagens, identificou-se, através do tratamento dos dados textuais, o quanto tais imagens impregnadas no corpo formam e sustentam as RS da tatuagem, tanto para quem possui quanto para aqueles que não possuem. As motivações para a realização da tatuagem podem ser analisadas enquanto formas de ancoragem, uma vez que os participantes passam a classificar as informações sobre a tatuagem em relação a estruturas de saberes que já possuem, havendo certa coerência entre ao conhecimento novo e o já existente (Vala, 1996).

O processo de construção desse novo modelo de adesão à representações e práticas da tatuagem passa, inicialmente, pelo mesmo contexto dos participantes que tatuaram-se entre as décadas de 60 à 90, em que seus grupos de pertencimento inicial apresentam estereótipos preconceituosos frente indivíduos tatuados. Observa-se que, num primeiro momento, a reprodução das opiniões e atitudes partilhadas dentro dos seus grupos de pertença, sendo ela, via de regra, negativamente estereotipadas.

A partir do contato com indivíduos e contextos que aderem à prática da tatuagem, e somando-se às experiências individuais provenientes de suas histórias de vida, os conteúdos sobre o objeto tatuagem passam a ser ressignificados, dando origem a novas compreensões e saberes, de modo a conferir uma valoração positiva frente à tatuagem e guiando as práticas dos participantes na busca por tatuar-se. As RS são, acima de tudo, ativas, havendo de fato, uma reprodução inicial, mas uma reprodução que reacomoda elementos e reconstrói o objeto representacional, segundo novos valores e regras (Moscovici, 1976).

A prática da tatuagem parece integrar-se no contexto social como um fenômeno ainda em construção inacabada, onde opiniões e atitudes outrora preconceituosas estão em interação com novas formas de pensamento, mais favoráveis. No momento em que alguns participantes passaram por situações de vida onde valores pessoais produzidos em contextos sociais são questionados ou postos em xeque (como divórcio, por exemplo), ressignificando-os, a tatuagem passa pelo mesmo processo de transformação e aceitação, materializando a liberdade adquirida sob forma de uma imagem impressa na pele, como manifestação de sua libertação.

Um dos temas trazidos principalmente por indivíduos que se tatuaram após os 40 anos foi sobre conscientização. Esta temática

apresentada como requisito para tatuar-se pode ser analisada a partir do fenômeno da cultura de massa. No século XXI, a tatuagem tem sido uma importante manifestação estética, com grande visibilidade pela influência que vem exercendo na moda e enquanto modismo, bem como a frequência de personalidades do entretenimento midiático com tatuagens, propagando a prática à indivíduos dos mais variados setores sociais, sem restrições de idade, gênero ou classe social (Lise *et al.*, 2010; Pérez, 2006). Esta nova tendência cultural (Kemp, 2005), passa a gerar maior aderência social, e no caso da tatuagem, com maiores implicações, podendo gerar maior conformismo às convenções.

Esta reconstrução cognitiva vai ao encontro da proposição de Wagner (1998) que considera RS um conceito mentalmente estruturado (por meio de seus componentes cognitivos, avaliativos, simbólicos e afetivos) sobre determinado objeto social, passando a ser partilhado com indivíduos pertencentes a um determinado grupo social. O pertencimento e aderência à representações e práticas da tatuagem também passa a definir uma identidade grupal, nortear práticas sociais, explicar ações e tomadas de posição (Abric, 1998).

Se outrora a tatuagem significava uma forma de pertencimento a grupos, atualmente essa não é sua principal característica. Indica novas exigências sociais e pressões normativas que se manifestam na forma de anseios pessoais de afirmar-se como pessoa, manifestar sua identidade individual e diferenciar-se dos demais (Ferreira, 2011). A tatuagem no séc.XXI apresenta-se mais como uma manifestação de processos identitários (Deschamps & Moliner, 2014), em oposição ao modelo mais coletivista que marcou o período ditatorial no país.

A dimensão cultural do individualismo enquanto valorização da própria intimidade acima de valores sociais também se manifesta na prática da tatuagem, enquanto forma de identificar, individualizar e diferenciar um indivíduo dos demais (Gouveia, Andrade, Milfont, Queiroga, & Santos, 2003). Esta atitude em busca da individualidade pode relacionar-se à concepção de livre arbítrio e distinção, vendo-se plenamente responsável por suas escolhas, e não como forma de influência social (Sabino & Luz, 2006), demarcando também a diferença em relação ao outro, com ou sem tatuagem (Sanders, 1989).

Contudo, ao adentrar em grupos ou categorias onde a prática da tatuagem é positivamente avaliada, e conhecendo os motivos que levaram as pessoas à tatuarem-se, os participantes reconfiguram seus valores, e agregam traços idiossincráticos na escolha da tatuagem (Deschamps & Moliner, 2014). A tatuagem passa a ser, simultaneamente, uma construção individual e social, à medida que o



desenho expressa uma característica pessoal, mas que o categorize dentro de um quadro já socialmente aceito. Neste aspecto, a prática da tatuagem apresenta seu contexto de pertencimento a uma categoria social, demarcando assim uma identidade coletiva (Sabino & Luz, 2006).

Essa construção de conhecimentos referente à tatuagem, a partir do acesso às informações socialmente partilhadas sobre este objeto, e posteriormente transformando-as através do acesso a novos saberes e por experiências individuais, articula-se de modo central à compreensão de RS enquanto uma forma de conhecimento construído por um indivíduo ativo em interação direta com um objeto construído culturalmente, relevando assim tanto características do sujeito quanto do objeto, circunscritos dentro de uma dimensão sócio histórica (Trindade *et al.*, 2011).

Este passa a ser o principal motivo citado como elemento negativamente associado à tatuagem na contemporaneidade: o arrependimento. Embora apenas sete participantes tenham apresentado arrependimento, seja em função do local do corpo ou de problemas com o desenho, a preocupação com se arrepender se manifestou com forte influência nos discursos. Para os participantes que se tatuaram após os 40 anos, a idade serviu como critério de referência para a conscientização da escolha do desenho e a certeza de não se arrepender, e manifestando uma espécie de preconceito intracategorial, onde apontam que quem se tatua muito jovem possui maior probabilidade de se arrepender futuramente, por fazer por modismo e sem algum significado durável.

Além disso, a preocupação com o trabalho também se mostra como um elemento estereotipado sobre a tatuagem que ainda influencia tanto na decisão de se tatuar, quanto na escolha do local e do tipo de desenho. Isso demonstra que, embora as RS da tatuagem estejam em processo de alteração, os participantes ainda consideram que a mesma exista e importam-se com o impacto que ela possui. Segundo Doise (2011), embora existam interações de referência, que tem maior impacto na determinação de uma opinião, as interações menos importantes, provenientes de antigas afiliações, não são esquecidas, mas integradas aos novos modelos de referência. Isso pode ser identificado na fala dos participantes, quando apresentam seu histórico de vida sobre a tatuagem, a transformação de elementos representacionais, mas também o receio embutido na escolha por tatuar-se. Os antigos elementos de “marginalidade” e “rebeldia” são substituídos por “arrependimento” e

“modismo”, em que um adepto da tatuagem que a faça por moda ou por impulso será menos valorizado ou poderá arrepender-se.

Ainda com relação ao preconceito intracategorial, os participantes com tatuagens grandes e visíveis manifestaram estereótipia frente indivíduos com tatuagens consideradas “na moda” ou apenas por conotação estética. A análise dos processos referentes à estereótipos, ao remeter à forma de categorização, relaciona-se diretamente com as RS, levando em conta a possibilidade de identificar a representação enquanto uma manifestação de processos de categorização (Vala, 1986).

Assim como ocorreu entre os grupos de não tatuados em estudos anteriores (Caroni & Grosman, 2012; Gouveia *et al.*, 2010; Lise *et al.*, 2010) ao reproduzir representações estereotipadas de indivíduos tatuados, indivíduos com tatuagens grandes também manifestam estereótipos, e através delas, conteúdos que adentram em outras teorias e conceitos pertinentes em psicologia social, como: formação de impressões, teoria implícita da personalidade, atribuição causal, discriminação social, etc. (Souza & Camargo, 2002). Contudo, tais perspectivas podem ser integradas e analisadas tendo por base o PRS, tendo por sustentação a afirmação de Vala (1986) ao apontar que “para além das atitudes, a psicologia social cognitiva, ao estudar a identidade, os estereótipos, as teorias implícitas da personalidade e a atribuição causal, tem abordado de forma desligada fenômenos que o conceito de representação social engloba e cuja articulação permite”.

Considerando que a RS é mais do que estereótipo, mas este constitui-se como elemento importante de uma RS (Tajfel, 1982), os participantes com tatuagens grandes alegam que, ao identificarem indivíduos com tatuagens consideradas na moda – ou seja, costumeiramente reproduzidas, tendo por base algum veículo de comunicação que a veicula -, passam a reduzir o sujeito à sua tatuagem, guiando assim tanto suas opiniões quanto atitudes de forma preconceituosa e discriminatória. Este enviesamento cognitivo, característica da estereótipia social, veicula e expressa RS que associam tatuagens com fins unicamente estéticos ou copiadas à pessoas fúteis, sem personalidade, deslegitimando assim tanto o conteúdo da tatuagem quanto o portador da mesma, sendo esta uma forma de saber prático (Jodelet, 1984), formando e orientando a comunicação e os comportamentos.

Outro fator relevante ante esta manifestação de preconceito intracategorial seria sua ocorrência como forma de diferenciação social (Vala, 1986), havendo assim diferentes indivíduos dentro da categoria de tatuados, com valoração hierárquica proveniente das motivações e da

arte em si. Segundo Baptista (1986) verifica-se, através da função de diferenciação social presente nas RS, a compreensão do estereótipo enquanto modo de RS, com uma dinâmica específica e significativa na vida social. As RS estereotipadas passam a desempenhar as três funções apresentadas por Doise (1983): função seletiva, onde há uma deturpação de elementos características de um grupo, selecionando elementos específicos e avaliando-os de forma negativa; função justificativa, por meio dos conteúdos das representações estereotipadas, que servem como legitimadoras de comportamentos hostis; e função antecipatória, orientando o desenvolvimento de relação intragrupal, ou melhor” intracategoriais, permitindo prever comportamentos e orientar a ação.

Neste subgrupo categorial, estes apropriam-se de opiniões e atitudes frente à tatuagem próprios de seu grupo. O estranho torna-se familiar a partir da ancoragem aos modelos existentes, sendo readequado a partir de suas experiências individuais. A partir desta etapa, a imagem produzida acerca da tatuagem passa a trazer uma conotação hierarquizada: o conteúdo da tatuagem precisa ter significado, por meio de desenhos que individualizem o sujeito, objetivando assim à nova ideia incorporada pelo grupo. A imagem nesse processo cumpre a função de facilitar a disseminação, alcançando de modo mais ágil o grupo.

As características individuais/identitárias também se verificaram nas análises, trazendo um conteúdo pertinente para a análise da gênese e reprodução das RS da tatuagem, demonstrando assim o papel da interface da dimensão grupal/identitária na produção de RS (Deschamps & Moliner, 2014; Souza Filho, 1996). Para Souza Filho (1996), a elaboração social do conhecimento ocorre através da atividade de um sujeito individual cognoscente e a que ocorre em grupos de pertencimento significativos na vida do indivíduo.

A identidade aqui é compreendida enquanto conjunto de sentimentos, opiniões e representações do indivíduo sobre si mesmo, construído através da apropriação cultural e mediação social (Tap, 1979). Logo, a identidade forma-se por meio das relações sociais, através de apropriação de valores, normas, regras e pensamentos de uma dada cultura, resultando assim na verificação de semelhanças e diferenças entre si, os outros e grupos (Deschamps & Moliner, 2014). Neste estudo, compreender as RS da tatuagem fornece a compreensão não apenas de seus sentidos e opiniões, mas também como são formadas

e reconstruídas pelos indivíduos tatuados, servindo de referência à construção de sua identidade.

Tratando os tatuados enquanto categoria social, embora partilhem valores, crenças e atitudes semelhantes, verifica-se que os mesmos não identificam a prática da tatuagem como consequência social, mas de traços de ordem pessoal. Até mesmo a influência em tatuar-se é entendida enquanto decisão individual, mesmo com influências interpessoais envolvidas. A tatuagem apresenta-se como um objeto pessoal na vida dos participantes, uma vez que traz, por meio de suas motivações, características de ordem idiossincrática, isto é, proveniente de suas experiências pessoais.

Isso não quer dizer que não há uma identidade social envolvida, ao contrário. Infere-se que a identidade pessoal – características de personalidade, histórico de vida, etc. – é o principal processo na decisão de tatuar-se, vindo desta identidade pessoal a elaboração de elementos que tornem concreto um desenho permanente. A tatuagem vai além do desenho e da marcação, comunicando também atributos internos do indivíduo, como características de personalidade consideradas centrais, bem como um elo de ligação entre o passado e o presente (Côrrea, 1999).

Ao entrar em contato com interações sociais onde a tatuagem é apresentada positivamente – caso contrário, provavelmente não haveria aderência-, passam a construir um modelo onde o seu “eu” pode ser representado através de uma imagem. E este fenômeno ocorre, eminentemente, no contexto social, tendo em vista as RS são orientadas para a comunicação, compreensão e controle do entorno social (Jodelet, 1984).

A partir daí, a identidade social, enquanto forma de percepção do indivíduo como semelhante ou diferente em grupos ou categorias passa a tomar forma (Deschamps & Moliner, 2014). Isso poderia explicar, por exemplo, porque alguns participantes consideram a tatuagem como consequência, e não como causa de mudanças comportamentais, bem como explicaria os processos de ressignificação de RS estereotipadas para a adesão à prática da tatuagem.

Se os participantes não percebem-se com comportamentos alterados em função da tatuagem, os mesmos apontam que sua autopercepção alterou positivamente, seja na dimensão estética quanto em atributos de personalidade ou na percepção do outro sobre si. Segundo Tajfel e Turner (1979), as pessoas tendem a se esforçar para preservar ou promover a estima de si mesmos. Até mesmo os participantes que tatuaram-se nas décadas de 60 à 80, com maior

probabilidade de sofrerem discriminação, as realizavam, pois havia, em seu entorno social, alguma forma de reforçamento.

A autopercepção e posse de si serve de justificativa para tatuar-se, em falas como “o corpo é meu”. Este corpo, simultaneamente social e individual, traz à tona RS do corpo e da beleza, em que a imagem corporal é sinônimo de *status* e aceitação (Camargo *et al.*, 2011), indicando assim que a tatuagem têm sido relegada à este nível de evidência na contemporaneidade

Sendo o corpo resultante de uma construção simbólica de acordo com as percepções e as representações individuais e coletivas (Andrieu, 2006), o fato de possuir tatuagem ser um fator de maior atração entre os tatuados – principalmente pelo sexo feminino - também poderia ser explicado como uma tendência a selecionar critérios que achamos mais desejáveis em nós mesmos (Lewicki, 1983), sendo esta uma forma também de comparação social e de estima de si mesmo (Deschamps & Moliner, 2014). Esta autoavaliação positiva também pode ser um possível preditor no desejo de tatuar-se mais vezes, uma vez que há um alto grau de aceitação social, pelo menos em relações interpessoais e grupais que lhes sejam significativas.

Dois contextos apresentaram influências inversas na decisão de tatuar-se dos participantes: mídia e religião. Os resultados acerca da religiosidade apresentam dados que convergem com pesquisas anteriores, em que a não afiliação a uma religião apresentou associação com a prática de tatuagem (Laumann & Derick, 2006; Stirn, Hinz, & Brähler, 2006). Com relação ao maior número de participantes do sexo feminino declararam-se espíritas, se hipotetiza este fato em função de que esta religião não condena a prática da tatuagem, podendo gerar maior aderência de membros tatuados ou que venham à tatuar-se.

A religião, em diversos discursos, apresenta-se como instituição contrária à prática da tatuagem, considerando-a pecaminosa. Aos adeptos da tatuagem, sugere-se ou a não aderência à religião, ou a não aderência à todas as suas prescrições. Inversamente, a mídia apresenta-se como uma difusora desta prática, ainda que não explicitamente. Atualmente, atores e atrizes de filmes e telenovelas, músicos, atletas e demais celebridades do mundo do entretenimento as exibem, contribuindo assim com sua divulgação e naturalização (Carmen *et al.*, 2012; Tiggeman & Hopkins, 2011). No Brasil, é possível encontrar jornalistas apresentando suas tatuagens em seus programas, denotando assim uma forma de considerar esta prática comum.

Com relação a comparação entre os sexos dos participantes, observou-se que alguns fatores predominaram no sexo feminino, como ter se tatuado por influência social, para homenagear alguém, como forma de arte ou proteção, enquanto aos homens apresentaram-se predomínio nos quesitos rebeldia, impulsividade e status. Para Sabino e Luz (2006), o desenho feito na pele não apenas se apresenta como um acabamento estético, mas também envolve uma encenação pública e encarnação de papéis próprios da dinâmica social, bem como de diferenciação de gênero. Aos homens, caberiam aspectos que denotem qualificações socialmente consideradas masculinas: demonstração de força, impulsividade e rebeldia, enquanto as mulheres voltam-se às características de maior sensibilidade, como expressão de arte, homenagem ou como ferramenta de proteção.

As áreas corporais em que homens e mulheres costumam tatuar-se, bem como o estilo de tatuagem também apontam essas diferenças, em que homens tatuam-se em áreas que apontem seu vigor físico, enquanto as mulheres buscam locais que tragam destaque à atratividade feminina, com delicadeza e sensualidade, acentuando esteticamente o que socialmente é vinculado à estereótipos masculinos e femininos. Tais diferenças também manifestam a forma como se percebe o corpo, com base nas diferenças de gênero, tendo em vista a idéia de corpo enquanto construção cultural (Perez, 2006).

A construção identitária, presente nas RS da tatuagem, relaciona-se diretamente à dimensão visual das interações sociais. Sendo assim, expor o corpo através da forma física ou de desenhos na pele, contribui na construção de diferenças tanto nas motivações e características individuais entre os sexos, quanto na exposição real, por meio por desenhos e locais do corpo, criando-se assim uma “gramática imagética” (Sabino & Luz, 2006, p. 253), formada por itens que fazem parte da nossa cultura ou são apropriados e reinterpretados de outras culturas – como tatuagens “maori” ou tribais, por exemplo.

## **6. ESTUDO QUANTITATIVO**

### **6.1. MÉTODO**

#### **6.1.1. Delineamento**

O estudo caracteriza-se por ser de natureza descritiva e comparativa. Também apresenta desenho transversal e de amostragem intencional, uma vez que foram escolhidos grupos específicos que compuseram a amostra (Marconi & Lakatos, 2007).

### 6.1.2. Participantes

Participaram 614 indivíduos, divididos entre 306 com tatuagem e 308 sem tatuagem. A Tabela 5 apresenta a distribuição de frequência dos participantes.

Tabela 5.

*Distribuição dos participantes considerando sexo e grupo.*

Sexo	Grupos					
	<i>Tatuados</i>	%	<i>Não tatuados</i>	%	<b>Total</b>	%
Masculino	83	27,1	90	29,2	173	28,2
Feminino	223	72,9	218	70,8	441	71,8
<b>Total</b>	306	100	308	100	614	100

Devido à diferença na quantidade de participantes entre os sexos, foram selecionados randomicamente, sendo 80 por sexo e presença ou não de tatuagem, totalizando 160 participantes para esta modalidade de análise. Já as análises intrasexo foram realizadas com os valores totais dos participantes, tendo por critério de inclusão a participação de indivíduos com idade acima de 18 anos.

### 6.1.3. Instrumento

Foi desenvolvido um questionário *online* autoadministrado (Anexo 3) com respostas abertas e fechadas. O questionário apresentou 4 blocos de informações: a) questões sócio demográficas: idade, estado civil, religião, escolaridade e quantidade de tatuagens; b) práticas sociais: realização de uma ou mais tatuagens em estúdio ou não, visibilidade da tatuagem no corpo, atratividade e preconceito; c) motivações frente a ter ou não ter tatuagem; e d) comportamento de risco: comportamento sexual, uso de álcool e outras drogas, transtornos psicológicos e ideação suicida.

### 6.1.4. Procedimento de coleta de dados

Foi realizado um contato inicial – por meio de *e-mail*, redes sociais e contato pessoal – com indivíduos com ou sem tatuagem, de acordo com o critério de inclusão. Também foram contactados estúdios de tatuagem, utilizando-se também a técnica de bola de neve, onde



participantes poderiam indicar aos conhecidos responderem o questionário.

Um estudo piloto foi realizado previamente com 20 participantes, com o objetivo de verificar se o questionário respondia aos objetivos da pesquisa, além de aprimorá-lo para uma versão definitiva. Os participantes, antes de iniciar o questionário online, tiveram acesso a algumas informações sobre a pesquisa, e a garantia do sigilo das informações, podendo parar de responder o questionário a qualquer momento.

#### 6.1.5. Análise de dados

Foi realizada análise estatística descritiva (média, desvio padrão e distribuição de frequências) e relacional (teste do Qui-quadrado e teste-t de *Student*). Os dados foram digitados em uma planilha e analisados com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS- versão 17.0).

#### 6.1.6. Aspectos éticos

O projeto obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, sob protocolo n. 1.353.995, e todas as diretrizes éticas foram seguidas, seguindo as normas da Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais. Foi solicitada aos participantes a leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, presente na primeira etapa do questionário.

## 6.2. RESULTADOS

### 6.2.1. Caracterização da amostra

A média geral de idade dos participantes do sexo masculino foi 30,9 ( $DP = 10,24$ ), enquanto do sexo feminino foi 30,3 ( $DP = 10,1$ ). Para o grupo de tatuados do sexo masculino, a média de idade foi 29,2 ( $DP = 6,57$ ), e a de não tatuados foi de 32,7 ( $DP = 12,48$ ). Para o sexo

feminino, a média de idade entre as participantes com tatuagem foi de 29,06 ( $DP = 8,17$ ), e 31,7 ( $DP = 11,56$ ) para não tatuadas.

Dos 173 homens, 39,3% afirmaram estarem casados ou em um relacionamento estável, seguidos de 37,6% solteiros, 20,8% namorando e 2,3% divorciados. Das 441 mulheres, 38,3% declararam-se casadas ou em um relacionamento estável, 31,2% solteiras, 23,8% namorando, 6,3% divorciadas e 0,4% viúvas. Não houve diferença estatisticamente significativa entre ter tatuagem e estado civil.

Com relação à escolaridade, segundo a Tabela 6, verifica-se que a maioria dos participantes (53,6%) possui Ensino Superior – completo ou incompleto, seguido de pós-graduação – completa ou incompleta. Ressalta-se que os valores são diferenciados entre os sexos devido à diferença da amostra. A análise da amostragem randômica não identificou associação estatisticamente significativa entre ter tatuagem e grau de escolaridade.

Tabela 6.

*Grau de escolaridade dos participantes, distribuídos por sexo e categoria.*

Escolaridade	Sexo							
	Masculino		Não tatuados		Feminino			
	Tatuados	%	Não tatuados	%	Tatuadas	%	Não tatuadas	%
Ensino	02	2,4	00	00	01	0,4	00	00

Fundamental								
Ensino Médio	12	14,1	07	7,9	14	6,3	09	4,1
Ensino Superior	48	56,5	49	55,7	118	52,9	114	52,3
Pós Graduação	23	27	32	36,4	90	40,4	95	43,6
<b>Total</b>	85	100	88	100	223	100	218	100

No tocante às práticas religiosas do sexo masculino, o grupo de tatuados teve maior proporção entre os que se declararam acreditar numa força superior, mas sem religião específica, com 68,3% contra 31,7% de não tatuados. A maior proporção dos participantes não tatuados declarou-se agnóstico (72,2%) ou ateu (54,3%), bem como pertencentes a alguma denominação religiosa, como espírita (58,8%), católica (58,5%), ou evangélica (55,5%). Não houve associação significativa entre religião e possuir tatuagem.

Para o sexo feminino a relação inverte-se, sendo observado maior proporção de tatuadas declarando-se ateias (60,8%), agnósticas (54,3%) ou que acreditam numa força superior, mas sem religião específica (60,2%). A única religião com predominância de tatuadas foi a espírita, com 58,2%. Entre as não tatuadas, predominam as que se declaram fazer parte de religiões, como catolicismo (60,1%), evangelicismo (67,8%) e budismo (62,5%). Foi identificada associação estatisticamente significativa entre religião e ter tatuagem para as mulheres [ $\chi^2 = 19,2$ ;  $gl = 7$ ;  $p < .05$ ].

### 6.2.2. Práticas sociais

Do total de participantes, a maior proporção (42,7%) afirmou que tem tatuagem e gostaria de realizar mais; 19,2% não possuem e não desejam realizar; 17,3% afirmaram não possuir, mas pretender realizar; 13,8% não possuem, mas gostariam de possuir, e 5,7% tem tatuagem e estão satisfeitos com as que possuem. Apenas 1,3% afirmaram ter tatuagem, mas arrependem-se de ter realizado-as.

Neste quesito, 78,2% dos tatuados relataram que não removeria nenhuma de suas tatuagens, 7,4% removeriam uma ou mais, por achar feia, 5,1% removeriam pois perdeu o significado, e 9,3% apontaram

motivos diversos como: qualidade da tatuagem (9 vezes), tamanho da tatuagem (6 vezes), melhorias devido ao tempo (3 vezes), mudar de lugar (2 vezes), cobrir com outro desenho (2 vezes), e por questões relacionadas ao trabalho (1 vez).

Com relação às práticas sociais vinculadas à tatuagem, a média de idade de realização da primeira tatuagem para o sexo masculino foi de 20,4 anos ( $DP = 4,35$ ) e para o sexo feminino foi 21,9 anos ( $DP = 7,39$ ). Quanto ao local onde foi ou foram realizada(s) tatuagem(ns), 82% dos participantes tatuados afirmaram que realizaram suas tatuagens em estúdios. Contudo, 10,3% afirmaram que somente uma vez realizaram tatuagem fora de estúdio, e 7,7% afirmaram que fizeram tatuagens fora de estúdios mais de uma vez.

O sexo masculino apresentou 79,8% de realizações de tatuagens exclusivamente em estúdio, 10,7% afirmaram terem feito uma vez fora do estúdio, e 9,5% mais de uma vez. Para o sexo feminino, 83,3% das participantes realizaram em estúdio, 10,1% realizaram fora do estúdio apenas uma vez, e 6,6% realizaram mais de uma vez. Não houve diferença significativa entre os sexos e local de realização das tatuagens, a partir da amostra randômica.

No que tange visibilidade das tatuagens, do total de participantes, 35,7% afirmaram que suas tatuagens são visíveis quando usam shorts, regatas e sapatos abertos, 28,7% afirmaram que são visíveis quando utilizam camisas, camisetas e calças, enquanto 18,8% afirmaram que são sempre visíveis e 10,8% disseram que suas tatuagens são visíveis somente quando usam roupas íntimas ou de banho e 6,1% afirmaram que suas tatuagens são raramente visíveis. A Tabela 7 apresenta os dados referentes aos participantes tatuados, por sexo. Ressalta-se a diferença percentual de tatuados do sexo masculino e feminino, que ocorre devido à diferença na amostra.

Tabela 7.

*Quantificação da visibilidade das tatuagens dos participantes, de acordo com o sexo.*

Tamanho das tatuagens	Masculino		Feminino	
	<i>Qnt</i>	<i>%</i>	<i>Qnt</i>	<i>%</i>
Visíveis em shorts, regatas e sapatos abertos	25	29,8	89	38,5

Visíveis em camisas, camisetas e calças	35	41,7	54	23,4
Sempre visíveis	13	15,5	46	19,9
Visíveis em roupas íntimas ou roupas de banho (lingerie, biquíni ou sunga)	09	10,7	25	10,8
Raramente visível	02	2,4	17	7,4
<b>Total</b>	84	100	231	100

Por meio da amostra randomizada, foi identificada associação estatisticamente significativa entre a variável sexo e tamanho da tatuagem [ $\chi^2 = 11,9$ ;  $gl = 4$ ;  $p = .01$ ], com predominância masculina apenas em tatuagens visíveis em camisas, camisetas e calças, com 34 para os homens e 14 para as mulheres. Nas demais categorias, o sexo feminino teve predomínio: sempre visível (18 mulheres e 13 homens), visível em shorts, regatas e sapatos abertos (35 mulheres e 24 homens), em roupas íntimas (11 mulheres e 8 homens), e raramente visível (3 mulheres e 2 homens).

Sobre o preconceito, do total de participantes com tatuagem, 15,3% (15,6% dos homens e 15,2% das mulheres) afirmaram ter sofrido alguma prática preconceituosa relacionada a suas tatuagens. Os locais da manifestação preconceituosa foram: trabalho (17 vezes), família (13 vezes), espaços públicos ou ambientes formais (5 vezes), e espaço religioso (6 vezes). Na família, 50,6% dos participantes com tatuagem apontaram que alguém se manifestou de forma negativa para a realização da tatuagem, e 72,5% afirmaram que seus familiares não mudaram de opinião após terem feito as tatuagens. Para o sexo masculino, 44,6% dos familiares não foram a favor de realizarem tatuagem, e 62,6% não mudaram de opinião após a realização da tatuagem. No grupo feminino, 52,9% dos familiares não foram a favor, com 76,2% de não alteração de opinião.

A amostra randomizada identificou associação estatisticamente significativa entre a variável sexo e mudança de opinião familiar [ $\chi^2 = 4,23$ ;  $gl = 1$ ;  $p < .05$ ], com maior mudança de opinião dos familiares (47 vezes) entre tatuados do sexo masculino (61,7% homens contra 38,3% mulheres). Inversamente, foi apontada que a opinião de familiares não

mudou (114 vezes) principalmente entre as participantes do sexo feminino (56,1% mulheres contra 43,9% homens). Os principais motivos citados pelos quais a família foi contra são: um ou mais membros não gostam (56 citações); medo que os filhos sofram preconceito social ou familiar provenientes de estereótipos de indivíduos tatuados (46 citações); religião (15 citações), preocupações como trabalho (15 citações); medo de arrependimento (9 citações); tamanho da tatuagem (3 citações); e conservadorismo (4 citações).

Com relação a atratividade, 97,4% das mulheres tatuadas apontaram satisfação com sua aparência após terem feito tatuagem, embora 47% tenham se considerado fisicamente mais atraentes após terem feito tatuagem. Entre os homens tatuados, 92,8% apontaram satisfação com a aparência após terem se tatuado, mas apenas 61,4% se consideraram fisicamente mais atraentes. A amostra randômica identificou associação estatisticamente significativa entre as variáveis sexo e atratividade [ $\chi^2 = 8,9$ ;  $gl = 1$ ;  $p < .05$ ], com predominância masculina em maior auto percepção de atratividade. Inversamente, houve predominância feminina em não considerar-se fisicamente mais atraentes após realizar tatuagem (53% mulheres e 38,6% homens).

No quesito atratividade física de indivíduos com tatuagem, 59,5% dos participantes com tatuagem consideram mais fisicamente atraentes indivíduos tatuados, contra 38,3% dos indivíduos não tatuados. No grupo feminino, 60,1% das mulheres com tatuagens consideram mais fisicamente atraentes pessoas com tatuagens, e 36,2% de não tatuadas também. Inversamente, das mulheres que não consideram mais fisicamente atraentes indivíduos com tatuagens, 61,4% foram de não tatuadas, contra 38,6% de tatuadas.

Entre os participantes do sexo masculino com tatuagem, 56,6% consideram mais fisicamente atraentes indivíduos com tatuagens, e 40% dos participantes sem tatuagem partilham a mesma opinião. A análise da amostragem randômica identificou diferença estatisticamente significativa entre as variáveis sexo e atratividade, de acordo com o teste t de Student [ $t(318) = 53,58$ ;  $p = .000$ ], com média superior do sexo feminino em relação ao sexo masculino, bem como entre as variáveis tatuagem e atratividade [ $t(318) = 53,47$ ;  $p = .000$ ], com média superior de tatuados em relação aos não tatuados.

Dentre os principais motivos citados pelos participantes sobre a atratividade por indivíduos com tatuagem, a personalidade foi citada 40 vezes, seguida por sexy/atraente/sensual/bonito (30 vezes), estilo e/ou local (27 vezes), demonstração de coragem/força/atitude (25 vezes),

forma de identificação e identidade (15 vezes), curiosidade do significado (14 vezes) e gosto pessoal (8 vezes). Apenas 40 participantes relataram considerar indiferente a presença de tatuagem associada à atratividade. As Tabelas 8 e 9 apresentam a frequência referente às áreas do corpo masculino e feminino consideradas mais atraentes para colocar uma tatuagem, de acordo com o sexo e categoria dos participantes.

Tabela 8.

*Frequência de áreas do corpo consideradas mais atraentes no sexo masculino, por sexo e categoria.*

Partes do corpo	Sexo			
	Masculino		Feminino	
	Tatuados	Não tatuados	Tatuadas	Não tatuadas
Não achotraente	29	43	12	56
Rosto	01	01	01	00
Pescoço	09	06	14	16
Peito	19	11	60	29
Bíceps	30	20	127	101
Antebraço	35	24	139	94
				<i>continua</i>
Quadril	07	02	16	07
Costas	28	23	130	84
Abdômen	10	02	28	15
Coxa	10	04	28	11
Panturrilha	21	13	89	63
Glúteos	01	01	04	02

Todas as áreas	06	05	25	11
<b>Total</b>	196	155	673	489

De acordo com a Tabela 8, referente às áreas corporais mais atraentes no sexo masculino para ter uma tatuagem, as mulheres com tatuagem consideram as 5 áreas mais atraentes: antebraço, costas, bíceps, panturrilha e peito, enquanto as não tatuadas consideram, por ordem de frequência: bíceps, antebraço, costas, panturrilha e peito. Embora com frequência inferior às tatuadas e ordem diferenciada, não houve alteração entre as cinco áreas corporais masculinas consideradas mais atraentes.

Para o sexo masculino, os homens com tatuagem consideram atraentes as 5 áreas: antebraço, bíceps, costas, panturrilha e peito. Entre os não tatuados, as 5 áreas mais citadas foram: antebraço, costas, bíceps, panturrilha e peito. Verifica-se que não houve alteração de áreas corporais entre os sexos, mas apenas a frequência.

Tabela 9.

*Frequência de áreas do corpo consideradas mais atraentes no sexo feminino, por sexo e categoria.*

Partes do corpo	Sexo			
	Masculino		Feminino	
	Tatuados	Não tatuados	Tatuadas	Não tatuadas



Não acho atraente	09	21	25	58
Rosto	00	00	01	01
Pescoço	19	16	33	29
Peito	19	13	42	30
Bíceps	21	16	70	48
Antebraço	40	30	108	83
Quadril	28	27	59	26
Costas	40	46	129	93
Abdômen	19	10	27	22
Coxa	29	29	62	32
Panturrilha	30	21	72	49
Glúteos	09	13	08	06
Todas as áreas	20	04	33	12
<b>Total</b>	283	246	669	492

De acordo com a Tabela 9, referente às áreas corporais mais atraentes no sexo feminino para ter uma tatuagem, as mulheres com e sem tatuagem apontam como 5 áreas mais atraentes: costas, antebraço, panturrilha, bíceps e coxa. Para o sexo masculino, os homens com tatuagem consideram atraentes as 5 áreas corporais femininas: costas, antebraço, panturrilha, coxa e quadril. Entre os não tatuados, as 5 áreas mais citadas foram: costas, antebraço, coxa, quadril e panturrilha. Entre os homens, houve alteração de frequência, mas não das áreas mais importantes. Entre os sexos, verifica-se diferença entre os itens bíceps para as mulheres, e quadril para os homens.

### 6.2.3. Motivações para tatuagem

Para o sexo masculino, a tatuagem como forma de expressão foi considerada o principal motivo de realização de uma tatuagem, com 77,5% de respostas. Na sequência, a tatuagem enquanto expressão de identidade ocupou o 2º lugar (58,75%), seguido de: lembrança de um evento vivido ou história de vida (57,5%), manifestação de arte (52,5%), lembrança de alguém significativo (38,75%), estética (37,5%), atratividade física (22,5%), demonstração de força (16,25%), ferramenta de proteção (12,5%), impulsividade (11,25%), moda (10%), só queria ter uma (8,75%), expressão de masculinidade, transgressão, pertencimento grupal e motivado por um evento traumático (todas com 7,5% cada), dor e alterar uma marca corporal (ambas com 5% cada), e insatisfação com a aparência (3,75%).

Para o sexo feminino, a tatuagem como forma de expressão também foi o principal motivo, com 64,1% de respostas. A lembrança de alguém significativo ocupou o 2º lugar, com 53,4%, seguido de: lembrança de um evento vivido ou história de vida (51,1%), expressão de identidade (48,4%), manifestação de arte (35,4%), estética (22,4%), atratividade física (16,6%), demonstração de força (15,7%), manifestação de feminilidade (15,2%), impulsividade (8,9%), motivado por um evento traumático e só queria ter uma (7,6%), alterar uma marca (4%), insatisfação com a aparência (3,1%), pertencimento grupal e dor (ambos com 2,2% cada), rebeldia (1,7%) e moda (1,3%).

Acerca das motivações para não se ter uma tatuagem, os homens não tatuados indicaram o medo da dor e o custo financeiro como os principais motivos, ambos com 28,8%, seguido de: empregabilidade (21,1%), não achar atraente e não achar que ficaria bem em si mesmo (20% cada), falta de aprovação familiar (14,4%), avaliação negativa das pessoas (12,2%), medo da dor (11,1%), motivações religiosas (5,5%) e medo de riscos à saúde (4,4%). No caso das mulheres não tatuadas, o medo da dor foi o principal motivo, com 44,5% de escolha desta opção, seguida da preocupação com o aspecto da tatuagem na fase da velhice (39,9%), alto custo financeiro (29,8%), achar que não ficaria bonito em si (20,2%), não considerar atraente (17,4%), e preocupações com aspectos ligados à normas sociais, como a falta de aprovação familiar (15,6%), repercussão negativa no ambiente de trabalho e risco à saúde (ambos com 14,2% cada), avaliação negativa das pessoas (7,3%) e aspectos religiosos (7,7%).

#### 6.2.4. Comportamento de risco

Acerca das experiências sexuais, a média de idade de início de atividade sexual dos participantes homens com tatuagem foi de 16,4 ( $DP = 2,46$ ), enquanto que de não tatuados foi de 16,7 ( $DP = 2,42$ ), com diferença estatisticamente significativa, de acordo com o teste t de Student [ $t(80) = 61,96; p = .05$ ]. O mesmo ocorreu com o sexo feminino, com média indicando início de atividade sexual mais cedo entre mulheres tatuadas – 16,8 ( $DP = 2,75$ ), quando comparadas com mulheres não tatuadas – 17,6 ( $DP = 2,62$ ), com diferença estatisticamente significativa [ $t(218) = 95,5; p = .000$ ].

Foi realizada uma comparação de médias entre as variáveis “início de atividade sexual” e “idade de realização da primeira tatuagem”, visando verificar se indivíduos que se tatuaram antes dos 18 anos tiveram um início de atividade sexual também mais cedo (antes dos 18 é necessária autorização de responsáveis para realizar tatuagem). Para os participantes do sexo masculino que se tatuaram antes dos 18 anos, a média de idade da 1ª tatuagem foi de 15,3 anos ( $DP = 1,68$ ) e média de início de atividade sexual de 16,3 anos ( $DP = 1,68$ ). Aos que se tatuaram após os 18 anos, a média de idade da 1ª tatuagem foi de 21,6 ( $DP = 3,94$ ), e início de atividade sexual de 16,5 ( $DP = 2,44$ ). Foi identificada diferença estatisticamente significativa entre os grupos, de acordo com o teste t de Student [ $t(80) = 27,2; p = .000$ ], apontando que os participantes que se tatuaram antes dos 18 anos tiveram um início de atividade sexual também mais cedo.

Para o sexo feminino que realizaram sua primeira tatuagem antes dos 18 anos, a média de idade de realização foi de 15,7 anos ( $DP = 1,1$ ) e média de início de atividade sexual de 15,7 anos ( $DP = 2,1$ ). Entre as que se tatuaram após os 18 anos, a média de idade foi de 24,1 ( $DP = 7,4$ ), e média de início de atividade sexual de 17,1 ( $DP = 2,8$ ). Foi identificada diferença estatisticamente significativa entre os grupos, de acordo com o teste t de Student [ $t(214) = 53,7; p = .000$ ], apontando que as participantes que se tatuaram antes dos 18 anos tiveram um início de atividade sexual também mais cedo.

Sobre a quantidade de parceiros sexuais ao longo do último ano, verificou-se que a maior proporção de não-tatuados (41%) e tatuados (37,8%) apontou ter tido 2 ou menos. O grupo de tatuados teve percentual superior (7,1%) aos não tatuados (6%) na afirmação entre 3 a 5 parceiros(as), e superior à 11 (2,6% para tatuados e 0,8% para não tatuados). Houve igual proporção entre os dois grupos (2,2% cada) na

afirmação entre 6 a 10 experiências sexuais ao longo do ano. A análise da amostra randomizada não identificou associação estatisticamente significativa entre as variáveis tatuagem e número de parceiros.

Foi identificada associação estatisticamente significativa entre as variáveis sexo e número de parceiros [ $\chi^2 = 27,2$ ;  $gl = 3$ ;  $p = .000$ ], com predominância do sexo feminino (57,8%) em comparação com o sexo masculino (42,2%) na afirmação de terem tido 2 ou menos parceiros ao longo do ano. O sexo masculino teve predominância nas demais afirmativas: entre 3 a 5 experiências sexuais (67,4% homens e 32,6% mulheres); 6 a 10 (83,3% homens e 16,7% mulheres), e acima de 11 (86,6% homens e 13,4% mulheres).

Na análise do grupo do sexo masculino, 33,9% dos não tatuados e 29,8% dos tatuados afirmaram ter tido 2 ou menos parceiros sexuais ao longo do último ano. O grupo de não tatuados também teve leve superioridade entre terem tido de 3 a 5 parceiros sexuais (10,5%), quando comparados com o grupo de tatuados (7%), e empate de 5,2% para ambos os grupos, com 6 a 10 parceiros sexuais. O grupo de tatuados teve superioridade na afirmação de terem mais de 11 parceiros sexuais, com 6,4%, em comparação com o grupo de não tatuados, com 1,7%. Não foi identificada associação estatisticamente significativa.

Para o sexo feminino, observou-se que a maior proporção das não tatuadas (43,5%) e das tatuadas (41%) afirmaram terem tido 2 ou menos parceiros sexuais durante o último ano. Enquanto 7,2% das tatuadas e 4,3% das não tatuadas afirmou ter tido entre 3 e 5 parceiros sexuais neste mesmo período e igual proporção (1,1%) dos dois grupos afirmou ter tido entre 6 e 10 parceiros sexuais. [ $\chi^2 = 7,5$ ;  $gl = 2$ ;  $p = .05$ ].

A análise da amostra randomizada identificou associação estatisticamente significativa entre as variáveis sexo e experiência sexual [ $\chi^2 = 17,2$ ;  $gl = 2$ ;  $p = .000$ ], com percentual superior do sexo feminino (58,4%) em comparação com o sexo masculino (41,6%) entre os que afirmaram nunca fazer sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas, e maior proporção do sexo masculino (58%) entre os que afirmaram ocasionalmente fazer sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas, em comparação com o sexo feminino (42%), bem como entre os que afirmaram sempre fazer sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas – 87,5% homens e 12,5% mulheres.

Também foi identificada associação estatisticamente significativa entre as variáveis experiência sexual e tatuagem [ $\chi^2 = 7,5$ ;  $gl = 2$ ;  $p = .05$ ]. O grupo de não-tatuados teve maior prevalência na afirmação de nunca fazer sexo com pessoas desconhecidas ou recém

conhecidas (56,2%) em comparação com o grupo de tatuados (43,8%). Inversamente, o grupo de tatuados teve maior frequência entre os que afirmaram ocasionalmente fazer sexo com desconhecidos ou recém conhecidos (58,8%) em comparação com não tatuados (41,2%), bem como entre os que responderam sempre fazer sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas (62,5% de tatuados e 37,5% de não tatuados).

De acordo com as análises intrasexo e intragrupo, para o sexo feminino, verificou-se associação significativa entre as variáveis tatuagem e experiências sexuais [ $\chi^2 = 9,8$ ;  $gl = 2$ ;  $p < .05$ ], havendo leve predomínio de não tatuadas (36,5%) em comparação às participantes tatuadas (31,3%) afirmando nunca fazer sexo com desconhecidos ou recém conhecidos, bem como na afirmação de sempre fazerem sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas (1,6% de não tatuadas e 1% de tatuadas), embora sejam valores mínimos comparados à amostra total. Inversamente, houve maior proporção de tatuadas (18,4%) em comparação à não-tatuadas (11,3%) em afirmar que ocasionalmente fazem sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas.

Para o sexo masculino, os participantes tatuados e não tatuados afirmaram em igual percentual ocasionalmente fazer sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas (22,2%). Houve maior proporção de não tatuados (27,5%) em comparação aos tatuados (20,4%) na afirmação de nunca fazer sexo com desconhecidos ou recém conhecidos. Inversamente, houve diferença entre os participantes na afirmação de sempre fazerem sexo com pessoas desconhecidas ou recém conhecidas, com predomínio dos tatuados (5,8%) em comparação aos não tatuados (2,3%), embora sejam valores mínimos de participantes. Não foi identificada associação significativa entre as variáveis sexo e tatuagem [ $\chi^2 = 4,1$ ;  $gl = 2$ ;  $p = NS$ ].

Com relação ao uso de preservativo, não houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis tatuagem e uso de preservativo, na comparação intersexo e intergrupo. Para o sexo masculino, os percentuais foram muito aproximados nas afirmações sobre ocasionalmente fazerem sexo sem preservativo, com 21% de tatuados e 19,9% de não tatuados, bem como de sempre fazer sexo sem preservativo, com 11,7% de não tatuados e 11,1% de tatuados. Inversamente, 19,9% de não tatuados afirmou nunca fazer sexo sem preservativo, contra 16,4% de tatuados. Não houve associação significativa.

Relacionando as variáveis preservativo e estado civil entre os participantes do sexo masculino, foi identificada associação estatisticamente significativa [ $\chi^2 = 23$ ; gl = 6;  $p = .001$ ], com predominância de solteiros na afirmação de ocasionalmente fazer sexo sem preservativo (41,4%) em comparação com casados ou num relacionamento estável (30%), namorando (22,8%) ou divorciados (5,7%). Em contraposição, também houve predominância de solteiros na afirmação de nunca fazer sexo sem preservativo (48,4%), seguido por casados/relacionamento estável (33,9%), e namorando (17,7%). Entre os que afirmaram sempre fazer sexo sem camisinha, os casados foram maioria (64,1%), seguido por participantes namorando (23,1%) e solteiros 12,8%). Não houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis tatuagem, uso de preservativo e estado civil.

Em maior proporção, as mulheres tatuadas afirmaram que ocasionalmente fazem sexo sem o uso de preservativo (19,7%) contra 16,6% das não tatuadas. Por outro lado, as mulheres sem tatuagem afirmaram em maior proporção que sempre fazem sexo sem preservativo (14%) contra 12,7% das tatuadas. Proporção semelhante dos dois grupos (18,8% das não tatuadas e 18,2% das não tatuadas) afirmou que nunca fazem sexo sem preservativo. Não houve associação significativa entre as variáveis tatuagem e uso de preservativo.

Foi identificada associação significativa entre as variáveis uso de preservativo e estado civil entre os participantes do sexo feminino [ $\chi^2 = 55,8$ ; gl = 2;  $p = .000$ ], com predominância de solteiras na afirmação de nunca fazer sexo sem preservativo (42,7%) em comparação com casadas ou num relacionamento estável (28,6%), namorando (20,7%) ou divorciadas (7,9%). O grupo de casadas ou em um relacionamento estável teve predomínio entre as que afirmaram sempre fazer sexo sem preservativo (64,1%), seguido de namorando (17,1%), solteiras (13,7%) e divorciadas (5,1%). As participantes casadas e namorando tiveram igual proporção de respostas na afirmativa sobre ocasionalmente fazer sexo sem preservativo, com 31,2% cada, seguida por uma leve diferença do grupo de solteiras (30%), e entre as divorciadas (6,2%). Não houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis tatuagem, preservativo e estado civil.

Sobre o consumo de álcool, 77,3% do total de participantes afirmou beber ocasionalmente. Por meio da amostra randomizada, foi identificada associação significativa entre as variáveis consumo de álcool e sexo [ $\chi^2 = 10,3$ ; gl = 4;  $p < .05$ ], e não significativa entre as variáveis uso de álcool e tatuagem [ $\chi^2 = 7,9$ ; gl = 5;  $p = NS$ ]. A associação significativa indicou que, dentre os que afirmaram não fazer

uso de álcool ou beber ocasionalmente, o sexo feminino teve maior proporção, respectivamente 52,3% e 56,4%, em comparação com o sexo masculino, com 47,7% e 43,6%, respectivamente. Inversamente, o sexo masculino teve percentual maior entre os que afirmaram beber socialmente toda semana (60% dos casos) e ocasionalmente beber até ficar embriagado (53,8%).

De acordo com as análises intrasexo e intragrupo, observou-se que dentre as mulheres que declararam não fazer uso de álcool, 66,7% não tem tatuagem, enquanto dentre as que afirmaram beber socialmente toda semana, 53,7% possuem tatuagem. As proporções foram semelhantes em beber ocasionalmente (50,6% tatuadas e 49,4% não tatuadas). Houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis [ $\chi^2 = 14,09$ ;  $gl = 4$ ;  $p < .05$ ].

Para o sexo masculino, verificou-se que dentre os homens que afirmaram não fazer uso de álcool, 60% não possuem tatuagem, também tendo um predomínio nas afirmações sobre beber socialmente toda semana (53,7%). Do total de participantes, apenas 10 tatuados e 5 não tatuados afirmaram ocasionalmente beber até ficar embriagado, e 5 tatuados afirmaram beber até ficar embriagado de modo recorrente. Não houve associação significativa para o sexo masculino.

No que concerne o uso de tabaco, do total de participantes, 67,6% das afirmaram nunca terem utilizado, 25,4% usam ocasionalmente e 7% usam todos os dias. Através da amostra randomizada, foi identificada associação estatisticamente significativa entre as variáveis uso de tabaco e possuir tatuagem [ $\chi^2 = 13$ ;  $gl = 2$ ;  $p = .001$ ], uma vez que, dentre os participantes que afirmaram nunca terem usado, as proporções se dividiram entre 55,3% para os não tatuados e 44,7% para tatuados, enquanto que dentre as participantes que afirmaram fumar ocasionalmente, 54,9% possuem tatuagem e 45,1% não possuem. Dentre o grupo que afirmou fazer uso constante 82,6% tem tatuagem e 17,4% não tem. Também foi identificada associação significativa entre sexo [ $\chi^2 = 6,7$ ;  $gl = 2$ ;  $p < .05$ ], considerando que, dos que afirmaram nunca terem usado, 53,9% são mulheres e 46,1% são homens, enquanto os homens tiveram percentual superior entre os que afirmaram ocasionalmente fumar (52,7%) em comparação com as mulheres (47,3%) bem como entre os que afirmaram fumar todos os dias (79,9% para homens contra 20,1% para mulheres).

As análises intrasexo e intragrupo apontam que, dos participantes do sexo masculino que afirmaram nunca ter utilizado, a maior proporção foi dos sem tatuagem (58,6%) em relação aos tatuados

(41,4%), enquanto 70% dos que afirmaram fumar todos os dias são tatuados. Os que afirmaram fumar ocasionalmente contemplaram 28,6% do total de homens, com percentual similar entre tatuados (53%) e não tatuados (47%). Não houve associação estatisticamente significativa.

Para o sexo feminino, 67,6% afirmaram nunca terem usado, sendo 55,6% não tatuadas contra 44,4% de tatuadas. Inversamente, das 24,2% que afirmaram fumar ocasionalmente, 60,7% são tatuadas, e apenas 20 tatuadas e 3 não tatuadas afirmaram fumar todos os dias. Não houve associação estatisticamente significativa para o sexo feminino.

Sobre uso de maconha ou haxixe, dentre o total das participantes, 76,9% afirmaram não usar, 18,4% afirmou fazer uso ocasional e 4,7% afirmou fazer uso constante. Por meio da amostra randomizada, foi verificada associação estatisticamente significativa entre as variáveis uso de maconha e ter tatuagem [ $\chi^2 = 9,30$ ;  $gl = 2$ ;  $p < .05$ ], uma vez que, dentre os participantes que afirmaram não usar maconha, as proporções se dividiram entre 54,5% para os não tatuados e 45,5% para tatuados, enquanto que dentre os participantes que afirmaram fazer uso ocasional, 58,4% tem tatuagem e 41,6% não possuem. Dentre o grupo que afirmou fazer uso constante 80% tem tatuagem e 20% não tem. Não foi verificada associação significativa entre sexo e uso de maconha [ $\chi^2 = 10,9$ ;  $gl = 2$ ;  $p = NS$ ].

De acordo com a análise do grupo do sexo masculino, houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis uso de maconha e ter tatuagem [ $\chi^2 = 6,8$ ;  $gl = 2$ ;  $p < .05$ ], com predominância de tatuados nos grupos de ocasionalmente fazer uso (57,9%) em comparação aos não tatuados (42,1%), e em fazer uso constante (73,3% tatuados e 26,7% não tatuados). O grupo de não tatuados predominou na afirmação de nunca fazer uso, com 57,6% em comparação com tatuados, com 42,4%.

Houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis uso de maconha e ter tatuagem também nas análises intergrupo do sexo feminino [ $\chi^2 = 12,4$ ;  $gl = 2$ ;  $p = .001$ ]. Assim como ocorreu com o sexo masculino, houve predominância do grupo de tatuadas em relação ao grupo de não tatuadas nos grupos que ocasionalmente fazem uso (56,9% tatuadas e 43,1% não tatuadas), e entre aqueles que fazem uso constante (56,9% tatuadas e 43,1% não tatuadas) (92,8% tatuadas e 7,2% não tatuadas). O grupo de não tatuadas predominou na afirmação de nunca fazer uso, com 52,4% em comparação com tatuados, com 47,6%.

Questionados sobre uso de outras drogas ilícitas, a análise da amostra randomizada identificou associação estatisticamente



significativa entre as variáveis ter tatuagem e uso de drogas ilícitas [ $\chi^2 = 5,87$ ;  $gl = 2$ ;  $p = .05$ ]. Embora 88,4% dos participantes tenham afirmado não fazer uso e apenas 11% relatou usar ocasionalmente, os que afirmaram não fazer uso tiveram pequena predominância do grupo de não tatuados (51,9%) em relação ao grupo de tatuados (48,1%). Em contrapartida, dos que responderam fazer uso esporádico, 65,7% são tatuados, contra 34,3% de não tatuados.

Entre os participantes do sexo masculino, houve predomínio de não tatuados (54,8%) em relação aos tatuados (45,2%) nos casos de não usar, e de tatuados (63,6%) em relação aos não tatuados (36,4%) em uso esporádico. Contudo, não houve associação estatisticamente significativa. Da mesma forma, para as participantes do sexo feminino, predominou o grupo de não tatuadas (51,3%) em relação às tatuadas (48,7%) nos casos de não usar, e de tatuadas (71,4%) em relação à não tatuadas (28,6%) em uso esporádico.

Sobre saúde mental, 19,9% do total da amostra afirmou ter algum diagnóstico psiquiátrico. Contudo, não foi identificada associação estatisticamente significativa nas análises intergrupo e intersexo. A Tabela 10 apresenta os dados referentes à esta variável.

Tabela 10.

*Diagnóstico psiquiátrico e frequência, de acordo com sexo e grupo dos participantes.*

Diagnóstico	Masculino	Feminino	Total
-------------	-----------	----------	-------

	<i>Tatuados</i>	<i>Não tatuados</i>	<i>Tatuadas</i>	<i>Não tatuadas</i>	
Transtorno Depressivo	04	14	34	10	62
Transtorno de Ansiedade	02	04	10	05	21
Transtorno do Pânico	02	01	04	07	14
Transtorno Bipolar	01	00	04	00	05
Distúrbio do sono	00	01	04	00	05
TOC	01	02	01	01	05
Transtornos de Personalidade	02	00	01	00	03
Distímia	00	01	01	01	03
TDAH	00	00	02	00	02
TEPT	00	00	02	00	02
<b>Total</b>	12	23	63	24	122

Relacionando a variável “diagnóstico psiquiátrico” com “ter tatuagem”, observou-se que dentre os participantes do sexo feminino que afirmaram ter um diagnóstico psiquiátrico, 70,7% tem tatuagem e 29,3% não tem, enquanto que dentre as que declararam não ter diagnóstico, 52,9% não possui tatuagem. Houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis [ $\chi^2 = 12,44$ ; gl = 1;  $p = .000$ ]. Para o sexo masculino, verificou-se uma inversão, havendo predomínio de não tatuados com diagnóstico psiquiátrico (65,4%) em comparação com tatuados (34,6%), embora o percentual seja semelhante entre os grupos, ao alegar não possuir diagnóstico psiquiátrico (51%

tatuados e 49% não tatuados). Não houve associação significativa entre as variáveis.

Sobre já ter pensado em suicídio, 34,3% do total de participantes afirmaram já terem pensado. Destes, 53,1% não possuem tatuagem e 46,9% possuem, havendo associação estatisticamente significativa a partir da amostra randômica [ $\chi^2 = 4,83$ ; gl =1;  $p < .05$ ]. Com relação aos sexos, dos participantes que afirmaram terem tido ideação suicida, 70,5% são mulheres e 29,5% são homens, não havendo associação estatisticamente significativa.

A maioria dos participantes do sexo masculino afirmou nunca ter pensado em suicídio (65,3%), com associação estatisticamente significativa [ $\chi^2 = 6,04$ ; gl =1;  $p < .05$ ]. No caso das mulheres, não houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis tatuagem e ideação suicida [ $\chi^2 = 0,016$ ; gl =1; NS], visto que 17,7% das participantes sem tatuagem e 17,3% das tatuadas afirmaram já ter pensado em suicídio.

### 6.3. DISCUSSÃO

Este estudo procurou identificar as práticas sociais, motivações e comportamentos de risco em uma amostra de homens e mulheres tatuados e não tatuados. A partir dos resultados obtidos, buscou-se comparar com dados presentes na literatura estrangeira sobre o tema.

Com relação à religiosidade, sabe-se que esta possui forte influência nas crenças e práticas, uma vez que seus participantes identificam-se com as normas e valores de seus respectivos grupos religiosos (Koch, Roberts, Armstrong, & Owen (2004). Pesquisas já foram realizadas anteriormente, associando a prática de tatuagem com a religiosidade (Kluge, 2012; Koch & Roberts, 2012; Koch *et al.*, 2004; Rivardo & Keelan, 2010). Pesquisa realizada por Koch *et al.* (2004) correlacionando crenças e práticas religiosas com a prática da tatuagem encontrou correlação fraca e negativa entre religião e tatuagem, indicando que a crença e prática religiosa não estariam associados substancialmente com atitudes e comportamentos em relação às tatuagens, sugerindo maior aceitação cultural da tatuagem. O mesmo resultado ocorreu no estudo de Rivardo e Keelan (2010), não encontrando correlações significativas entre modificações do corpo e variáveis religiosas.

Contudo, o contexto religioso brasileiro, principalmente voltado à crescente onda de igrejas pentecostais e neopentecostais, em que as práticas de modificação corporal são vistas como pecaminosas e proibidas, devido a associação ao paganismo (Costa, 2002), podem ter um impacto diferente do que em outros países, sugerindo-se estudos mais aprofundados nesse contexto.

Hipotetiza-se que indivíduos ateus, agnósticos ou que não possuam uma religião específica tenham maior probabilidade de se tatuar, pois tais regras morais não fazem parte do seu contexto, o que pode ser verificado na amostra feminina, e no caso de não afiliação a uma religião específica na amostra masculina, indo ao encontro de estudos anteriores, que associam a prática da tatuagem a não afiliação a uma religião (Laumann & Derick, 2006; Stirn, Hinz, & Brähler, 2006). Houveram participantes do estudo que se declararam espíritas e aderem a tatuagem; isso pode ocorrer em função de que esta religião não condena a tatuagem, gerando maior aderência de membros tatuados ou que venham a tatuar-se.

No campo das práticas sociais, verificou-se que a maioria das participantes realizou sua(s) tatuagem(ns) em estúdios. Além dos cuidados em saúde disponíveis nos estúdios, o avanço nas técnicas também tem contribuído para sua popularização, com o desenvolvimento de pigmentos, equipamentos mais sofisticados e novos procedimentos de assepsia. A profissionalização de tatuadores também foi importante, melhorando sua aceitação (Greif *et al.*, 1999; Swami & Furnham, 2007).

Acerca do tamanho das tatuagens, foi constatado que a maioria dos locais tatuados nos participantes de ambos os sexos é semi-visível, podendo ser escondido caso haja necessidade. Estudo realizado por Adams (2009) com amostra de tatuados e não tatuados apontou que a presença de tatuagens altamente visíveis estava fortemente associada a comportamentos desviantes. Um dos principais motivos para este tipo de comportamento costuma ser a preocupação com o ambiente de trabalho. Estudos anteriores com amostra de tatuados em ambiente laboral identificaram que estes tendem a receber associações mais negativas, sendo considerados menos profissionais ou menos preparados para cumprir sua função (Bekhor, Bekhor, & Gandrabur, 1995; Stuppy, Armstrong, & Casals-Ariet, 1998).

Com relação às escolhas tanto em relação ao local do corpo quanto o desenho tendem a ser orientadas por padrões sexuais. Padrões similares foram encontrados em estudos anteriores (Perez, 2006; Sabino & Luz, 2006), diferenciando locais do corpo tatuados de acordo com o

gênero. Entre as mulheres, as áreas mais selecionadas são: parte baixa das costas, pescoço (nuca), panturrilha, quadril (lombar) e barriga, e em proporções menores: braços, seios e pernas (coxa, tornozelo, pés e calcanhares). Entre os homens, as tatuagens situam-se principalmente nos bíceps (parte interior e exterior), costas, pernas (canela e panturrilha), antebraço, peito e pescoço.

Tais diferenças se explicariam com base em valores, representações e práticas sociais associadas a gênero, no caso feminino em áreas corporais associadas à erotização e atração sexual, e no caso masculino em áreas associadas à sensualidade masculina, associada à força e virilidade. Ainda que resultados de estudos anteriores mantenham-se na questão masculina, bem como nas áreas do corpo feminino que os homens consideram atraentes, as mulheres apresentaram locais outrora designados aos homens, como bíceps e antebraço. Embora tais alterações possam ter ocorrido mediante mudanças na moda ao longo do tempo, o fortalecimento feminino pode ter tido influência, enquanto forma de demonstração de força, por exemplo.

Acerca da atratividade, verifica-se na amostra feminina que, embora haja um alto índice de satisfação com a realização da tatuagem, o percentual entre as mulheres tatuadas que se consideraram mais atraentes por possuir tatuagem é virtualmente semelhante aquelas que não se consideram mais atraentes. Entre os homens esta diferença se reduz, sendo estatisticamente significativo entre os sexos.

Três hipóteses podem ser levantadas devido essa diferença: a) considerar-se mais atraente por possuir tatuagem seria um aspecto contra-normativo, ou seja, embora possa haver uma atitude mais positiva sobre si esteticamente, esta afirmação não pode ser verbalizada, podendo diminuindo o valor social da tatuagem; b) o motivo na prática da tatuagem não foi originalmente estético, levando a não se reconhecer como mais atraente; c) considerar-se mais atraente pode ter tido um apelo mais interpessoal do que intrapessoal, levando as participantes à interpretarem a questão da atratividade enquanto estar atraente para os outros.

Estudos apoiam a ideia de que muitos indivíduos tatuam-se para tornarem-se mais atraentes, principalmente entre sexo masculino, o que pôde levar a essa diferenciação (Drews *et al.*, 2000; Kosiel & Sitek, 2013; Seiter & Hatch, 2005; Wohlrab *et al.*, 2009a; Wohlrab, Fink, Kappeler, & Brewer, 2009b). A diferença de percepção de atratividade entre os sexos também foi verificada em estudos anteriores, tal como o

de Musambira, Raymond e Hastings (2016) sobre a percepção de mulheres tatuagem e sem tatuagem, onde mulheres mais velhas com tatuagem eram vistas de forma negativa em termos de atratividade e credibilidade. Em pesquisa proposta por Wohlrabet *al.* (2009a), personagens masculinos tatuados eram percebidos como mais dominantes, enquanto as personagens femininas tatuadas eram consideradas menos saudáveis em comparação com as não tatuadas. Estes dados sugerem uma possível influência dos estereótipos de gênero tradicionais, onde as mulheres são vistas como mais frágeis e menos capazes de suportar os riscos associados à tatuagem.

Sobre o preconceito, verificou-se uma proporção considerável de participantes que sofreram preconceito ou discriminação, em ambientes diversos. Embora a associação da tatuagem enquanto manifestação estética e artística tenha reposicionando sua orientação, afastando-a de antigas associações negativas e aumentando sua popularidade e aceitação social (Burgess & Clark, 2010; Forbes, 2001; Tate & Shelton, 2008), ainda remetem a antigos estereótipos, principalmente de grupos de gerações anteriores, considerando que tais características tendem a associar a tatuagem à indivíduos de comportamento desviante e de classe econômica desfavorável (Adams, 2009).

Com relação ao preconceito associado ao sexo dos participantes, estudos apontam a existência de práticas discriminatórias frente mulheres tatuadas (Degelman & Price, 2002; Hawkes *et al.*, 2004; Seiter & Hatch, 2005; Swami & Furnham, 2007). Entre os homens, o preconceito tende a vir com a associação à grupos socialmente discriminados, como prisioneiros, membros de gangues, hippies, punks e demais agremiações consideradas à margem da sociedade, tornando a tatuagem um ato de transgressão, e conseqüentemente, um comportamento desviante (Atkinson, 2003).

No tocante à família, o percentual de indivíduos que não modificaram de opinião acerca da tatuagem, mesmo em contato com um parente ou conhecido demonstra a força de resistência de crenças e valores nucleares. O percentual maior de não alteração de opinião diante de mulheres tatuadas também poderia ser explicado de um duplo estigma social, isto é: por transgredirem não apenas às normas sociais, mas às de gênero, de aparência frágil, sem defeito e submissa (Atkinson, 2002; Doherty, 1998).

Os resultados desta questão também respondem a um dos problemas levantados em pesquisa de Gouveia *et al.* (2010) sobre em que medida usar tatuagem ou ter alguém efetivamente próximo

influenciaria as atitudes das pessoas a respeito da tatuagem. Ressalta-se que estudos anteriores indicam que possuir amigos e familiares tatuados diminui o estigma e aumenta a aceitação (Dickson, Dukes, Smith, & Strapko, 2014; Roberts, Koch, Armstrong, & Owen, 2006), sendo os amigos um grupo de referência com o dobro de influência do grupo familiar (Roberts *et al.*, 2006).

No tocante às motivações para realizar tatuagem, as cinco com maior percentual foram iguais entre os sexos, alterando apenas a frequência citada. Tais motivações foram: forma de expressão, de identidade/singularidade e memórias - de alguém significativo, evento vivido e/ou história de vida - também foram verificados em grande número de estudos, com amostras de países diversos (Atik & Yildirim, 2014; Aubin, 2000; Atkinson, 2002; Byard & Charlwood, 2014; Chakraborty, 2013; Cifuentes, 2011; Czupy, Pongó, Mihálffy, D., & Susánszky, 2016; Karacaoglan, 2012; Owen, Armstrong, Koch, & Roberts, 2013; Ruvio, 2008; Stirn, 2004; Tiggemann & Hopkins, 2011; Tiggemann & Golder, 2006; Wohlrab, Stahl, & Kappeler, 2007). O mesmo se verifica nas motivações relacionadas à atratividade, obra de arte, e moda (Antoszewski *et al.*, 2010; Carmen *et al.*, 2012; Cegolon *et al.*, 2010; Clerici & Meggiolaro, 2011; Greif, Hewitt, & Armstrong, 1999; Kierstein & Kjelskau, 2015; Koziel & Sitek, 2013; Koziel, Kretschmer, & Pawlowski, 2010; Kosut, 2014; Macedo *et al.*, 2014; Rodriguez & Carreteiro, 2014; Pajor, Broniarczyk-Dyła, & Świtalska, 2015; Pinho & Rosa, 2014).

A realização de tatuagem motivada por impulsividade também foi verificada em nossa amostra, mas com percentual baixo. Embora também presente na literatura (Roberti, Storch, & Bravata, 2004; Stirn, Hinz, & Brähler, 2006; Stirn, Brähler, & Hinz, 2006), concordamos com a proposição de Forbes (2001), de que a prática da tatuagem tende a ser cuidadosamente planejada, especialmente em adultos.

Por sua vez, as motivações daqueles que não possuem tatuagem também são pertinentes com a literatura. O medo da dor - e a dor em si - são temas presentes no universo da tatuagem (Ferreira, 2010). Ademais, estudos voltados à percepção social de indivíduos tatuados relatam que as percepções de indivíduos com tatuagens tendem a ser mais negativas (Durkin & Houghton, 2000; Forbes, 2001; Degelman & Price, 2002; Lin, 2002; Seiter & Hatch, 2005). O fato de possuir uma tatuagem traria uma aparência menos conservadora e com menor credibilidade (Seiter & Sandry, 2003). O estudo de Atkinson (2002) constatou que tatuagem

visível em mulheres influenciou na formação de impressão na seleção profissional das mesmas.

Vale ressaltar que, da amostra total de participantes, 79,5% possuem atitude favorável frente à tatuagem: 42,7% tem e pretendem fazer mais, 17,3% não tem mais pretendem fazer, 13,8% não tem, mas gostaria de ter, e 5,7% tem não pretendem realizar mais. Tais informações são pertinentes, à medida que as motivações mais citadas para não realizar tatuagem não estão relacionadas a motivos preconceituosos ante tal prática, demonstrando a alteração de valores. Estudos recentes têm demonstrado uma alteração neste estereótipo. Indivíduos com tatuagens contemporâneas foram julgados da mesma forma que não tatuados com relação à adequação profissional, por exemplo, sugerindo modificação no estereótipo para as novas gerações (Burgess & Clark, 2010; Tate & Shelton, 2008).

Com relação aos quesitos acerca do comportamento de risco, mais precisamente ao início de atividade sexual dos participantes, verificou-se associações estatisticamente significativas da referida variável com os participantes tatuados, em comparação com não tatuados. Este resultado também foi encontrado em estudo de Gueguen (2012b), que identificou início precoce de atividade sexual entre indivíduos tatuados de ambos os sexos, em comparação com o grupo de não tatuados. Em contrapartida, o estudo de Koch, Roberts, Armstrong e Owen (2005) não encontrou diferenças significativas entre universitárias tatuadas e não tatuadas sobre a idade de início da atividade sexual. Com relação à idade de iniciação sexual, estudo realizado em amostra brasileira já havia apontado entre 15 a 19 anos (Paiva, Calazans, Venturi, & Dias, 2008).

Na variável número de parceiros, houve associação estatisticamente significativa associada ao sexo masculino, com número superior a 3 ao longo do último ano, mas o mesmo não ocorreu com a variável associada à tatuagem. O mesmo ocorreu com a variável experiência sexual, com maior associação do sexo masculino afirmando ocasionalmente ou sempre fazer sexo com desconhecidos e recém conhecidos, bem como com o grupo de tatuados. Pesquisas anteriores observaram associação de indivíduos tatuados à maior propensão a comportamentos sexuais de risco, como maior número de parceiros sexuais e sexo desprotegido, por exemplo. (Heywood *et al.*, 2012; King & Vidourek, 2013; Koch *et al.*, 2010; Swami & Furnham, 2007; Wohlrab *et al.*, 2009b; Yen *et al.*, 2012). Embora os dados apontem associação estatisticamente significativa entre tatuados e práticas sexuais com desconhecidos ou recém conhecidos, é necessária cautela



em atribuir relação direta, devido ao tamanho da amostra e valores próximos ao grupo de não tatuados. Uma hipótese para esta prática seria pelo fator de personalidade de abertura a novas experiências, busca de sensações e aventuras, característica demarcada em estudos com a população de tatuados (Carroll *et al.*, 2002; Drews *et al.*, 2000; Stirn *et al.*, 2006; Swami, 2012; Swami *et al.*, 2012; Tate & Shelton, 2008; Tiggeman & Golder, 2006; Wohlrab *et al.*, 2009a; Wohlrab, Fink, Kappeler, & Brewer, 2009b).

A relação das variáveis “uso de preservativo”, “tatuagem” e “estado civil” permitiu verificar a falta de associações entre tatuagem e sexo desprotegido, havendo sim associação apenas com relação ao estado civil. Pesquisas sobre comportamento sexual de risco tem apontado o uso de preservativo como fator associado, apresentando-a como variável importante a ser considerada, havendo diferenças nos padrões de uso ou não uso de acordo com o vínculo com parceiro(a) (Cruzeiro, Souza, Silva, Pinheiro, Rocha, & Horta, 2010; Holtzman, Bland, Lansky, & Mack, 2001; Teixeira, Knauth, Fachel, & Leal, 2006).

Na questão sobre uso de substâncias psicoativas legais e/ou ilegais (álcool, tabaco, maconha e outras drogas ilícitas), não houve associação entre tatuagem no quesito álcool, e, embora tenha havido associação nas demais, são provenientes de amostras reduzidas, sendo que a maioria dos participantes apontou o não uso. Tais achados puderam ser verificados em amostras de tatuados presentes em diversos países, tais como Argentina (Busaniche, Eymann, Mulli, Paz, & Catsicaris, 2006), Austrália (Heywood *et al.*, 2012, Makkai & McAllister, 2001; Putniņš, 2002), Canadá (Deschesnes, Finès, & Demers, 2006), Itália (Pravettoni & Miglioretti, 2004), Inglaterra (Swami *et al.*, 2015), França (Gueguén, 2012a, Gueguén, 2012b), e USA (Carroll *et al.*, 2002; Forbes, 2001; Roberts & Ryan, 2002; Stephens, 2003).

Ao longo de décadas, considerou-se que indivíduos tatuados são mais propensos ao uso de álcool, cigarro e outras substâncias psicoativas, comportamento violento, violações de trânsito, propensão à ter sido preso, criminalidade, impulsividade, dentre outros (Adams, 2009; Drews *et al.*, 2000; Forbes, 2001; Gittleson & Wallen, 1973; Greif, Hewitt, & Armstrong, 1999; King & Vidourek, 2013; Pozgain, Barkić, Filaković, & Koić, 2004; Zrno, Frencl, Degmecic, & Pozgain, 2015), levando-a associar-se à características negativas (Durkin & Houghton, 2000). Contudo, as produções recentes têm apresentado dados divergentes. Estudos recentes indicam que indivíduos com modificações

corporais não são mais susceptíveis de envolvimento em comportamentos de risco quando comparados com pessoas não modificadas (Giles-Gorniak, Vandehey, & Stiles, 2016, Swami *et al.*, 2015).

Com relação a saúde mental das participantes, não houve associação significativa entre os grupos de tatuados e não tatuados. Estudo recente proposto por Giles-Gorniak, Vandehey e Stiles (2016) indicou que indivíduos com tatuagem não são susceptíveis de se envolver em comportamentos de risco ou reportar um histórico de problemas de saúde mental quando comparados com pessoas sem tatuagem. Nas análises intragrupos, para o sexo feminino, das que afirmaram possuir algum diagnóstico, a maioria era de tatuadas. Tatuagens têm sido associadas a psicopatologia e desvios (D'Ambrosio, Martini, & Casillo, 2014; Hawkes, Senn, & Thorn, 2004), especialmente para mulheres (Mifflin, 2013). O maior número de casos referindo-se a transtorno depressivo e/ou transtorno de ansiedade na amostra deste estudo também foi verificado em pesquisas anteriores (Nathanson, Paulhus, & Williams, 2006; Roberti & Storch, 2005; Yen *et al.*, 2012; Zrno *et al.*, 2015).

No entanto, o estudo de Fredrick e Bradley (2000) aponta que indivíduos tatuados apresentavam escores de depressão significativamente menores do que os participantes não tatuados, indo ao encontro dos resultados deste estudo no grupo masculino, com maior quantidade de não tatuados apresentando depressão. Concorda-se aqui com Stirn e Hinz (2008), de que as práticas de modificação corporal podem variar de imitações de grupos de pares a sintomas informativos de condições psicopatológicas possivelmente graves, sendo necessário cautela em atribuir problemas psicológicos em indivíduos com modificações corporais (Swami *et al.*, 2016; Tate & Shelton, 2008).

Também não foi identificado associação entre tatuagem e ideação suicida, sendo esta uma ligação sugerida entre tatuagem e risco de suicídio em adultos (Solano *et al.*, 2014; Yen *et al.*, 2012), inclusive com maior associação para mulheres tatuadas (Carrol *et al.*, 2002). Nossos resultados concordam com os resultados recentes de King e Vidourek (2013), não relacionando comportamento suicida à prática da tatuagem.

De modo geral, ressalta-se que a amostra, embora aleatória, teve um alto índice de participantes com ensino superior e pós-graduação, seja de tatuados como de não tatuados. Possivelmente poderiam ser identificadas práticas sociais, motivações e comportamentos de risco diferentes caso tivessem participado com maior proporção indivíduos

com educação formal mais baixa. Não obstante, isso é apenas uma hipótese, sem evidências que sustentem esta conjectura, o que não invalida os resultados, mas apresenta-se como limitação de pesquisa, que pode ser realizada em outro contexto.

## **7. RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS DA TATUAGEM**

A partir dos presentes estudos realizados nesta tese, no que tange ao debate da relação entre representações e práticas sociais, foi possível verificar esta relação dialógica entre ambas, mas que, neste estudo voltado ao fenômeno da tatuagem, concebe as RS da tatuagem como orientadoras das práticas sociais referentes à tatuagem (Moscovici, 1961/2012; Sá, 1994), construídas e reconstruídas nas relações estabelecidas nos contextos sociais dos participantes. Defende-se esta posição mediante a definição de práticas sociais enquanto sistemas de comportamentos gerados em contextos sociais de indivíduos e grupos (Dany & Abric, 2007), permeados por valores, crenças e atitudes, elementos formadores de RS, sendo estas teorias sociais práticas sobre objetos sociais (Jodelet, 1989). Logo, as RS permitiram a modulação, de forma simbólica, do contexto em que a ação ocorre, bem como agiram como justificadoras de tomada de decisão do comportamento manifesto (Aguiar, Camargo, & Bousfield, 2017; Moscovici, 1961/2012; Vala, 2006).

Sinteticamente, por meio dos estudos 2 e 3, verificou-se que: os indivíduos têm seu primeiro contato com informações a respeito da tatuagem em contextos familiares, onde as RS hegemônicas que permeiam tais esferas sociais são formadas por estereótipos associados à marginalidade, criminalidade e comportamentos socialmente não aceitáveis. Ressalta-se que, numa lógica geracional, indivíduos que nasceram antes até 1960 foram formados, quase de forma unânime, a partir de estereótipos depreciativos quanto a prática da tatuagem, reproduzindo-as em seus grupos familiares.

O processo de transformação das RS estereotipadas passa a ocorrer, segundo verificou-se nos estudos propostos nesta tese, por meio do contato com relações interpessoais e grupos de praticantes/adeptos da

tatuagem, que ressignificam os antigos elementos representacionais estereotipados a que foram expostos, agregando novos saberes e valores. Até este momento, os comportamentos manifestos e privados frente a tatuagem situam-se no contexto de interdependência social (Maggi, Mugny, & Papastamou, 1998).

A partir deste momento, a aderência ou não à prática da tatuagem passa a ser identificada: características intrapessoais, motivações específicas, contextos pessoais e momentos de vida vão individualizando as escolhas pelo desenho, local do corpo e/ou momento de vida. As representações identitárias passam a ter importância na decisão de tatuar-se, ou seja, de iniciar na prática da tatuagem, contudo, pré-estruturadas em RS provenientes de seus respectivos grupos (Deschamps & Moliner, 2014).

Tendo em vista a proposição de Jodelet (2001) em sua compreensão de RS enquanto orientadora de ações, a prática social da tatuagem pode ser entendida enquanto passo que sucede o contato de seus participantes. Estes, antes de aderir à prática da tatuagem, tiveram acesso a um conjunto de representações que fizeram-os buscar realizar tal modificação corporal. Neste aspecto, corrobora-se com a afirmação de Justo (2016) de que as RS não devem ser compreendidas apenas como processamento de informações, mas enquanto conhecimentos com objetivo de organizar ações dos atores sociais perante o mundo, bem como definindo os componentes do contexto e as condutas nele realizadas.

Não obstante, o fato de um indivíduo possuir elementos representacionais favoráveis à prática da tatuagem – ou que a maioria dos elementos seja favorável - isto ainda não prediz que o mesmo irá realizá-la. Nestes casos, devido à complexidade do fenômeno, outros elementos perpassam sua decisão, como: permanência da tatuagem no corpo – a menos que passe por procedimento invasivo de retirada -, medo das RS estereotipadas de outras pessoas, relação da tatuagem com o corpo, medo de arrependimento e da dor, dentre outras variáveis que se manifestam na decisão de tatuar-se.

Neste caso, a noção de implicação pessoal adentra como variável interpretativa frente esta problemática (Rouquette, 1988), uma vez que leva em consideração elementos que modulam a relação entre determinado objeto representacional e o indivíduo. Composta por três dimensões: identificação pessoal (o quanto o objeto representacional tem relação com o indivíduo), valorização do objeto (importância para o indivíduo) e possibilidade percebida de ação (movimentação para uma prática) (Flament & Rouquette, 2003). Logo, a variação de saberes e

atitudes que indiquem uma prática tendem a ter esta variável interveniente no processo de análise da relação entre RS e práticas sociais da tatuagem.

Considerando a proposição de Sá (1994) o estudo de RS necessita uma ligação entre práticas sociais, viabilizando que sua dimensão cognitiva desdobre-se no cotidiano social. Neste aspecto, Campos (2017), propõe três condições que afetam a relação entre as representações e práticas: a) a percepção que as pessoas possuem da situação como sendo reversível ou irreversível; b) o nível de autonomia das pessoas face cada situação específica; e c) o grau de ativação das cargas afetivas mobilizadas, tendo como referência a memória coletiva. No contexto da tatuagem, tais condições puderam ser verificadas nas decisões de aderir à prática da tatuagem, bem como nas motivações para não aderir. Os estudos 2 e 3 da tese sugerem que, quanto maior a decisão pessoal, autonomia e carga afetiva favorável à prática da tatuagem, maior a possibilidade de aderência a esta forma de modificação corporal. A irreversibilidade atua inclusive como um dos elementos reguladores na decisão de tatuar-se, devido ao medo de arrependimento.

Outra questão que merece destaque é a pluralidade das representações sociais da tatuagem entre os participantes, com impacto direto em suas práticas. Tendo em vista a questão ainda aberta entre o PRS e sua relação com práticas sociais desenvolvidas por grupos e seus pensamentos coletivos (Campos, 2017). Há muitas variáveis envolvidas que podem impactar tanto as representações quanto as práticas: sexo, tamanho da tatuagem, aspectos geracionais, local do corpo, escolaridade, contextos sociais envolvidos, contextos geográficos (cidades litorâneas, metrópoles, cidades do interior, etc.). O mesmo se aplicaria na identificação das RS da tatuagem para não tatuados. Todas estas questões são significativas nos processos de análise, o que complexifica e problematiza a compreensão das práticas pela perspectiva das RS. Concorde-se aqui com a proposição de Campos (2017) da necessidade de um aporte conjunto de outras teorias das ciências sociais, para contribuir nas explicações da complexidade da interação entre ação e cognição dos grupos sociais.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desta pesquisa foi descrever e analisar as representações e práticas sociais da tatuagem para indivíduos tatuados e não tatuados, de ambos os sexos. A pesquisa partiu das seguintes hipóteses: a) As RS podem apresentar diferenças, de acordo com a época em que foram realizadas: Indivíduos que realizaram sua primeira tatuagem antes da década de 90 podem trazer representações mais voltadas a aspectos ideológicos, quebra de normas sociais e/ou pertencimento grupal, enquanto aqueles que realizaram sua primeira tatuagem a partir do século XXI terão maior conotação estética; b) com a maior aderência à práticas da tatuagem pela população, bem como sua conotação com fins estéticos no contexto atual, os comportamentos de risco associados a tatuagem terão menor preponderância. Objetivando verificar a relação entre representações e práticas sociais, foram realizados três estudos complementares, visando maior acesso ao fenômeno em questão.

O estudo documental proposto no primeiro estudo verificou uma quantidade limitada de publicações, bem como fragilidade metodológica sobre o tema no contexto brasileiro, oferecendo poucos estudos empíricos sobre a temática, quando comparados à quantidade de publicações estrangeiras, com predominância em estudos teóricos de natureza histórica e conceitual. Comparativamente, publicações estrangeiras têm apresentado uma quantidade substancial de artigos, majoritariamente com o método quantitativo, enfocando temas como: comportamento de risco, motivações, práticas sociais e demais questões de saúde.

As publicações brasileiras tanto carecem de dados sobre o fenômeno da tatuagem na população brasileira, por meio de pesquisas exploratórias ou descritivas, quanto não trazem dados que associem a tatuagem com outras variáveis, prática comum nos estudos estrangeiros, como traços de personalidade ou comportamento de risco, por exemplo. Além disso, as teorias apresentadas sobre tatuagem no Brasil correm o risco de não sustentarem-se, uma vez que seus estudos não apresentam amostras suficientes para que possa haver tal sustentação.

Embora não seja possível afirmar que o número de publicações aumentará nos próximos anos, existe a probabilidade deste tema tornar-se mais presente, haja vista as atuais problematizações sobre a tatuagem no contexto brasileiro, tal como a decisão do Supremo Tribunal Federal em impedir a discriminação de indivíduos tatuados em concursos públicos. O país apresenta potencial para pesquisas sobre este fenômeno, sob diversas perspectivas teóricas e metodológicas, tendo capacidade para contribuir com estudos inéditos que problematizem o tema tanto nacionalmente quanto em discussões com estudos internacionais.

Foi possível verificar, por meio do recorte cronológico das publicações, que a prática da tatuagem, embora antiga, tem tornado-se cada vez mais freqüente no cenário atual, havendo uma mudança de valores e crenças a respeito dessas marcas, bem como dos indivíduos que aderem a esta prática. As contribuições de estudos recentes sobre o fenômeno da tatuagem apresentam resultados que apontam para uma diminuição de estereótipos. Conforme discutido no estudo, lança-se a hipótese de que tais alterações têm ocorrido devido às alterações nas motivações para a prática da tatuagem, onde elementos contranormativos tem dado lugar a motivações estéticas e de características da própria individualidade dos adeptos à esta prática, desencadeando numa diminuição da associação entre a tatuagem e elementos considerados como risco.

O estudo 2, de natureza qualitativa, buscou investigar e descrever as representações sociais de indivíduos tatuados de ambos os sexos sobre tatuagem. A representação social da tatuagem apresenta elementos comuns entre os participantes, e específicos, de acordo com o sexo e a época em que foi realizada. Através das entrevistas, verificou-se que, mesmo com motivações diversificadas para a prática da tatuagem, o eixo condutor para sua realização fundamenta-se na externalização de alguma característica significativa para o indivíduo, que busca materializá-la em seu corpo, por meio da tatuagem.

Fazendo uso da abordagem dimensional das RS, foi possível captar o processo de construção individual a respeito da tatuagem, iniciada com as informações iniciais baseadas em RS estereotipadas, normalmente provenientes de grupos familiares, e posteriormente desconstruída e alterada por meio do contato com indivíduos e/ou grupos adeptos ou entusiastas da prática da tatuagem. A partir desse momento, representações identitárias passam a se manifestar, através de motivações próprias das experiências individuais, influenciando assim tanto na autopercepção quanto nas relações interpessoais.

De forma mais macro, foi possível identificar a gradativa alteração estereotípica da tatuagem na sociedade. A influência da mídia, através da associação do uso da tatuagem com indivíduos esteticamente atraentes, bem como com o desenvolvimento de tatuagens artísticas (diferentes das tatuagens realizadas em presídios, por exemplo), profissionalização de tatuadores e cuidados em saúde nos estúdios de tatuagem, influenciou diretamente na disseminação de sua prática no contexto brasileiro.

No estudo realizado exclusivamente com indivíduos tatuados, também verificou-se que, embora haja maior aceitação, ainda há uma preocupação com possíveis preconceitos, principalmente no âmbito profissional. Esta preocupação, que muitas vezes não aconteceu objetivamente na vida dos participantes em contextos profissionais, está presente em suas falas ainda como resquícios de RS estereotipadas da tatuagem, provenientes de ambientes familiares que manifestaram algum tipo de conduta preconceituosa, e que perduram no imaginário social dos participantes e influenciam em seus valores, crenças, atitudes e manifestações comportamentais.

Com relação as diferenças entre os sexos, observou-se que: para as mulheres, a influência de outras pessoas, a arte corporal e a tatuagem como forma de homenagem tiveram maior impacto na decisão de tatuar-se, enquanto que para os homens, a mídia teve papel de importância. A busca por tatuagem como forma de diferenciação, pertencimento grupal, estética e para exibir às pessoas foi presente em ambos os sexos.

Outra diferenciação significativa se deu na associação da tatuagem com momento de vida. Os participantes que tatuaram-se atualmente, mas que possuem 40 anos ou mais relatam maior necessidade de conscientização para realizar tatuagem, bem como a buscaram como forma de demarcar uma nova condição ou momento de vida. Entre os indivíduos jovens, a tatuagem atua como uma forma de memorizar momentos de vida, servindo inclusive como fator protetivo, em possíveis casos de arrependimento. Ainda no grupo de tatuados



jovens, a tatuagem atua como facilitador social no estabelecimento de vínculos.

Uma das limitações deste estudo está na quantidade de participantes. Devido ao número de variáveis inter e intracategorial, optou-se por um número mínimo de participantes em cada categoria. Sendo este um estudo de natureza exploratória, estudos futuros poderão aprofundar cada uma das categorias de modo específico, trazendo resultados que melhor sustentem os achados desta pesquisa. Também se faz necessário realizar o mesmo estudo com amostras de não tatuados de ambos os sexos, com os mesmos critérios cronológicos utilizados entre o grupo de tatuados, para realizar uma comparação entre os dados.

O estudo 3, de natureza quantitativa, buscou identificar as práticas sociais relativas à tatuagem, para indivíduos tatuados e não tatuados de ambos os sexos. Entre os participantes tatuados, houve um número mínimo que se arrependeu, sendo que a maioria pretende realizar mais tatuagens ou está satisfeita com as que possui. Dentre os não tatuados, a maioria afirmou que gostaria de ter ou pretende realizar futuramente, indicando assim maior aceitação e possível aderência à esta prática de modificação corporal.

A busca por estúdios de tatuagem, com todos os procedimentos de assepsia assegurados para evitar possíveis contaminações, revelam a preocupação dos participantes com cuidados em saúde. Tal prática tende a evitar complicações de saúde e contribuem na dissolução de conceitos outrora associados à prática da tatuagem, como contrair HIV ou Hepatite B, por exemplo.

Foi possível identificar, de modo quantitativo, dados trazidos pelas entrevistas realizadas no estudo 2, como: manifestação preconceituosa acerca da tatuagem dentro do grupo familiar e em espaços de trabalho. Nesse aspecto, verifica-se o quanto representações estereotipadas ainda repercutem em gerações mais antigas, muitas vezes mantidas mesmo diante de novas informações e em contato com participantes que, embora possuam tatuagem, não tenham comportamentos considerados “marginais”.

No quesito atratividade, elementos da teoria da atração interpessoal se manifestaram: indivíduos com características em comum – nesse caso, ter tatuagem -, consideram mais fisicamente atraentes seus pares. Tal premissa também vale para os não tatuados. Ressalta-se que mulheres sem tatuagem consideram homens tatuados mais bonitos do que homens sem tatuagem consideram mais atraentes mulheres com tatuagem. Isso pode ter ocorrido diante de valores ainda correntes na

sociedade em que a tatuagem se associa à força e virilidade, valores culturalmente associados ao sexo masculino.

Dentre as motivações, também foi corroborada as informações presentes no estudo 2, em que as mulheres trazem a prática da tatuagem associada a elementos coletivos, tais como forma de homenagear ou lembrar eventos ou pessoas significativas. Em contrapartida, os homens tendem a priorizar aspectos mais individuais, como forma de expressão ou identidade. A dor foi o conteúdo mais expresso como fator motivacional para não realizar tatuagem, seguido de preocupações como: custo, empregabilidade, não achar bonito e não achar que ficaria bem em si mesmo. Tais aspectos não se manifestam como conteúdos preconceituosos, indicadando uma possível diminuição de atitudes negativas na amostra deste estudo.

Com relação aos comportamentos de risco, os resultados deste estudo vão ao encontro das produções estrangeiras recentes, indicando que, mesmo havendo ainda algumas associações significativas entre tatuagem e comportamento de risco, estas são muito próximas aos valores de indivíduos não tatuados – e em muitos estudos não há indicação de maior susceptibilidade de indivíduos tatuados a comportamentos de risco -, sendo atualmente considerados tatuados e não tatuados mais semelhantes do que diferentes. Os resultados apresentados nesse estudo, pioneiro no contexto brasileiro, permitirá apresentar à ciência psicológica nacional e internacional achados animadores frente a este fenômeno psicossocial de relevante significância para estudos futuros. Mesmo sendo esta tese uma pesquisa básica, seus resultados permitem a construção de conteúdos informativos que contribuam na desmistificação de estereótipos negativos frente a tatuagem, bem como possíveis problemas de saúde pública.

Os dados encontrados nos três estudos corroboram as hipóteses levantadas para esta tese. Foi possível verificar que houve diferenças nas RS da tatuagem, de acordo com a época em que foi realizada e da idade que os participantes possuíam quando as realizaram. Também se verificou uma diminuição no estereótipo negativo frente a tatuagem, sinalizado através dos resultados obtidos através do estudo 3.

Com relação às limitações do estudo, este não alcançou equidade de participantes por sexo, com menor número do sexo masculino. O estudo 3 não encerra a problemática levantada. Considera-se importante replicá-lo em amostras diversificadas, levando em consideração: extratos populacionais, funções profissionais, cidade de residência dos participantes (cidades litorâneas, metrópoles ou de

interior) considerando as vivências associadas ao corpo nesses contextos, dentre outras possibilidades.

Por fim, ressalta-se que a busca multimetodológica desta tese proporcionou acessar informações complementares entre si, captando de formas diversificadas o fenômeno da tatuagem. Também buscou-se contribuir com conteúdos inéditos da população brasileira frente ao fenômeno da tatuagem, visando não apenas explorar o tema, mas comparar os dados obtidos com estudos estrangeiros, fortalecendo assim comparações de amostras entre países. Ademais, o campo da psicologia social voltada às representações e práticas sociais também foram preocupação neste estudo, na busca pelo aprofundamento e aprimoramento teórico.

## 9. REFERÊNCIAS

- Abonizio, J. (2011). Outros olhares sobre os outros: a presença incômoda dos corpos modificados em blogs. *Polêmica*, 10(3), 484-493.
- Abric, J-C. (1994). *Pratiques sociales et representations*. Paris: Presses Universitaires de France
- Abric, J-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representações sociais* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Abric, J-C. (2001). O estudo experimental das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Orgs.), *As representações sociais* (pp.155-171). Rio de Janeiro: UERJ.
- Abric, J-C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos & M. C. da S. Loureiro. (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas*. (pp. 37-57). Goiânia: UCG.
- Adams, J. (2009). Marked difference: tattooing and its association with deviance in the United States. *Deviant Behavior*, 30, 266–292.

- Aguiar, A. de, Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. da S. (2017). Representações sociais e práticas corporais de rejuvenescimento para mulheres de meia-idade. *Psicologia e Saber Social*, 6(1), 47-66.
- Agris, J. (1977). Tattoos in women. *Plastic & Reconstructive Surgery*, 60, 107-115.
- Almeida, A. M. de O., Santos, M. de F. de S., & Trindade, Z. A. (2000). Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia*, 8(3), 257-267.
- Almeida, A. M. de O., Santos, M. de F. de S., & Trindade, Z. A. (2011). *Teoria das Representações Sociais 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Almeida, M. I. M. de (2000). Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. *Psicologia clínica*, 12(2), 103-123.
- Alves, E., Vasconcelos, F. A. G., Calvo, M. C. M., & Neves, J. (2008). Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 24, 503-512.
- Amaro, K. N. (2010). *Intervenção motora para escolares com dificuldade de aprendizagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.
- Anderson, R. R. (1992). Tattooing should be regulated. *NewEngland Journal of Medicine*, 326, 207.
- Andrieu, B. (2006). Corps. In B. Andrieu (Org.) *Le dictionnaire du corps en sciences humaines e sociales* (pp. 103-104). Paris: CNRS Éditions.
- Antoszewski, B., Sitek, A., Fijałkowska, M., Kasielska, A., & Kruk-Jeromin, J. (2010). Tattooing and body piercing – what motivates you to do it? *International Journal of Social Psychiatry*, 56(5), 471-479.

- Araújo, L. (2005). *Tatuagem, Piercing e outras mensagens do corpo*. São Paulo: CosacNaify.
- Armstrong, L. (1991) Career-oriented women with tattoos. *Journal of Nursing Scholarship*, 23, 215-220.
- Armstrong, M. (1994). Adolescents and tattoos: marks of identity or deviancy. *Dermatoloy nursing*, 6(2), 119-124.
- Armstrong, M. L., & Gabriel, D. C. (1993). Tattoos on women: marks of distinction or abomination. *Dermatology nursing*, 5(2), 107-115.
- Armstrong, M. L., Caliendo, C., & Roberts, A. E. (2006). Genital piercings: What is known and what people with genital piercings tell us. *Urologic Nursing*, 26, 173–180.
- Armstrong, M. L., DeBoer, R. N., & Cetta, F. (2008). Infective endocarditis after body art: A review of the literature and concerns. *Journal of Adolescent Health*, 43, 217-225.
- Aslam, A., & Owen, C. (2013). Fashions change but tattoos are forever: time to regret. *Journal of the American Academy of Dermatology*, 68, (4), AB24.
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Silva, C. M. F. P, Malaquias, J. V., Santos, N. C., & Oliveira, R. V. C. (2003). A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8, 669-680.
- Atik, D., & Yildirim, C. (2014). Motivations behind acquiring tattoos and feelings of regret: Highlights from an Eastern Mediterranean context. *Journal of Consumer Behaviour*, 13, 212–223.
- Atkinson, M. (2002). Pretty in ink: Conformity, resistance, and negotiation in women's tattooing. *Sex Role*, 47, 219-235.
- Atkinson, M. (2003). *Tattooed: The sociogenesis of a body art*. Toronto, Ontario, Canada: University of Toronto Press.

- Atkinson, M. (2004). "Tattooing and Civilizing Processes: Body Modification as Self-Control." *The Canadian Review of Sociology and Anthropology*, 41, 125-146.
- Atkinson, M., & Young, K. (2001). Flesh journey: neo primitives and the contemporary rediscovery of radical body modification. *Deviant Behavior*, 22, 117-146.
- Aubin, D. (2000). Le corps, lieu de repères pour les jeunes de la rue ou la quête d'un territoire d'appartenance. *Santé mentale au Québec*, 25(2), 90-108.
- Bacon, E. E. (1986). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Snowball (bola de neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *Anais do X Congresso Nacional de Educação e I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação*. Curitiba, 329-341.
- Banfield, S. S., & McCabe, M. P. (2002). An Evaluation of the Construct of Body Image. *Adolescence*, 37(146), 373-393.
- Baptista, M. M. (1986). *Estereótipos de Adultos Moçambicanos Face à Aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.
- Barbetta, P. A. (2012). *Estatística aplicada às ciências sociais* (8ª Ed.). Florianópolis: Ed. UFSC.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barea, E. C., Andonegui, M. G., & Figueroa, B. G. (2013). Reacciones a seudotatuajes de henna. Sensibilización a parafenilendiamina. *Anales de Pediatría*, 78(4), 269-270.

- Barros, T. L., Angeli, G., Barros, L. F. F. L. (2005). Preparação do Atleta de Esportes Competitivos. *Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo*, 15(2), 114-120.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Becker, H. S. (1993). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo. Ed. HUCTEC.
- Bekhor, P.S., Bekhor, L., & Gandrabur, M. (1995). Employer attitudes toward persons with visible tattoos. *Australasian Journal of Dermatology*, 36, 75-77.
- Benson, S. (2000). Inscription of the self: Reflections on tattooing and piercing in contemporary Euro-America. In J. Caplan (Ed.), *Written on the body* (pp. 234-254), Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Bentaleb, R., Zouhair, K., & Benchikhi, H. (2008). Tatouage au henné noir au prix d'une allergie au paraphénylène-diamine à vie. *La Presse Médicale*, 37(2), 244-245.
- Berger, A., Perez, M. F., Pazos, H. S. B., De Biase, S. G., & Gomes, J. A. P. (2009). Transplante lamelar de córnea associado à tatuagem estromal para tratamento de leucoma: relato de caso. *Arquivos Brasileiros de Oftalmologia*, 72(2), 247-250.
- Bertolin, M. N. T., Conti, M. A., & Peres, S. V. (2010). A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? *Ciência e Saúde Coletiva*, 15(4), 2095-2103.
- Betz, C. (2009). To Tattoo or Not: That is the Question. *Journal of Pediatric Nursing* 24(4), 241-243.
- Bicca, J. F., Duquia, R. P., Breunig, J. de A., Souza, P. R. do M. de, & Almeida Jr, H. L. de. (2013). Tattoos on 18-year-old male adolescents - Characteristics and associated factors. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, 88(6), 925-928.



- Bouchy, C. G., Kendraon, R., Kluger, N., Armingaud, P., Wakosa, A., & Estéve, E. (2013). Hyperplasie lymphoïde chronique (pseudolymphome) sur l'encre rouge de tatouage. *Annales de Pathologie*, 33(4), 273-277.
- Braga, P. D., Molina, M. d. C. B., & Figueiredo, T. A. M. de. (2010). Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. *Ciência e saúde coletiva* [online], 15(1), 87-95.
- Braga, S. (2009). A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, 9(1), 131-155.
- Braithwaite, R., Robillard, A., Woodring, T., Stephen, T., & Arriola, K. J. (2001). Tattooing and body piercing among detainees: Relationship to alcohol and other drug use. *Journal of Substance Abuse*, 13, 5-16.
- Braverman, P. (2006). Body piercing, tattooing, and scarification. *Adolescent Medicine Clinics*, 17(3), 505-519.
- Braz, C. A. (2005). Além da pele: reflexões sobre a extreme body modification em São Paulo. *Revista de antropologia urbana*, 2(2), s/n.
- Brito, A. M. M. (2014). *O cuidado do idoso: representações e práticas sociais*. Doutorado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Brooks, T.L., Woods, E.R., Knight, J.R., & Shrier, L.A. (2003). Body modification and substance use in adolescents: is there a link? *Journal of Adolescence Health*, 32(1), 44-49.
- Burdall, O., Longworth, T., & Nyugen, D. (2014). Burns following attempted electrosurgical tattoo removal. *Burns*, 40(8), 61-65.
- Burgess, M., & Clark, L. (2010). Do the "Savage Origins" of Tattoos Cast a Prejudicial Shadow on Contemporary Tattooed Individuals? *Journal of Applied Social Psychology* 40(3), 746 -764.

- Busaniche, J. N., Eymann, A. M., Mulli, V., Paz, M. C., & Catsicaris, C. (2006). Asociación entre adolescentes tatuados y conductas de riesgo. *Archivos Argentinos de Pediatría*, *104*(4), 309-315.
- Byard, R. W., & Charlwood, C. (2014). Commemorative tattoos as markers for anniversary reactions and suicide. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, *24*, 15-17.
- Camargo, B. V. (2003). Les représentations sociales des jeunes français à propos de l'achat et de l'utilisation du préservatif. *Bulletin de Psychologie*, *56*(3), 331-344.
- Camargo, B. V. (2007). O que o caminho interdisciplinar brasileiro da teoria das representações sociais não favorece? In A. S. P. Moreira, & B. V. Camargo (Org.). *Contribuições para a teoria e o método de estudo das representações sociais* (pp. 93-112). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Camargo, B. V. (2015). Serge Moscovici (14/06/1925 - 16/11/2014): um percussor inovador na Psicologia Social. *Memorandum*, *28*, 240-245.
- Camargo, B. V. (2016). Um primeiro estudo histórico e conceitual do seminário “Epistemologia e representações sociais”, conduzido por Serge Moscovici e Denise Jodelet em 1994. *Psicologia e Saber Social*, *5*(1), 5-17.
- Camargo, B. V., Barbará, A., & Bertoldo, R. B. (2008). A influência de vídeos documentários na divulgação científica de conhecimento sobre a AIDS. *Psicologia Reflexão e Crítica*, *21*(2), 179-185.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, *21*(2), 513-518.
- Camargo, B. V., Justo, A. M., & Alves, C. D. B. (2011). As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. *Temas em Psicologia*, *19*(1), 269-281.
- Camargo, B. V., Justo, A. M., Alves, C. D. B., & Schlösser, A. (2013). Efeitos de contexto e comunicação das representações sociais sobre o corpo. *Psicologia e Saber Social*, *2*(1), 33-50.

- Campos, P. H. F. (2003). O estudo das relações entre práticas sociais e representações. *Estudos Goiânia*, 30(1), 51-59.
- Campos, P. H. F. (2017). O estudo das relações entre práticas sociais e representações: retomando questões. *Psicologia e Saber Social*, 6(1), 42-46.
- Cano, C. R., & Sams, D. (2010). Body modifications and young adults: Predictors of intentions to engage in future body modification. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 17(1), 80-87.
- Carmen, R. A., Guitar, E., & Dillon, H. M. (2012). Ultimate Answer to Proximate Questions: The Evolutionary Motivation Behind Tattoos and Body Piercings in Popular Culture. *Review of General Psychology*, 16(2), 134-143.
- Caroni, M. M., & Grossman, E. (2012). As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma? *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(4), 1061-1070.
- Carroll, L., & Anderson, R. (2002). Body piercing, tattooing, self-esteem, and body investment in adolescent girls. *Adolescence*, 37(147), 627-637.
- Carroll, S.T., Riffenburgh, R.H., Roberts, T.A., & Myhre, E.B. (2002). Tattoos and body piercings as indicators of adolescent risk-taking behaviors. *Pediatrics*, 109, 1021-1027.
- Carvalho, J. E. C. de (2002) Imaginário e Representações sociais. *Revista de Ciências Humanas (Especial Temática)*, 6, 9-24.
- Cash, T. (2004). Body image: Past, present, and future. *Body Image*, 1(1), 1-5.
- Cavalcanti, D. R. M. (2005). O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 9, 53-60.

- Cegolon, L., Miatto, E., Bortolotto, M., Benetton, M., Mazzolen, F., & Mastrangelo, G. (2010). Body piercing and tattoo: awareness of health related risks among 4.277 Italian secondary school adolescents. *BMC Public Health*, *10*(73), 1-8.
- Chakraborty, S. (2013). 'A Skin of Ink': The Tattooist and the Body in Performance. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*, *5*(2), 345-354.
- Cifuentes, A. S. (2011). Cuerpos que narran: la práctica del tatuaje y el proceso de subjetivación. *Revista Diversitas - Perspectivas En Psicología*, *7*(1), 179-191.
- Clémence, A., Green, E. G. T., & Courvoisier, N. (2011). Comunicação e ancoragem: a difusão e a transformação das representações. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S.Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 179-197), Brasília: Technopolitik.
- Clerici, R., & Meggiolaro, S. (2011). The Context of Body Art: Body Piercing and Tattooing Among High School Students in a Northeastern Italian Region. *SageOpen*, 1-11.
- Clinical Rounds (2009). Tattoos tell the story. *Nursing*, *39*(7), 21-21.
- Coelho, C. N. P. (2005). A contracultura: o outro lado da modernização autoritária. In: Risério, A., Pereira, C. A. M., Freire, C., Revah, D., Aquino, D., Hansen, E. J. A. *et al.* (Orgs.), *Anos 70: trajetórias* (pp. 39-44). São Paulo: Ed. Iluminuras.
- Conti, M.A., Ferreira, M. E. C., Amaral, A.C. S., Hearst, N. C., Táki, A., & Scagliusi, F.B. (2012). Equivalência Semântica da versão em português do "Body Change Inventory". *Ciência & Saúde Coletiva*, *17*(9), 2457-2469.
- Corrêa, I. M. X. de A. (1999). *A Rosa Tatuada: um estudo antropológico sobre a linguagem dos corpos de meninas-mulheres que vivem nas ruas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal do Pará, Curitiba, Brasil.

- Correia Junior, M. (2004). Tatuagem: a alma marcada na pele. *Revista Planeta*, 32, 20-7.
- Corseuil, M.W., Pelegrini, A., Beck, C., & Petroski, E.L. (2009). Prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua associação com a inadequação nutricional em adolescentes. *Revista de Educação Física da UEM*, 20,25-31.
- Cortese, S., Falissard, B., Angriman, M., Pigaiani, Y., Banzato, C., Bogoni, G., Pellegrino, M., Cook, S., Pajno-Ferrara, F., Bernardina, B. D., Mouren, M. C., & Maffeis, C. (2009). The Relationship between body size and depression symptoms in adolescents. *Journal of Pediatrics*, 154,86-90.
- Costa, A. B. C., & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. In S. H. Koller, M. C. P. de Paula Couto, & J. Hohendorff (Eds.), *Manual de produção científica* (pp. 55-70). Porto Alegre, RS: Grupo A.
- Costa, W. A., & Almeida, A. M. O. (1999). Teoria das Representações Sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento dos indivíduos e grupos sociais. *Revista de Educação Pública*, 8, 250-280.
- Czupy, G., Pongó, G., Mihálffy, D., & Susánszky, E. (2016). Health behavior of tattooed persons. *Lege Artis Medicinae*, 26(7-8), 351-358. Available in: [http://www.vidensraad.dk/sites/default/files/vidensraad\\_tatovering\\_engelsk\\_0.pdf](http://www.vidensraad.dk/sites/default/files/vidensraad_tatovering_engelsk_0.pdf).
- D'Ambrosio, A., Martini, V., & Casillo, N. (2014). Piercings and tattoos: Psychopathological aspects. *Giornale di Neuropsichiatria dell'Età Evolutiva*, 34(1), 1-10.
- Dadalte, A. C., Mariano, M. de C., Pedrão, L. J., Pedrão, G. B., & Soares, E. J. P. (2013). Representations of tattoo and piercing use. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 9(1), 41-47.

- Dany, L. & Abric J. (2007). Distance à l'objet et représentations du cannabis. *Revue internationale de psychologie sociale*, 20 (3), 77-104.
- De Rosa, A. S. & Farr, R. (2001). Icon and symbol: Two sides of the coin in the investigation of social representations. In F. Buschini & N. Kalampalikis (Orgs.), *Penser la vie, le social, la nature: Mélanges en hommage à Serge Moscovici* (pp. 237-256). Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Degelman, D., & Price, N.D. (2002). Tattoos and ratings of personal characteristics. *Psychological Reports*, 90, 507-514.
- Delazar, M. E. (2005). The relationship between self-esteem, objectified body consciousness, personality traits and body modification: An exploratory study. (unpublished). PhD thesis, Indiana University Pennsylvania, USA. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 65, 5395.
- Deschamps, J. C., Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Deschesnes, M., Finès, P., & Demers, S. (2006). Are tattooing and body piercing indicators of risk-taking behaviours among high school students? *Journal of Adolescence*, 29, 379-393.
- Dickson, L., Dukes, R., Smith, H., & Strapko, N. (2014). Stigma of ink: Tattoo attitudes among college students. *The Social Science Journal*, 51(2), 268-276.
- Doherty, K. T. (1998). A mind of her own: Effects of need for closure and gender on reactions to nonconformity. *Sex Roles*, 38, 801-819.
- Doise, W. (1985). Les représentations sociales: définition d'un concept. *Connexions*, 45, 243-253.
- Doise, W. (1986). Les représentations Sociales: définition d'un concept. In W. Doise, & A. Palmonari. (Eds.), *L'étude des représentations Sociales*. Paris: Delachaux & Niestlé.

- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet, & J. F. Richard (Eds), *Traité de psychologie cognitive: cognition, représentation, communication* (pp. 111-174). Paris: Dunod.
- Doise, W. (2011). Sistema e Metassistema. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 123-156), Brasília: Technopolitik.
- Doise, W., Clemence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1992). *Répresentations sociales et analyse de données*. Genoble: Presses Universitaires de Genoble.
- Drews, D. R., Allison, C. K., & Probst, J. R. (2000). Behavioral and self-concept differences in tattooed and nontattooed college students. *Psychological Reports*, 86, 475–481.
- Duncand, F. (1989) MMPI scores of tattooed and untattooed prisoners. *Psychological Reports*, 65, 685-686.
- Durkin, K., & Houghton, S. (2000). Children's and adolescents' stereotypes of tattooed people as delinquent. *Legal and Criminological Psychology*, 5, 153–164.
- Durkin, S. E. (2012). Tattos, Body Piercing, and Healthcare Concerns. *Jornal of Radiology Nursing*, 31(1), 20-25.
- Durozoi, G. (1996). *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papirus.
- Eckert, C., & Leitão, D. (2004). À *Flor da Pele*: Estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Illuminuras*, 5(10), 1-37.
- Farr, R. M. (2000a). Representações sociais: a teoria e sua história. In P. Guareschi, & S. Jovchelovitch, *Textos em representações sociais* (6ª Ed.). Porto Alegre: Ed. Vozes
- Ferrand, A. (2011). *Appartenances multiples. Opinion plurielle*. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires Du Septentrion.

- Ferreira, V. S. (2007). Política do corpo e política da vida: a tatuagem e body piercing como uma expressão corporal da ética da dissidência. *Etnográfica*, 11(2), 291-326.
- Ferreira, V. S. (2008). Os ofícios de marcar o corpo: A realização profissional de um projecto identitário. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58, s/n.
- Ferreira, V. S. (2010). Tatuagem, body piercing e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização. *Saúde e Sociedade*, 19(2), 231-248 .
- Ferreira, V. S. (2011). Tatuagem o corpo jovem hoje: rito do passagem ou ritual de impasse? *Vivência*, 36, 137-156.
- Fischer S. (1986). *Development and structure of the body image*. New Jersey: LEA.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitudes, intention and behavior: an introduction to theory and research*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley.
- Flament, C., & Rouquette, M. L. (2003). *Anatomie des idées ordinaires: Comment étudier les représentations sociales*. Paris: Armand Colin.
- Flick, U. (2004) As narrativas como dados. In U. Flick, *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (pp. 7-13). Porto Alegre: Bookman.
- Flick, U. (2008). Entrevista episódica. In: M. Bauer, & G. Gaskell, *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som - um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes.
- Fonseca, C. C., Vecchi, R. L., & Gama, E. F. (2012). A influência da dança de salão na percepção corporal. *Motriz: Revista de Educação Física*, 18(1), 200-207.
- Forbes, G. B. (2001). College students with tattoos and piercings: Motives, family experiences, personality factors, and perception by others. *Psychological Reports*, 89, 774-786.



- Fredrick, C. M., & Bradley, K. A. (2000). A different kind of normal? Psychological and motivational characteristics of young adult tattooers and body piercers. *North American Journal of Psychology*, 2, 379–389.
- Freitas, G. G. (2004). *O Esquema Corporal, A Imagem Corporal, A Consciência Corporal e A Corporeidade*. Ijuí: Unijuí.
- Gaspard, J-L., Hamon, R., Da Silva Junior, N., & Doucet, C. (2014). Marques corporelles, tatouages et solutions subjectives à l'adolescence. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence*, 62(3), 168-176.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). Como inquirir: as entrevistas. In: *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- Gil, A. C. (1995). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (4ª Ed.). São Paulo: Atlas.
- Gilbert, S. (2000). *Tattoo history: a source book*. New York: Juno Books.
- Giles-Gorniak, A. N., Vandehey, M. A., Stiles, B. L. (2016). Understanding Differences in Mental Health History and Behavioral Choices in a Community Sample of Individuals with and without Body Modifications. *Deviant Behavior*, 37(8), 852-860.
- Gittleson, L., & Walleng, D. I. (1973) The tattooed male patient. *British Journal of Psychiatry*, 122, 295-300.
- Glaner, M. F., Pelegrini, A., Cordoba, C. O., & Pozzobon, M. E. (2013). Associação entre insatisfação com a imagem corporal e indicadores antropométricos em adolescentes. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [online]*, 27(1), 129-136.
- Goetz, E. (2009). Representações sociais do corpo, mídia e atitudes. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- Goetz, E. R., Camargo, B. V., Bertoldo, R. B., & Justo, A. M. (2008). Representação social do corpo na mídia impressa. *Psicologia e Sociedade*, 20(2), 226-236.
- Gonçalves, C. O., Campana, A. N., & Tavares, M. C. (2012). Influência da atividade física na imagem corporal: Uma revisão bibliográfica. *Motricidade*, 8(2), 70-82.
- Gorender, M. E. (2008). Estéticas do corpo: técnicas de modificação corporal. *Cogito*, 9, 39-41.
- Gouveia, V. V., Medeiros, E. D. De, Mendes, L. A. de C., Vione, K. C., & Athayde, R. A. A. (2010). Correlatos valorativos de atitudes frente à tatuagem. *Psicologia e Sociedade*, 22(3), 476-485.
- Gouveia, V. V., Andrade, J. M. de, Milfont, T. L., Queiroga, F., & Santos, W. S. dos. (2003). Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: é suficiente a dicotomia pessoal vs. social?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 223-234.
- Graup, S., Pereira, E. F., Lopes, A. S., Araújo, V. C., Legnani, R. F. S., & Borgatto, A. F. (2008). Associação entre a percepção da imagem corporal e indicadores antropométricos de escolares. *Revista Brasileira de Educação Física e do Esporte*, 22, 129-38.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- Greif, J., Hewitt, W., & Armstrong, M. L. (1999). Tattooing and body piercing: Body art practices among college students. *Clinical Nursing Research*, 8, 368-385.
- Grison, B., & Roselin, C. (2006). Schéma Corporel. In: B. Andrieu (Org.), *Le dictionnaire du corps em sciences humaines e sociales* (pp. 457-458). Paris: CNRS Editions.
- Guéguen, N. (2012a). Tattoos, Piercings, and Alcohol Consumption. *Alcoholism: clinical and experimental research*, 36(7), 1253-1256.
- Guéguen, N. (2012b). Tattoos, piercings, and sexual activity. *Social behavior and personality*, 40(9), 1543-1547.

- Handy, W. C. (1922). *Tattooing in the Marquesas*. Honolulu, Hawaii: Published by He Museum.
- Hargreaves, D., & Tiggemann, M. (2006). 'Body Image Is for Girls': A qualitative study of boys' body image. *Journal of Health Psychology, 11*(4), 567-576.
- Hawkes, D., Senn, C. Y., & Thorn, C. (2004). Factors that influence attitudes toward women with tattoos. *Sex Roles, 50*, 593-604.
- Hellard, M. E., Aitken, C. K., Hocking, J. S. (2007). Tattooing in prisons – Not such a pretty Picture. *American Journal of Infection Control, 35*(7), 477-480.
- Helman, C. G. (2009). *Cultura, Saúde e Doença* (4ed): Porto Alegre: Artmed.
- Heywood, W., Patrick, K., Smith, M. A., Simpson, J. M., Pitts, M. K., Richters Shelley, J. M. (2012). Who gets tattoos? Demographic and Behavioral Correlates of Ever Being Tattooed in a Representative Sample of Men and Women. *Annals of Epidemiology, 22*(1), 51-56.
- Huynh, T. N., Jackson, J. D., & Brodell, R. T. (2014). Tattoo and vaccination sites: Possible nest for opportunistic infections, tumors, and dysimmune reactions. *Clinics in Dermatology, 32*(5), 678-684.
- Ip, N., & Hoddes, J. (2014). Henna Tattoo: infection or allergy? *The Lancet, 383* (9926) 19–25.
- Jafari, S., Copes, R., Baharlou, S., Etminan, M., & Buxton, J. (2010). Tattooing and the risk of transmission of hepatitis C: a systematic review and meta-analysis. *International Journal of Infectious Diseases, 14*(11), e928-e940.
- James C. Tate, J. C., & Shelton, B. L. (2008). Personality correlates of tattooing and body piercing in a college sample: The kids are alright. *Personality and Individual Differences, 45*(4), 281-285.

- Jeffreys, S. (2000). 'Body art' and social status: Cutting, tattooing and piercing from a feminist perspective. *Feminism & Psychology*, 10, 409-429.
- Jennings, W. G., Fox, B. H., & Farrington, D. P. (2014). Inked into Crime? An Examination of the Causal Relationship between Tattoos and Life-Course Offending among Males from the Cambridge Study in Delinquent Development. *Journal of Criminal Justice*, Volume 42(1), 77-84.
- Jesuino, J. C. (2011). Um conceito reencontrado. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais 50 anos* (pp.53-57). Brasília: Technopolitik.
- Jodelet, D. (1984). Représentation Sociale: Phénomènes, Concept et Théorie. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale*. Paris, PUF.
- Jodelet, D. (1989). *Les representations sociales*. Paris: Press Universitaires de France.
- Jodelet, D. (1984). The representation of the body and its transformations. In R. Farr & S. Moscovici (Orgs.), *Social representations* (pp. 211-238). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jodelet, D. (1994). Le corps, la persone et autrui. In: S. Moscovici (Org.). *Psychologie sociale des relations à autrui*. (pp. 41-68). Paris: Nathan.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp.17-29). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D., & Moscovici, S. (1990). Les représentations sociales dans le champ social. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 3(3), 285-288.

- Jodelet, D., Ohana, J., Bessis-Moñino, C., & Dannenmüller, E. (1982). *Système de représentation du corps et groupes sociaux* (relatório vol. 1) Laboratoire de Psychologie Sociale : E. H. S. S.
- Juhas, E., English III, J. C. (2013). Tattoo-Associated Complications. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 26(2), 125-129.
- Justo, A. M. (2010). *Representações sociais sobre o corpo e implicações do contexto de inserção desse objeto*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC).
- Justo, A. M. (2016). *Corpo e representações sociais: sobrepeso, obesidade e práticas de controle de peso*. Tese de Doutorado em Psicologia. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).
- Karacaoglan, U. (2012). Tattoo and taboo: On the meaning of tattoos in the analytic process. *International Journal of Psychoanalysis*, 93, 5–28.
- Keith A. King, K. A., & Rebecca A. Vidourek, R. A. (2013). Getting inked: Tattoo and risky behavioral involvement among university students. *The Social Science Journal*, 50(4), 540-546.
- Kemp, K. (2005). *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus.
- Kertzman, S., Kagan, A., Vainder, M., Lapidus, R., & Weizman, A. (2013). Interactions between risky decisions, impulsiveness and smoking in young tattooed women. *BMC Psychiatry*, 13, 278.
- Kierstein, L., & Kjelskau, K. C. (2015). Tattoo as art, the drivers behind the fascination and the decision to become tattooed. *Current Problems in Dermatology*, 48, 37-40.
- Kim, J. J. (2015). Temporary Henna Tattoos as an Alternative Marking Method for External Beam Radiation Therapy Patients Who Decline Permanent Tattoos. *Journal of Medical Imaging and Radiation Sciences*, 46(1), 10-11.

- King, K., & Vidourek, R. A. (2007). University students' involvement in body piercing and adherence to safe piercing practices: Do males and females differ? *American Journal of Health Education, 38*, 284–293.
- King, K. A., & Vidourek, R. A. (2013). Getting inked: Tattoo and risky behavioral involvement among university students. *The Social Science Journal, 50*(4), 540-546.
- Kjeldgaard, D., & Bengtsson, A. (2005). Consuming the Fashion Tattoo. *Advances in Consumer Research, 32*, 172-177.
- Kluger, N. (2010). Body art and pregnancy. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology, 153*(1), 3-7.
- Kluger, N. (2012). Le tatouage religieux. *Annales de Dermatologie et de Vénérologie, 139*(11), 776-782.
- Kluger, N. (2014). Tatouages et imagerie médicale: problèmes et mythes. *La Presse Médicale, 43*(5), 529-533.
- Kluger, N. (2015). Pregnancies in tattooed female tattooists: an observational study. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology, 189*, 112–114.
- Kluger, N., & Aldasouqi, S. (2013). A new purpose for tattoos: Medical alert tattoos. *La Presse Médicale, 42*(2), 134-137.
- Kluger, N., & Kolionen, V. (2012). Tattoos, inks and cancer. *The Lancet Oncology, 13*(4), e161-e168.
- Kluger, N., Raison-Peyron, N., & Guillot, B. (2008). Tatouages temporaires au henné: des effets indésirables parfois graves. *La Presse Médicale, 37*(7–8), 1138-1142.
- Koch, J. R., & Roberts, A. E. (2012). The protestant ethic and the religious tattoo. *The Social Science Journal, 49*(2), 210-213.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2004). Correlations of religious belief and practice with college students' tattoo-related behavior. *Psychology Reports, 94*(2), 425-430.

- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2005). College students, tattoos, and sexual activity. *Psychological Reports, 97*, 887-890.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2010). Body art, deviance, and American college students. *The Social Science Journal, 47*(1), 151-161.
- Kossida, T., Rigopoulos, D., Katsambas, A., & Anderson, R. R. (2012). Optimal tattoo removal in a single laser based on the method of repeated exposures. *Journal of the American Academy of Dermatology, 66*(2), 271-277.
- Kosut, M. (2006). An Ironic Fad: The Commodification and Consumption of Tattoos. *The Journal of Popular Culture, 39*(6), 1035- 1048.
- Kosut, M. (2014). The Artification of Tattoo: Transformations within a Cultural Field. *Cultural Sociology, 8*(2), 142-158.
- Koziel, S., & Sitek, A. (2014). Self-assessment of attractiveness of persons with body decoration. *Journal of Comparative Human Biology, 64*, 317-325.
- Koziel, S., Kretschmer, W., & Pawlowski, B. (2010). Tattoo and piercing as signals of biological quality. *Evolution and Human Behavior, 31*(3), 187-192.
- Krakow, A. (1994). *The total tattoo book*. Nova Iorque: Time Warner.
- Krasic, D. B., Mitic, M. L., Kostic, J. S., Ilic, N. M., & Rankovic, M. Z., (2011). The psychological profile of young people and tattoo changes. *European Psychiatry, 26*(Supl.1), 315.
- Latzer, Y., Tzischinsky, O., & Asaiza, F. (2007). Disordered eating related behaviors among Arab schoolgirls in Israel: an epidemiological study. *International Journal of Eating Disorders, 40*, 263-70.

- Laumann, A. E., & Derick, A. (2006). Tattoos and body piercings in the United States: A national data set. *Journal of The American Academy of Dermatology*, 55(3), 413-421.
- Le Breton, D. (1995). *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Le Breton, D. (2002). *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié.
- Le Breton, D. (2004) *Sinais de Identidade*. Lisboa: Miosótes.
- Le Breton, D. (2016). Adolescence and skin. *Enfances et Psy*, 68(4), 70-82.
- Lee-Wong, M., Karagic, M., Silverberg, N. (2009). Anaphylactic reaction to permanent tattoo ink. *Annals of Allergy, Asthma & Immunology*, 103(1), 88-89.
- Legenbauer, T., Rühl, I., & Vocks, S. (2008). Influence of Appearance Related TV Commercials on Body Image State. *Behavior Modification*, 32(3), 352-371.
- Legnani, R. F. S., Legnani, E., Pereira, E. F., Gasparotto, G. da S., Vieira, L. F., & Campos, W. de. (2012). Transtornos alimentares e imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. *Motriz: Revista de Educação Física*, 18(1), 84-91.
- Lehman, E., Huy, J., Levy, E., Viet, S., Mobley, A., & McCleery, T. (2010). Bloodborne pathogen risk reduction activities in the body piercing and tattooing industry. *American Journal of Infection Control*, 38(2), 130-138.
- Lewicki, P. (1983). Self-image bias in person perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 384-393.
- Lin, Y. (2002) Age, sex, education, religion, and perception of tattoos. *Psychological Reports*, 90, 654-658.
- Lise, M. L. Z., Cataldo Neto, A., Gauer, G. J. C., Dias, H. Z. J., & Pickering, V. L. (2010). Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com



- inscrição de marcas no corpo. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, 85(5), 631-638.
- Macedo, M. M. K, Gobbi, A. S., & Waschburger, E. M. P. (2009). Marcas corporais na adolescência: (im)possibilidades de simbolização. *Psicologia em revista*, 15(1), 90-105.
- Madfis, E., & Arford, T. (2013). The dilemmas of embodied symbolic representation: Regret in contemporary American tattoo narratives. *The Social Science Journal*, 50(4), 547-556.
- Maggi J., Mugny, G., & Papastamou, S. (1998). Les styles de comportement et leur représentation sociale. Em: S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la psychologie sociale* (pp. 395-415). Paris: Presses Universitaires de France.
- Makkai, T., & McAllister, I. (2001). Prevalence of tattooing and body piercing in the Australian community. *Communicable Diseases Intelligence*, 25(2), 67-72.
- Mao, J. C., & DeJoseph, L. M. (2012). Latest Innovations for Tattoo and Permanent Makeup Removal. *Facial Plastic Surgery Clinics of North America*, 20(2), 125-134.
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2007). *Fundamentos de metodologia científica* (6. Ed.) São Paulo: Atlas.
- Marques, T. (1997). *O Brasil Tatuado e Outros Mundos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Maturana, L. (2004). Imagem corporal: noções e definições. *Rev. Digital EFDeportes*, 10 (71), 1-1.
- Mayers, L.B., & Chiffriller, S.H. (2008). Body art (body piercing and tattooing) among undergraduate university students: "then and now". *Journal of Adolescent Health*, 42(2), 201-203.
- McCabe, M.P, & Ricciardelli, L. Body image dissatisfaction among males across the lifespan: a review of past literature. *Journal Psychosomatic*, 56, 675-85.

- Medeiros, E. D., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Soares, A. K. S., & Lima, T. J. S. (2010). Escala de atitudes frente à tatuagem (EAFT): elaboração e evidências de validade e precisão. *Estudos de psicologia*, 27(2), 177-186.
- Millner, V. S., & Eichold, B. H. (2001). Body piercing and tattooing perspectives. *Clinical nurse research*, 10(4), 424-441.
- Moliner, P. (1994). L'étude expérimentale des processus représentationnels. Commentaire de l'article de R. Michit. *Papers on Social Representations*, 3, 118-122.
- Monteath, S., & McCabe, M. (1997). The influence of Societal Factors on Female Body. *The Journal of Social Psychology*, 137(6), 708-727.
- Moreira, J. de O., Teixeira, L. C., & Nicolau, R. de F. (2010). Inscrições corporais: tatuagens piercings e escarificações à luz da psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(4), 585-598.
- Moscovici, S. (1961/2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (1963). Attitudes and opinions. *Annual Review of Psychology*, 14, 231-260.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas, *Social Cognition*. London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (1994). La mentalité prélogique des primitifs et la mentalité prélogique des civilisés. In Moscovici, S. (Org.), *Psychologie sociale des relations à l'autrui* (pp.208-231). Paris: Armand Colin.

- Moscovici, S. (2000). Prefácio. In P. Guareschi, & S. Jovchelovitch, *Textos em representações sociais* (6ª edição). Porto Alegre: Ed. Vozes.
- Moscovici, S. (2001). Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp.45-66). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2005). Prefácio. In D. Jodelet, *Loucuras e Representações sociais*. Porto Alegre: Ed. Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A representação social da psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Vozes.
- Moscovici, S., & Hewstone, M. (1986). De la ciência al sentido común. In S. Moscovici (Org.), *Pensamiento y vida social* (pp. 674-710), Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, *Psicología Social*, Vol. 2.
- Mosherd, L., Oliverw, A., & Dolgan, J. (1967) Body image in tattooed prisoners. *Journal of Clinical Psychology*, 3, 31-32.
- Mucciarelli, G. (1999). Il tatuaggio: una ricerca psicometrica della personalita e della motivazione. [Tese de Doutorado]. Curso de Psicologia. Faculdade de Psicologia Università degli studi di Bologna.
- Muhr, T. (2004). *User's Manual for ATLAS.ti 5.0*. ResearchTalk Inc: Long Island
- Nascimento-Schulze, C.M., & Camargo, B. V. (2000). Psicologia Social. Representações Sociais e Métodos. *Temas Em Psicologia da SBP*, 8(3), 287-299.
- Nathanson, C., Paulhus, D.L., & Williams, K.M. (2006). Personality and misconduct correlates of body modification and other cultural deviance markers. *Journal of Research in Personality*, 40, 779–802.

- Netto, H. F. da (2011). O corpo como espaço imaginativo: tatuagem, práticas sociais e simbolismo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Antropologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Nóbrega, S, M. da (2003). Sobre a teoria das representações sociais. In A. S. Moreira, A. S. P., & J. C. Jesuíno, *Representações Sociais: teoria e prática* (2ª edição, pp.51-80). João Pessoa: Ed. Universitária/UFPR.
- Nolasco, S. (2006). A Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. *Revista Mal-Estar da Subjetividade*, 6(2), 370-395.
- Novak, P. dos S. (2012). A tatuagem como sistemas semiótico da cultura. Monografia. Curso de Comunicação Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Oliveira, R. de C. A. (2007). Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 4(9), 63-86.
- Ordaz, O., & Vala, J. (1998). Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 87-114). Goiânia: AB.
- Ory, P. (2006). Le corps ordinaire. In A. Corbain, J. J. Courtine & G. Vigarello (Orgs.), *Historie du corps: Les mutations du regard. Le XX<sup>e</sup> siècle* (pp. 129-449). Paris: Éditions du Seuil.
- Osório, A. (2006). Tatuagem e autonomia: reflexões sobre a adolescência. *Cadernos de campo*, 14(15), 83-98.
- Owen, D. C., Armstrong, M. L., Koch, J. R., & Roberts, A. E. (2013). College students with body art: well-being or high-risk behavior? *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services*, 51(10), 20-28.
- Pabst, M. A., Letofsky-Papst, I., Bock, E., Moser, M., Dorfer, L., Egarter-Vigl, E., & Hofer, F. (2009). The Tattoos of the Tyrolean

- Iceman: a light microscopical, ultrastructural and element analytical study. *Journal of Archaeological Science*, 36(10), 2335-2341.
- Paim, F. F., & Kruehl, C. S. (2012). Interlocação entre Psicanálise e Fisioterapia: conceito de corpo, imagem corporal e esquema corporal. *Psicologia Ciência e Profissão*, 32(1), 158-173.
- Pajor, A. J., Broniarczyk-Dyła, G., & Świtalska, J. (2015). Satisfaction with life, self-esteem and evaluation of mental health in people with tattoos or piercings. *Psychiatria Polska*, 49(3), 559-573.
- Pelegriani, A., & Petroski, E. L. (2010). The association between body dissatisfaction and nutritional status in adolescents. *Human Movement*, 11(1), 51-57.
- Pérez, A. L. (2006). A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 12(1), 179-206.
- Petroski, E. L., Pelegriani, A., & Glaner, M. F. (2009). Insatisfação corporal em adolescentes rurais e urbanos. *Motricidade*, 5(1), 13-25.
- PewResearchCenter.(2010).Millenials:Aportraitofgenerationnext.Retrievedfrom <http://www.pewresearch.org/millennials>.
- Pierrat, J. (2000). *Les hommes illustrés. Le tatouage des origines a nos jours*. Paris: Larivière.
- Pinho, M. X., & Rosa, M. D. (2014). Luto em versão contemporânea: as tatuagens memoriais. *Trivium*, 1(6), 18-28.
- Pozgain, I., Barkić, J., Filaković, P., & Koić, O. (2004). Tattoo and personality traits in Croatian veterans. *Yonsei Medical Journal*, 45(2), 300-305.
- Pravettoni, G., & Miglioretti, M. (2004). Italian youth subculture: collection, self-esteem, and self-efficacy. *Psychological Reports*, 95, 564-576.

- Preti, A., Pinna, C., Nocco, S., Mulliri, E., Pilia, S., Petretto, D. R., & Masala, C; (2006). Body of evidence: Tattoos, body piercing, and eating disorder symptoms among adolescents. *Journal of Psychosomatic Research*, 61(4), 561-566.
- Pritzker, R. N., Iyengar, V., Rohrer, T. E., &Arndt, K. A. (2015). Laser treatment of tattoos and pigmented lesions. *Surgery of the Skin*, 13, 524-535.
- Putniņš, A. (2002). Young offenders, tattoos and recidivism. *Psychiatry Psychology and Law*, 9(1), 62-68.
- Ramos, C. M. A. (2001). *Teorias da tatuagem: corpo tatuado – uma análise da loja Stroppa Tattoo da Pedra*. Florianópolis: UDESC.
- Raspa, R. F., & Cusack, J. (1990). Psychiatric implications of tattoos. *American Family Physician*, 41, 1481-1486.
- Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour lês Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software] Disponível em: < <http://www.iramuteq.org>>.
- Ratinaud, P., & Marchand, P. (2012). Application de la méthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux”: analyse du “CableGate” avec IraMuTeQ. In: *Actes des 11eme Journées internationales d’Analyse statistique des Données Textuelles*(835–844). Presented at the 11eme Journées internationales d’Analyse statistique des Données Textuelles. JADT 2012, Liège.
- Resenhoeft, A, Villa, J., & Wiseman, D. (2008). Tattoos can harm perceptions: a study and suggestions. *Journal of American College Health*, 56(5), 593-596.
- Richardson, R. J. (2009). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rivardo, M. G., & Keelan, C. M.(2010). Body modifications, sexual activity, and religious practices. *Psychological Reports*, 106(2), 467-74.

- Roberti, J. W., & Storch, E. A. (2005). Psychosocial adjustment of college students with tattoos and piercings. *Journal of College Counseling, 8*, 14–19.
- Roberti, J. W., Storch, E. A., & Bravata, E. (2004). Sensation seeking, exposure to psychosocial stressors, and body modifications in a college population. *Personality and Individual Differences, 37*, 167–177.
- Roberts, A. E., Koch, J., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2006). Correlates of tattoos and reference groups. *Psychological Reports, 99*, 933-934.
- Roberts, T. A., & Ryan, S. A. (2002). Tattooing and High-Risk Behavior in Adolescents. *Pediatrics, 110*, 1058-1063.
- Rodrigues, J. C. (1979). *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Rodriguez, L. da S., & Carreteiro, T. C. O. C. (2014). Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. *Psicologia & Sociedade, 26*(3), 746-755.
- Rosen, J. C., Orosan, P., & Reiter, J. (1995). Cognitive behavior therapy from negative body image in obese women. *Behavior Therapy, 26*(1), 25-42.
- Rouquette, M.-L. (1988). *La psychologie politique*. Paris: PUF.
- Rouquette, M. L. (1998). Representações e práticas sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Ruvio, A. (2008). Unique Like Everybody Else? The Dual Role of Consumers' Need for Uniqueness. *Psychology & Marketing, 25*(5), 444–464.
- Sá, C. P. (1994). Sur les relations entre représentations sociales, pratiques socio-culturelles et comportement. *Papers on Social Representations, 3*, 40-46.

- Sá, C. P. de (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Sabino, C., & Luz, M. T. (2006). Tatuagem, gênero e lógica da diferença. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), 251-272.
- Sacco, A. M., Couto, M. C. P. de P., & Koller, S. H. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, 24(1), 233-25.
- Saikali, Carolina Jabur, Soubhia, Camila Saliba, Scalfaro, Bianca Messina, & Cordás, Táki Athanássios. (2004). Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Archives of Clinical Psychiatry*, 31(4), 164-166.
- Samadelli, M., Melis, M., Miccoli, M., Vigl, E. E., & Zink, A. R. (2015). Complete mapping of the tattoos of the 5300-year-old Tyrolean Iceman. *Journal of Cultural Heritage*, 16(5), 753-758.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.
- Sammut, G., Andreouli, E., Gaskell, G. & Valsineer, J. (2015). Social representations: a revolutionary paradigm? In G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell, & J. Valsineer (Eds.), *The Cambridge Handbook of Social Representations* (pp. 3-11). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sanders, C. R. (1988). Marks of mischief. *Journal of Contemporary Ethnography*, 16, 395-432.
- Satchithananda, D. K., Walsh, J., & Schofield, P. M. (2001). Bacterial endocarditis following repeated tattooing. *Heart*, 85, 11-12.
- Scheinfeld, N. (2007). Tattoos and religion. *Clinics in Dermatology*, 25(4), 362-366.
- Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes.



- Schlösser, A. (2013). Representações sociais da beleza física e sua influência no estabelecimento de amizades e relacionamentos amorosos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Schlösser, A. (2014). “Princesa agora é do tipo Fiona”: Representações da mulher contemporânea em músicas do sertanejo universitário. *Caminhos*, 5(11), 181-196.
- Secchi, K., Camargo, B. V., & Bertoldo, R. B. (2009). Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 229-236.
- Segheto, k. J., Pereira, e. S., & Gama, E. F. (2010). Esquema Corporal: Considerações Teóricas, *FIEP Bulletin on line*, 80, 1-1.
- Seiter, J. S., & Hatch, S. (2005). Effect of tattoos on perceptions of credibility and attractiveness. *Psychological Reports*, 96, 1113-1120.
- Seiter, J. S., & Sandry, A. (2003) Pierced for success? the effects of ear and nose piercing on perceptions of job candidates' credibility, attractiveness, and hirability. *Communication Research Reports*, 20, 287-298.
- Separavich, M. A., & Canesqui, A. M.(2010). Girando a Lente Socioantropológica sobre o Corpo: uma breve reflexão. *Saúde Sociedade* 19(2) 249-259.
- Shebani, S. O., Miles, H. F. J., Simmons, P., & De Giovanni, J. V. (2007). Awareness of the risk of endocarditis associated with tattooing and body piercing among patients with congenital heart disease and pediatric cardiologists in the United Kingdom. *Archives of Disease in Childhood*, 92, 1013-1014.
- Sierra, J. J., Jillapalli, R. V., Badrinarayanan, V. A. (2013). Determinants of a lasting purchase: The case of the tattoo patron. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 20(4), 389-399.

- Silva, S. G. Da (2011). As modificações corporais na sociedade contemporânea. *Cadernos de psicanálise*, 33(25), 239-257.
- Siqueira, R. A. de, & Queiroz, E. F. de. (2012). O estatuto contemporâneo das identificações em sujeitos com marcas e alterações corporais. *Tempo psicanalítico*, 44(1), 37-49.
- Solano, P., Magagnoli, M., Pizzorno, E., Innamorati, M., Bruzzone, L., & Amore, M. (2014). EPA-1070 – Suicide attempts and “body-art”: is there any correlation? a preliminary study. *European Psychiatry*, 29(1), 1.
- Sosin, I. (2014). EPA-0786 - Tattoo as a subculture and new form of substantial addiction: The problem identification. *European Psychiatry*, 29(1), 1.
- Souza Filho, E. A. de (1996). A dimensão grupal/identitária na produção de representações sociais. In C. Nascimento-Schulze (Org.), *Novas Contribuições para a teorização e pesquisa em representação social* (pp.85-108). ANPEPP: Florianópolis.
- Souza, M. F. de. (2001). Os usos da tatuagem: o corpo como tela de significados. *Revista brasileira de psicoterapia*, 3(3), 257-274.
- Souza, R. C. F. de, & Camargo, B. V. (2002) Representações sociais e relações intergrupais de duas categorias profissionais. *Revista de Ciências Humanas* (Especial Temática), 6, 25-34.
- Stemmer, S. M., & Shurshalina, A. (2014). Colonoscopic tattoo Dye Spillage Mimics Endometriosis on Laparoscopy. *Journal of Minimally Invasive Gynecology*, 21(4), 704-707.
- Stephens, M. B. (2003). Behavioral Risks Associated With Tattooing. *Family Medicine*, 35(1), 52-54.
- Stieger, S., Pietsching, J., Kastner, C. K., Voracek, M., & Swami, V. (2010). Prevalence and acceptance of tattoos and piercings: A survey of Young adults from the southern German-speaking área of central Europa. *Perceptual and Motor Skills*, 110, 1065-1074.

- Stirn, A. (2004). Motivations for body modification among subjects with tattoos and piercings. *Zeitschrift für Klinische Psychologie Psychiatrie und Psychotherapie*, 52(1), 43-58.
- Stirn, A., Brähler, E., & Hinz, A. (2006). Prevalence, sociodemography, mental health and gender differences of tattooing and body piercing. *Psychotherapie, Psychosomatik, Medizinische Psychologie*, 56 (11), 445-449.
- Stirn, A., & Hinz, A. (2008). Tattoos, body piercings, and self-injury: Is there a connection? Investigations on a core group of participants practicing body modification. *Psychotherapy research*, 18(3), 326-333.
- Stirn, A., Hinz, A., Brähler, E. (2006). Prevalence of tattooing and body piercing in Germany and perception of health, mental disorders, and sensation seeking among tattooed and body-pierced individuals, *Journal of Psychosomatic Research*, 60, 531-534.
- Stirn, A., Oddo, S., Peregrinova, L., Philipp, S., & Hinz, A. (2011). Motivations for body piercings and tattoos - the role of sexual abuse and the frequency of body modifications. *Psychiatry Research*, 190(2-3), 359-363.
- Stuppy, D.J., Armstrong, M.L., & Casals-Ariet, C. (1998). Attitudes of health care providers and students toward tattooed people. *Journal of Advanced Nursing*, 27, 1165-1170.
- Swami, V., & Furnham, A. (2007). Unattractive, promiscuous and heavy drinkers: Perceptions of women with tattoos. *Body Image*, 4, 343-352.
- Swami, V. (2011). Marked for life? A prospective study of tattoos on appearance anxiety and dissatisfaction, perceptions of uniqueness, and self-esteem. *Body Image*, 8, 237-244.
- Swami, V. (2012). Written on the body? Individual differences between British adults who do and do not obtain a first tattoo. *Scandinavian Journal of Psychology* 53, 407-412.

- Swami, V., & Furnham, A. (2007). Unattractive, promiscuous, and heavy drinkers: Perceptions of women with tattoos. *BodyImage*, 4, 343–352.
- Swami, V., Gaughan, H., Tran, U. S., Kuhlmann, T., Stieger, S., & Voracek, M. (2015). Are tattooed adults really more aggressive and rebellious than those without tattoos? *Body Image*, 15, 149–152.
- Swami, V., Pietschnig, J., Bertl, B., Nader, I. W., Stieger, S., & Voracek, M. (2012). Personality differences between tattooed and non-tattooed individuals. *Psychological Reports: Mental and Physical Health*, 111(1), 97-106.
- Swami, V., Tran, U. S., Kuhlmann, T., Stieger, S., Gaughan, H., & Voracek (2016). More similar than different: Tattooed adults are only slightly more impulsive and willing to take risks than Non-tattooed adults. *Personality and Individual Differences*, 88, 40–44.
- Tajfel, H. (1982). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In A. F. Barroso, B. M. Silva, J. Vala, B. M. Monteiro, & M. H. Castro (Orgs.), *Mudança social e psicologia social* (pp. 13-24). Lisboa: Livros horizonte.
- Tap. P. (1979). Relations interpersonnelles et gênese de l'identit . *Homo*, 15(2), 7-43.
- Tate, J. C., & Shelton, B. L. (2008). Personality correlates of tattooing and body piercing in a college sample: The kids are alright. *Personality and Individual Differences*, 45, 281-285.
- Tavares, M. C. G. C. (2003). *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. São Paulo: Manole.
- Taylor, A. J. W. (1968) A search among Borstal girls for the psychological and social significance of their tattoos. *British Journal of Criminology*, 8, 170-185.
- Taylor, A. J. W. (1970). Tattooing among male and female of fenders of different ages in different types of institution. *Genetic Psychology Monograph*, 81, 81-119.

- Thakur, B. K., & Verma, S. (2016). Tattoo Practices in North-East India: A Hospital-based Cross-sectional Study. *Journal of Cutaneous and Aesthetic Surgery*, 9(3), 172-176.
- Thomas, C. M., Ehret, A., Ellis, B., Colon-Shoop, S., Linton, J., & Metz, S. (2010) Perception of nurse caring, skills, and knowledge based on appearance. *Journal of Nursing Administration*, 40(11), 489-497.
- Thompson, J. K. (1996). *Body Image, Eating Disorders and Obesity*. Washington D.C.: American Psychological Association.
- Thompson, K. (2015). Comparing the psychosocial health of tattooed and non-tattooed women. *Personality and Individual Differences*, 74, 122-126.
- Tiggemann M., & Golder, F. (2006). Tattooing: an expression of uniqueness in the appearance domain. *Body Image*, 3(4), 309-315.
- Tiggemann, M., & Hopkins, L. (2011). Tattoos and piercings: bodily expressions of uniqueness. *Body Image*, 8, 245-250.
- Trindade, Z. A. (1998a). Reflexão sobre o estatuto das práticas na TRS. Textos para discussão. Anais. *Simpósio Internacional sobre Representações sociais: Questões Epistemológicas*, 1, 18-28 Natal: UFRN.
- Trindade, Z.A. (1998b). *Na teoria as práticas são outras* [mimeo]. Trabalho apresentado no VII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (14p.). Gramado, RS.
- Trindade, Z. A., Santos, M. de F. de S., & Almeida, A. M. de O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 101-121), Brasília: Technopolitik.

- Turner, B. S. (1999). The possibility of primitiveness: towards a sociology of body marks in cool societies. *Body and Society*, 5(2-3), 39-50.
- Vail, A. (1999). Tattoos are like potato chips...you can't have Just one: The process of becoming a tattoo collector. *Deviant Behavior*, 20, 253-273 .
- Vala, J. (1986). Sobre as Representações Sociais - Para uma Epistemologia do Senso Comum. *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 5-30.
- Vala, J. (1996). Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala, & M. B. Monteiro. *Psicologia Social* (2 ed.), Lisboa: Calouste Gulbekian.
- Vala, J. (2006). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala & M. B. Monteiro. *Psicologia Social* (6ª edição) (pp.457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valentí, X. S. (2009). Tatuajes. Um estúdio antropológico y social. *Piel*, 24(6), 314-324.
- Van der Meer, G. T., Weijmar Schultz, W. C. M., & Nijman, J. M. (2008). Intimate body piercings in women. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 29, 235-239.
- Vefserne, T. J. P. (1969) The personality traits of tattooed adolescent offenders. *British Journal of Criminology*, 9, 172-175.
- Vergara, R. L. (2007). Cuerpos transgresores/cuerpos transgredidos. Carne y memória marcadas: Los jóvenes y SUS prácticas de modificación corporal. *Última década*, 26, 103-119.
- Wachelke, J. F. R. (2007). Efeitos de instruções de questões abertas na ativação de elementos de representações sociais. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC).

- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicologia*, 41(2), 379- 390.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp.3-25). Goiânia: AB.
- Wagner, W. (2000). Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In P. Guareschi, & S. Jovchelovitch, *Textos em representações sociais* (6ª edição). Porto Alegre: Ed. Vozes.
- Wagner, W. (2003). História, memória e senso comum – representações sociais e interdisciplinaridade. In A. S. Moreira, A. S. P., & J. C. Jesuíno, *Representações Sociais: teoria e prática* (2ª edição, pp.15-28). João Pessoa: Ed.Universitária/UFPR.
- Werner, H. (1957). *Comparative psychology of mental development*. New York: International Universities Press.
- Westerfield HV, Stafford AB, Speroni KG, Daniel MG. (2012). Patients' perceptions of patient care providers with tattoos and/or body piercings. *Journal of Nursing Administration*, 42 (3),160-164.
- Wiseman, D. B. (2010). Perceptions of a tattooed college instructor. *Psychological Reports*, 106(3), 845-850.
- Wittmann-Price, R. A., Gittings, K. K., & Collins, K. M. (2012). ¿Qué percepción del arte corporal tienen los profesionales de enfermería? *Nursing (Ed. española)*, 30(8), 36-38.
- Wohlrab, S. Fink, B., Kappeler, P. M., & Brewer, G. (2009a). Perception of human body modification. *Personality and Individual Differences*, 46, 202–206.
- Wohlrab, S. Fink, B., Kappeler, P. M., & Brewer, G. (2009b). Differences in Personality Attributions Toward Tattooed and Nontattooed Virtual Human Characters. *Journal of Individual Differences*, 30(1), 1–5.

- Wohlrab, S., Fink, B., & Kappeler, P.M. (2005). Menschlicher Körperschmuck aus evolutionärer Perspektive – Diversität und Funktion von Tätowierungen, Piercings und Skarifizierungen. [Human body ornaments from an evolutionary perspective – Diversity and function of tattoos, piercings, and scarifications]. *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft Wien*, 134/135, 1–10.
- Wohlrab, S., Fink, B., Kappeler, P. M., & Brewer, G. (2009). Perception of human body modification. *Personality and Individual Differences*, 46(2), 202-206.
- Wohlrab, S., Stahl, J., & Kappeler, P. M. (2007). Modifying the body: Motivations for getting tattooed and pierced. *Body Image*, 4(1), 87-95.
- Wohlrab, S., Stahl, J., Rammsayer, T., & Kappeler, P.M. (2007). Differences in personality characteristics between body modified and nonmodified individuals and possible evolutionary implications. *European Journal of Personality*, 21, 931–951.
- Yen, C-F., Hsiao, R. C., Yen, J-Y., Yeh, Y-C., Wang, P-W., Lin, H-C., & Ko, C-H. (2012). Tattooing among high school students in southern Taiwan: The prevalence, correlates and associations with risk-taking behaviors and depression. *The Kaohsiung Journal of Medical Sciences*, 28(7), 383-389.
- Zrno, M., Frencl, M., Degmecic, D., & Pozgain, I. (2015). Emotional profile and risk behaviours among tattooed and non-tattooed students. *Medicinski Glasnik*, 12(1), 93-98.



## 10. APÊNDICE

### 10.1. APÊNDICE 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**LACCOS- LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL DA**  
**COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO**  
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (entrevista)**

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada “Tatuagem: representações e práticas sociais de indivíduos tatuados”, a qual tem por objetivo compreender o que as pessoas pensam sobre a tatuagem. A proposta é que, através do seu depoimento e colaboração, consigamos compreender melhor os significados atribuídos à tatuagem na atualidade. A pesquisa utiliza uma entrevista que será respondida pelo(a) senhor(a), sobre o que você pensa sobre a tatuagem, bem como suas práticas de tatuar-se. A pesquisa pauta-se na norma 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Garantimos que todas as informações que o(a) senhor(a)

nos trazer serão confidenciais e apenas utilizadas para fins de pesquisa, e em momento algum você será identificado. Como os conteúdos da entrevista abordam questões íntimas e subjetivas de sua vida, é possível que haja algum desconforto. Se, durante a entrevista o(a) senhor(a) sentir a necessidade de pará-la, a mesma será finalizada. Caso após a entrevista o(a) senhor(a) perceber a mobilização de sentimentos que necessitem de acompanhamento psicoterapêutico, o pesquisador estará disponível para realizar o encaminhamento para o Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC) a fim de garantir atendimento psicológico. É importante mencionar que você tem a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes deste estudo. A sua participação é absolutamente voluntária e não remunerada. O pesquisador estará à disposição para esclarecimentos, antes, durante e depois da pesquisa. Você é livre para desistir de participar a qualquer momento, basta notificar os pesquisadores pessoalmente ou por meio dos *e-mails* de contato que estão no final deste documento. Ressaltamos que todas as informações serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico, que poderá ser publicado em espaços acadêmicos e científicos. Esclareço que será realizada a devolução dos resultados da pesquisa a você, em data a ser agendada, caso haja interesse dos mesmos. Salientamos que você tem a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes deste estudo. Após a leitura do presente termo e do aceite em participar do estudo, solicito sua assinatura no termo.

**Pesquisadores:** Adriano Schlösser – [adriano.psicologia@yahoo.com.br](mailto:adriano.psicologia@yahoo.com.br)  
 Brigido Vizeu Camargo – [brigido.camargo@yahoo.com.br](mailto:brigido.camargo@yahoo.com.br)

**Contato telefônico:** +55 (48) 3721-9067

Eu, ..... declaro por meio do presente documento o meu consentimento em participar dessa pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Cidade:..... Data: ...../...../ 2015.

.....

.....

Assinatura do participante

.....  
.....  
Assinatura do pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH  
Universidade Federal de Santa Catarina  
R. Desembargador Vitor Lima, n.222. Trindade - Florianópolis-  
SC.  
Contato: (48) 37216094

## 10.2. APÊNDICE 2



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**LACCOS- LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL DA**  
**COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO**  
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (questionário)**

Prezado (a) Participante,  
Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada “Tatuagem: representações e práticas sociais de indivíduos tatuados”, a qual tem por objetivo investigar o que pensam os participantes sobre a tatuagem. Sua participação consistirá em responder algumas questões sobre o tema, trazendo informações sobre suas opiniões sobre eles. Não há respostas certas ou erradas, pois o importante é sua opinião sincera. A pesquisa pauta-se na norma 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua participação é voluntária e anônima, sendo que você nunca será

identificado nesta pesquisa ou em quaisquer publicações que derivem deste projeto. Suas informações serão decodificadas em números. O preenchimento completo do questionário levará de 10 a 20 minutos. Seu trabalho será ler e assinalar as respostas que julgar adequado a sua opinião. Você é livre para desistir de participar a qualquer momento da pesquisa, mas reiteramos a importância de sua participação. Como os conteúdos do questionário abordam questões íntimas e subjetivas de sua vida, é possível que haja algum desconforto. Se isso ocorrer, o senhor(a) poderá pará-la imediatamente. Caso após a atividade o(a) senhor(a) perceber a mobilização de sentimentos que necessitem de acompanhamento psicoterapêutico, o pesquisador estará disponível para realizar o encaminhamento para o Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC) a fim de garantir atendimento psicológico. A sua participação é absolutamente voluntária e não remunerada. Novamente enfatizamos que sua participação é de suma importância para nós. O pesquisador estará à disposição para esclarecimentos, antes, durante e depois da pesquisa. Você é livre para desistir de participar a qualquer momento, basta notificar os pesquisadores pessoalmente ou por meio dos *e-mails* de contato que estão no final deste documento. Ressaltamos que todas as informações serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico, que poderá ser publicado em espaços acadêmicos e científicos. Esclareço que será realizada a devolução dos resultados da pesquisa a você, em data a ser agendada, caso haja interesse dos mesmos. Salientamos que você tem a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes deste estudo. Após a leitura do presente termo e do aceite em participar do estudo, solicito sua assinatura no referido termo.

**Pesquisadores:** Adriano Schlösser – [adriano.psicologia@yahoo.com.br](mailto:adriano.psicologia@yahoo.com.br)  
 Brigido Vizeu Camargo – [brigido.camargo@yahoo.com.br](mailto:brigido.camargo@yahoo.com.br)  
**Contato telefônico:** +55 (48) 3721-9067

Eu, ..... declaro por meio do presente documento o meu consentimento em participar dessa pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Cidade:..... Data: ...../...../ 2015.

.....  
Assinatura do participante

.....  
Assinatura do pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH  
Universidade Federal de Santa Catarina  
R. Desembargador Vitor Lima, n.222. Trindade-Florianópolis-SC.  
Contato: (48) 37216094

### **10.3. APÊNDICE 3**

#### **Survey online: Tatuagem: representações e práticas sociais**

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada “Tatuagem: representações e práticas sociais”, a qual tem por objetivo investigar o que pensam sobre o assunto. Sua participação será responder algumas questões sobre o tema, trazendo informações e opiniões sobre eles. Não há resposta certa ou errada, pois o importante é sua opinião sincera. A pesquisa pauta-se na norma 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua participação é voluntária, anônima e não remunerada, mas ela é de suma importância para nós. O preenchimento completo do questionário levará, entre 5 e 10 minutos. Seu trabalho será ler e assinalar as respostas que julgar adequadas a sua opinião. Você é livre para desistir de participar a qualquer momento da pesquisa. Como os conteúdos do questionário abordam questões pessoais, é possível que haja algum desconforto. Se isso ocorrer, você poderá interrompê-la. O pesquisador estará à disposição para esclarecimentos sobre a pesquisa. Em caso de aceite dos termos, basta seguir à pesquisa.

Agradecemos sua participação.

Pesquisadores: Adriano Schlösser –  
adriano.psicologia@yahoo.com.br

Brigido Vizeu Camargo –

brigido.camargo@yahoo.com.br

Andréia Isabel Giacomozzi - agiacomozzi@hotmail.com

(        ) Aceito                      (        ) Não aceito

Nessa primeira etapa, queremos conhecer um pouco mais sobre sua relação com a tatuagem. Para demarcar quais questões devem ser respondidas EXCLUSIVAMENTE por pessoas que não possuam tatuagem, as questões serão iniciadas pelas iniciais ST (sem tatuagem). As questões respondidas EXCLUSIVAMENTE por pessoas que possuam tatuagem serão iniciadas pelas iniciais CT (com tatuagem). As questões que devem ser respondidas por TODOS os participantes não apresentarão iniciais, devendo ser respondida obrigatoriamente para dar-se sequência na atividade.

**1. Você possui alguma tatuagem?**

- (    ) Não, mas eu gostaria de ter.
- (    ) Não, mas eu pretendo realizar.
- (    ) Não, e não pretendo realizar.
- (    ) Sim, mas não gostaria de ter realizado.
- (    ) Sim, e estou satisfeito com a(s) que possuo.
- (    ) Sim, e pretendo realizar mais.

**2. (ST) - Caso você não possua tatuagem, qual(is) o(s) motivo(s) para não possuir? (Podem ser assinadas mais de uma resposta):**

- (    ) Não acho atraente.
- (    ) Falta de aprovação familiar.
- (    ) Preocupação com o aspecto da tatuagem na velhice
- (    ) Medo da dor
- (    ) Custo financeiro.
- (    ) Medo de morrer.
- (    ) Preocupação com avaliação negativa das pessoas.
- (    ) Motivações religiosas.
- (    ) Preocupação com risco à saúde.

- ( ) Não acha que ficaria bonito em mim.  
( ) Vulgar.  
( ) Preocupação com emprego  
( ) Outra:\_\_\_\_\_.
3. **(CT) - Quantos anos você tinha quando realizou sua primeira tatuagem?\_\_\_\_\_.**
4. **(CT) - Alguma de suas tatuagens não foi realizada num estúdio de tatuagem?**  
( ) Sim, apenas uma vez.  
( ) Sim, mais de uma vez.  
( ) Não, sempre foi realizada em estúdio(s).
5. **(CT) - Em qual(is) cidades você realizou sua(s) tatuagem(s)?**  
\_\_\_\_\_.
6. **(CT) - Quantas tatuagens você possui atualmente?**  
\_\_\_\_\_.
7. **(CT) - Com relação ao tamanho de suas tatuagens, assinale a resposta que mais se adeque a sua tatuagem mais visível:**  
( ) raramente visível.  
( ) visível apenas em roupas íntimas ou roupas de banho (biquíni ou sunga).  
( ) visível em shorts, regatas e sapatos abertos.  
( ) visível em camisas, camisetas e calças.  
( ) sempre visível.
8. **(CT) - Escreva os locais que você possui tatuagem (e quais desenhos possui) por ordem de realização:**  
\_\_\_\_\_.
9. **(CT) - Qual(is) sua(s) motivação(ões) para tatuar-se? (Pode ser assinalada mais de uma resposta):**  
( ) forma de expressão.  
( ) expressão de masculinidade.  
( ) expressão de feminilidade.  
( ) expressão de identidade.

- só queria ter uma.
- demonstração de fora e resistência.
- lembrança de um evento vivido ou história de vida.
- lembrança de alguém significativo.
- ferramenta de proteo o ou expressão religiosa.
- motivado por um evento traumático.
- impulsividade.
- alerta médico.
- rebelião ou transgressão.
- atratividade física.
- pertencimento grupal.
- manifestao de arte.
- alterar alguma marca no corpo.
- moda.
- dor e ritualizao.
- estética.
- insatisfao com a aparência física.
- outros motivos.

**10. (CT) - Caso você pudesse alterar e/ou remover sua(s) tatuagem(s), a(s) faria?**

- Não removeria nenhuma.
- Removeria uma ou mais, pois perdeu(ram) o(s) significado(s).
- Removeria uma ou mais, pois acho feia(s).
- Outros motivos: \_\_\_\_\_.

**11. (CT) - Você já foi vítima de algum tipo de discriminao, em funo da tatuagem? Em caso afirmativo, descreva brevemente o local e a situao.**

- Não.
- Sim. \_\_\_\_\_.

**12. Você considera fisicamente mais atraentes indivíduos com tatuagem? Explique brevemente o(s) motivo(s).**

- Não. \_\_\_\_\_.
- Sim. \_\_\_\_\_.

**13. (CT) - Você considera-se fisicamente mais atraente após ter**



**feito tatuagem(s)?**

Não.

Sim.

**14. Qual(is) local(is) no corpo você considera atraente em indivíduos do sexo masculino tatuados? (Pode ser assinalada mais de uma resposta).**

não acho atraente.

rosto.

pescoço.

peito.

região do bíceps.

antebraço.

quadril.

coxa.

panturrilha.

costas.

glúteos.

abdômen.

acho atraente em todas as partes do corpo.

outras áreas: \_\_\_\_\_.

**15. Qual(is) local(is) no corpo você considera atraente em indivíduos do sexo feminino tatuadas? (Pode ser assinalada mais de uma resposta).**

não acho atraente.

rosto.

pescoço.

peito.

região do bíceps.

antebraço.

quadril.

coxa.

panturrilha.

costas.

glúteos.

abdômen.

acho atraente em todas as partes do corpo.

( ) outras áreas: \_\_\_\_\_.

16. (CT) - **Você sente-se satisfeito(a) com sua aparência após ter feito tatuagem?**

( ) Não.

( ) Sim.

17. (CT) - **Quando você realizou sua primeira tatuagem, sua família ou um de seus membros não foi a favor? Explique brevemente o(s) motivo(s):**

( ) Sim.

( ) Não. Motivo:\_\_\_\_\_.

18. (CT) - **A opinião dos seus familiares alterou-se, após a realização da tatuagem?**

( ) Sim.

( ) Não.

Estamos quase finalizando nossa pesquisa!

Nessa etapa, queremos saber um pouco mais sobre alguns comportamentos. As questões permanecem sendo de múltipla escolha. Nesta etapa, TODOS os participantes responderão as questões, não havendo distinção entre tatuados e não tatuados. Sua participação é muito importante para concretização da pesquisa.

Obrigado!

19. **Cerca de quantos parceiros(as) sexuais você teve no último ano?**

( ) 2 ou menos.

( ) 3 a 5.

( ) 6 a 10.

( ) 11 ou mais.

20. **Com relação as suas experiências sexuais:**

( ) Ocasionalmente faço sexo com pessoas desconhecidas e/ou recém conhecidas.

( ) Sempre faço sexo com pessoas desconhecidas e/ou recém conhecidas.

( ) Nunca faço sexo com pessoas desconhecidas e/ou recém conhecidas.

21. **Com quantos anos você teve sua primeira experiência sexual?** \_\_\_\_\_.
22. **Com relação ao uso do preservativo:**  
( ) Ocasionalmente faço sexo sem preservativo.  
( ) Sempre faço sexo sem preservativo.  
( ) Nunca faço sexo sem preservativo.
23. **Com relação ao uso do tabaco:**  
( ) Nunca usei.  
( ) Fumo ocasionalmente.  
( ) Fumo todos os dias.
24. **Com relação ao consumo de álcool:**  
( ) Não faço uso de álcool.  
( ) Bebo ocasionalmente.  
( ) Bebo toda semana, mas ocasionalmente.  
( ) Ocasionalmente, costumo beber até ficar embriagado.  
( ) De modo recorrente, costumo beber até ficar embriagado.
25. **Sobre o uso de maconha e/ou haxixe:**  
( ) Não faço uso.  
( ) Ocasionalmente faço uso.  
( ) Faço uso constante.
26. **Sobre o uso de outras drogas ilegais:**  
( ) Não faço uso.  
( ) Ocasionalmente faço uso.  
( ) Faço uso constante.
27. **Alguma vez você já agrediu fisicamente alguém, de maneira intencional?**  
( ) Não.  
( ) Sim.
28. **Você tem (ou teve) algum diagnóstico psiquiátrico?**

- ( ) Não.
- ( ) Sim. Qual(is): \_\_\_\_\_.

**29. Alguma vez você já pensou em suicídio?**

- ( ) Não.
- ( ) Sim.

Chegamos ao final da pesquisa!

Neste momento, solicitamos apenas algumas questões de caracterização, para conhecer um pouco seu perfil. Novamente, **TODOS** os participantes responderão as questões. Ao final, haverá um espaço para você deixar seu contato de email, caso tenha interesse em receber um feedback, com os resultados gerais da pesquisa.

Agradecemos sua disponibilidade e atenção!

**30. Sexo:**

- ( ) Masculino.
- ( ) Feminino.

**31. Idade:**\_\_\_\_\_.

**32. Estado civil:**

- ( ) solteiro.
- ( ) namorando.
- ( ) casado(a) ou num relacionamento estável.
- ( ) divorciado(a).
- ( ) viúvo(a).

**33. Escolaridade:**

- ( ) Fundamental incompleto.
- ( ) Fundamental completo.
- ( ) Médio incompleto.
- ( ) Médio completo.
- ( ) Superior incompleto.
- ( ) Superior completo.
- ( ) Pós graduação incompleto.
- ( ) Pós graduação completo.

**34. Religião:**

- ( ) ateísmo.
- ( ) agnosticismo.

- ) catolicismo.
- ) protestantismo.
- ) evangelicismo.
- ) espiritismo.
- ) budismo.
- ) judaísmo.
- ) islamismo.
- ) acredito numa força superior, mas não possuo uma religião específica.
- ) Outras: \_\_\_\_\_.

**Agradecemos mais uma vez sua disponibilidade em responder à essa pesquisa. Caso tenha interesse em receber os resultados, basta escrever seu email abaixo, para encaminharmos os resultados, ao finalizar o projeto.**

---